

Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS

DOMINGO, 13 DE AGOSTO DE 1972 — N.º 17831 | ANO 52.º — PREÇO 1\$50



O TEMPO ENLOUQUECEU?

O tempo enlouqueceu? Parece que sim: no Rio de Janeiro, em pleno Inverno, a praia de Copacabana enche-se de biquínis e corpos tostados; em Lisboa, os ventos sopram como se estivessemos em Novembro; em Paris, grossos casacos de lã continuam a ser vistos nas ruas. No mundo inteiro, as doenças provocadas pelas súbitas variações de clima tornam-se endémicas. Os cientistas entram em debates: para uns, as mudanças de tempo são fenómenos temporários; para outros, a Terra está a preparar-se para uma nova Era Glacial. (P. 11)

Como levar as crianças à praia



A volta já está na estrada

(Reportagem do enviado especial NEVES DE SOUSA em DL/Desporto)



Sabem as mães que um dia na praia com duas crianças desenfreadas pode tornar-se verdadeiro inferno. Uma já basta, mas vigiar as duas é tarefa exaustiva e demolidora dos nervos. A prática sra. Anne Pearce, de Brighton inventou nova maneira de segurar os meninos balançando-os consigo a caminho do mar. Pediu ao marido que construísse uma versão da canga usada pelos leiteiros, instalando assentos de lona no lugar das bilhas. Como toda a gente sabe uma canga precisa de dois pesos iguais para se equilibrar. Assim, Anne pediu emprestada uma criança, Sharon Davies, de vinte meses, para contrapor ao peso da sua, também de vinte meses.

Apanhem Mao vivo ou morto



Lin Piao, Mao Tse-tung e a mulher deste, Ciang Geng

Começam a conhecer-se pormenores das circunstâncias em que Lin Piao desapareceu da cena política chinesa, em cuja hierarquia ocupava o segundo lugar, logo depois de Mao. A conspiração que o velho marechal da Longa Marcha organizou visava não apenas nova aproximação com o Kremlin, mas também a eliminação física de Mao. Ao que tudo indica, Lin foi exterminado quando fugia para a União Soviética. A reportagem exclusiva sobre o fim de Lin Piao está nas págs. 14 e 15.

HOJE: 32 PÁGINAS

DL DOMINICAL

SETE DIAS NO MUNDO

O SONHO DE BOB KENNEDY

As esperanças dos partidários de George McGovern renasceram até certo ponto quando o candidato democrático à presidência dos Estados Unidos da América conseguiu finalmente encontrar um substituto para Thomas Eagleton, o seu infeliz companheiro de lista, vítima do seu passado clínico, de tratamento psiquiátrico e de electrochoques. E não é caso para menos pois o substituto que o senador do Dakota do Sul teve sérias dificuldades em desencantar é Sargent Shriver, o «cunhado dos Kennedy», com um passado que o torna particularmente «interessante» para a campanha democrática, até às eleições de Novembro. Ligado aos Kennedy por laços de família, por ser casado com uma irmã do senador Edward Kennedy, foi, nomeadamente, chefe dos Corpos da Paz americanos, dirigente do programa do presidente Lyndon Johnson de combate à pobreza e embaixador em Paris. A sua actual candidatura à vice-presidência dá-lhe a oportunidade de deixar de ser apenas um «meio Kennedy» e de granjear uma posição política própria, se bem que um dos objectivos óbvios de McGovern ao escolhê-lo foi juntar ao seu arsenal de propaganda um pouco da «magia» kennediana. E o próprio candidato à presidência deve algo a elementos daquela família americana. Com efeito, os malogrados John e Robert Kennedy abriram em parte o caminho que McGovern está agora a percorrer e muitos dos obreiros da organização posta de pé para as eleições deste ano foram herdados da campanha interrompida em 1968, quando Bob, com grandes probabilidades de vir a ser o candidato democrático à Casa Branca, foi abatido a tiro por um jovem palestino árabe. Compreende-se, portanto, que Shriver, após a confirmação da sua escolha, tenha manifestado a esperança de que se esteja em vias de reconstituir a coligação com que Bob sonhou — actualizada sob a forma de coligação dos jovens, dos pobres, dos negros e dos trabalhadores. Mas, se por um lado McGovern, com a ajuda de Shriver, espera reforçar a sua aura de paladino dos pobres, em oposição ao presidente republicano Richard Nixon — o homem dos ricos —, por outro lado, o seu novo companheiro, devido às suas relações nos meios de negócios, com os dirigentes sindicais e caciques políticos como o «mayor» de Chicago, Richard Daley, permite aliciar um sector do centro político americano, até há bem pouco tempo desencantado com a tendência acentuadamente para a esquerda manifestada pelo senador do Dakota do Sul e pelos seus partidários, a «nova vaga» que tomou de assalto o Partido Democrático, desalojando dos postos de comando a «velha». Depois do caso Eagleton, que ameaçou comprometer a sua campanha, McGovern, mais atrás de Nixon do que antes — 23 por cento de voltas de diferença, segundo uma sondagem de opinião —, tropeçou ainda nas recusas de Edward Kennedy, Edmund Muskie e Hubert Humphrey antes de acertar no alvo, a juntar o nome de Shriver aos seus trunfos eleitorais. E, presentemente, as esperanças voltam a ser tais que observadores, cépticos antes das eleições primárias quanto às possibilidades de McGovern, já não se atrevem a garantir a derrota democrática, apesar da formidável vantagem republicana. Aliás, o trabalho de renovação do Partido Democrático a que o adversário de Nixon meteu ombros e o seu programa de reformas nacionais são de molde a permitir ao eleitorado uma escolha clara entre republicanos conservadores e democráticos progressistas — aquilo que poderá ser a grande opção do século para os americanos.

SEGUNDA-FEIRA

A retirada soviética do Egipto terminou, segundo afirmações do primeiro - secretário da comissão central do partido único do Egipto, Saed Mari. Por outro lado, círculos diplomáticos do Cairo declararam que o tratado de amizade russo - egípcio ficou praticamente suspenso. Um pequeno número de instrutores permaneceu no país — no dizer de Saed Mari. Os dois mil russos que ficaram no Egipto, constituem, de facto, um número inferior ao que existia ali antes da guerra dos seis dias. A um ritmo de vários milhares por dia, os soviéticos abandonaram o Egipto de navio ou de avião. Cerca de 15 000 conselheiros e 25 000 dependentes — num total de 40 000 pessoas teriam deixado o Egipto em poucos dias. Entre esses russos contam-se cerca de 400 pilotos e os técnicos que operavam os mísseis terra - ar e levaram também consigo o equipamento militar secreto que tinham a seu cargo.

TERÇA - FEIRA

Centenas de estivadores britânicos em greve tiveram um encontro com a polícia no Lincolnshire, o segundo acto de violência em doze dias de greve portuária, de que resultaram onze agentes hospitalizados e onze estivadores presos. Nas ilhas de Jersey e Guernsey, no canal da Mancha os veraneantes começaram a achemar os cigarros, ao mesmo tempo que se começava a sentir a falta de «whisky» e cerveja. O governo britânico apelou para os estivadores no sentido de abrandarem a sua greve, a fim de evitar que a fome atingisse certas ilhas e evitar a matança de gado em larga escala. Mesmo assim, nas ilhas Shetland, ao largo da Escócia, os produtos alimentares começaram a ser racionados.

A CRESCENTE EXPANSÃO DO B.P.M.

- Um Banco «novo» na idade e no dinamismo

Constituído em Banco desde há poucos meses, a organização bancária que o público se habituou a conhecer pelas iniciais B P M entrou já numa fase de crescente expansão.

Para corresponder às novas exigências daí resultantes, o Banco Pinto de Magalhães vai elevar o seu capital para 500 mil contos, por meio de uma emissão de acções do valor nominal de mil escudos, parte das quais serão postas à disposição

do público, nas condições de subscrição que serão anunciadas oportunamente, mas que despertam desde já grande interesse.

Essa elevação do capital fará com que o montante de capital e reservas do B P M atinja cerca de 700 mil contos.

Por outro lado, a rede de estabelecimentos bancários B P M, que já dispõe no Continente de 30 balcões, vai ser acrescida de oito novas unidades — 6 agências e 2 dependências — já oficialmente autorizadas, o

que assegura uma larga cobertura de todo o País.

As seis novas agências B P M abrirão brevemente em Aveiro, Seia, Loulé, Alcochete, ilha da Madeira e ilha de São Miguel, as duas dependências situam-se no Porto junto à Via Rápida e em Lisboa (na zona das Picoas).

Além disso, a actividade bancária do Banco Pinto de Magalhães estende-se ao estrangeiro, não só por intermédio de corres-

pondentes, mas com escritórios próprios em França (Paris), na Alemanha (Dusseldorf) e no Brasil (Rio de Janeiro e São Paulo).

Os clientes do B P M contam-se por centenas de milhares — clientes fiéis, que reconhecem a prontidão e eficiência dum Banco que utiliza os processos da nossa época, onde o acolhimento é sempre cordial e os assuntos estudados com a atenção de que são merecedores.

QUARTA-FEIRA

O presidente Idi Amin, do Uganda, deu três meses a cerca de cinquenta mil asiáticos para abandonar o país. O presidente salientou que a sua decisão tinha sido motivada por considerações económicas e não por sentimentos racistas. «Nenhum país pode tolerar que a sua economia seja tão dominada por estrangeiros como é hoje o caso do Uganda» — justificou-se Amin. A Inglaterra viu-se imediatamente envolvida na questão na medida em que a maioria dos asiáticos expulsos era portadora de passaportes britânicos. Londres enviou por isso o ministro Geoffrey Rippon a Kampala, com o objectivo de tentar dissuadir o presidente ugandês a revogar o ultimato e evitar um eventual alude de novos emigrantes de cor no Reino Unido. O vizinho Quénia encerrou logo a seguir a sua fronteira, a fim de não deixar passar os expulsos para o seu território e a Índia viu-se igualmente envolvida no problema, devido à ascendência indiana dos asiáticos residentes no Uganda.

QUINTA-FEIRA

Rainer Barzel, chefe da oposição cristã-democrática da República Federal Alemã, que se encontrava a passar férias no Algarve, suspendeu a sua estadia no nosso país em con-

sequência do caso «Quick». A revista «Quick» esteve na origem de um escândalo ao publicar a carta confidencial de demissão do antigo «super-ministro» da Economia e das Finanças Karl Schiller. A oposição cristã-democrática tentou servir-se deste caso nas eleições legislativas antecipadas para o fim do ano. O chanceler Willy Brandt viria mais tarde a negar qualquer responsabilidade do Governo na severa rusga policial de que foram alvo, durante dois dias, as instalações da revista «Quick» em Munique e duas outras cidades

SEXTA-FEIRA

A admissão do Governo revolucionário provisório do Vietname do Sul (Vietcong) e do governo cambojano no exílio do príncipe Norodom Sihanouk, na conferência dos países não-alinhados, em Georgetown, Guiana, levou ao abandono da reunião por parte da Indonésia, Malásia e Laos, em sinal de protesto. Entretanto, a Organização de Libertação da Palestina foi autorizada a fazer-se representar por observadores. Por outro lado, a Argélia foi escolhida como o país onde se realizará a conferência de 1974, em detrimento de Ceilão, que se candidatara para esse efeito. Os não-alinhados estudaram ainda auxílio a prestar aos movimentos de libertação e o ministro cubano dos Negócios Estrangeiros Raul Roa, exortou os ou-

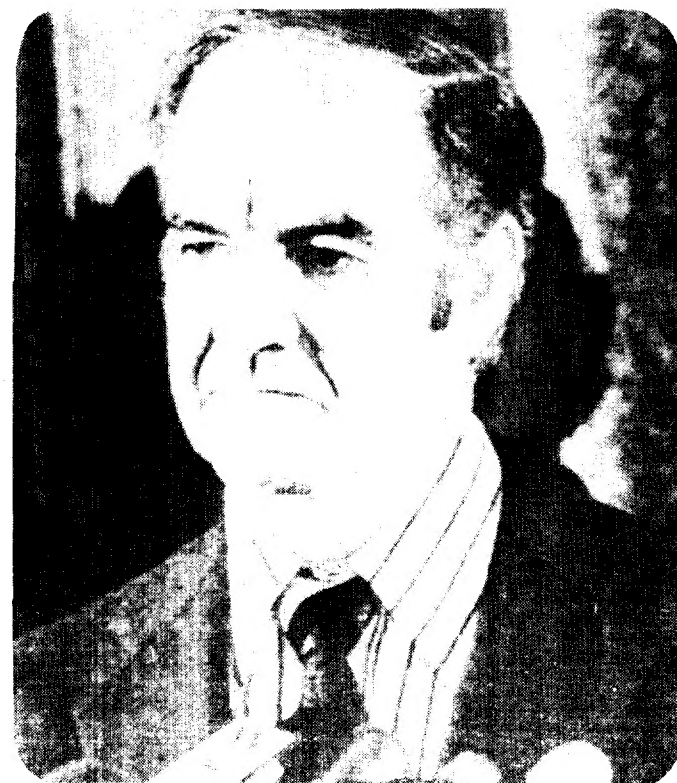
tros delegados a adoptarem uma atitude resolutamente anti-imperialista, solicitando também apoio para o movimento de independência de Porto Ri-

a guerra, os gigantescos bombardeiros americanos B-52 despejaram sobre diferentes objectivos mais de mil toneladas de bombas, sensivelmente na mesma altura em que os membros da comissão internacional de inquérito aos crimes de guerra dos Estados Unidos na Indochina davam uma conferência de imprensa em Hanoi, comparando um desses elementos as devastações provocadas pelos bombardeamentos aos efeitos da segunda guerra mundial na Europa. Outro elemento da comissão, o antigo ministro americano da Justiça, Ramsey Clark, mostrou-se impressionado com o que viu e disse ter visitado um campo de prisioneiros americanos, cuja situação constitui uma das maiores preocupações do público dos Estados Unidos no que diz respeito ao prolongamento do conflito no Sueste da Ásia.

co, dependência dos Estados Unidos da América.

SÁBADO

Nos seus maiores ataques ao Vietname do Norte, em toda



McGovern realiza o sonho de Bob Kennedy



Povo de Uganda exigiu nas ruas a expulsão dos asiáticos

DL/DOMINICAL

CALEIDOSCÓPIO

CARTA DE ISRAEL

O TELHADO SEM VIOLINISTA



Cenas do filme «Um Violinista no Telhado», com o excepcional comediante Topol

CARTA DE NOVA YORK

Um sorriso por Cervantes

NOVA YORK — Das sete às nove da manhã, os passeiros das ruas de Nova Iorque encontram-se «inundados» de cadeiras, cadeirões, camas, aparelhos de rádio e de televisão, guitarras, móveis, etc., etc. Tudo velho, à espera que os carros da limpeza passem e os retirem dali.

As vezes, no meio do lixo, vêem-se montes de livros brochados e outras publicações.

Ontem, ao passar pela rua 73, vi diante de uma porta uma pilha de livros que pareciam estar em bom estado ainda. Em direcção contrária à minha vinham duas jovens a quem a pilha de livros chamava a atenção. Aproximaram-se e examinaram-nos. Eu fiquei a dois passos de distância, observando-as. Uma das «girls» morenita, com uns quinze anos apenas, escolheu uma brochura intitulada «Cervantes».

A moça reparou na minha surpresa e disse-me:

— O senhor queria-o?

— Oh, não! — respondi-lhe. — Agradá-me bastante que tenha escolhido esse livro».

Cumprimentou-me com um sorriso e partiu na companhia da amiga.

A três séculos de distância, o nome de Cervantes ainda fez florescer sorrisos nas ruas de Nova Iorque.

II

Há anos, tivemos em casa para fazer a limpeza uma mulher chamada Crystal. Negra, alta, bem parecida, devia ter à volta de 35 anos. Acabava de chegar de Barbados, como emigrante. Era casada e tinha sete filhos, todos rapazes.

De momento, omarido e os filhos continuavam em Barbados. Ela tina vindo à frente como «exploradora», dava a impressão de ser formal. Em nossa casa trabalhava três horas diárias, cinco dias por semana. Tinha mais duas casas onde prestava idênticos serviços domésticos. Ganhava por semana cerca de 100 dólares.

Disse-nos então que o seu primeiro propósito era conseguir que o marido viesse também para aqui. E logo que arranjassem trabalho, viriam então os dois filhos mais velhos, depois os outros dois e assim, escalonadamente, até estarem todos de novo reunidos.

Ao fim de algum tempo, Crystal disse-nos que o marido já tinha chegado e andava a procurar emprego. Semanas depois, comunicou-nos que o marido já estava empregado e que ela deixaria de vir a nossa casa,

Por
W. K. MAYO

porque tencionava matricular-se numa escola preparatória de secretárias.

Minha mulher e eu ficámos um tanto ou quanto assombrados com tais declarações. Mas Crystal falava a sério.

Decorreram alguns anos. Ontem, por intermédio de uma amiga de Crystal, que foi quem no-la recomendara, tivemos notícias dela.

Crystal está empregada num banco e o marido ascensorista num hospital. Os filhos já estão todos com a escola. Mas Crystal falava a sério.

Crystal e o marido compraram uma casa em Brooklyn, que estão a pagar a mensalidade e já têm automóvel!

III

Vivo há vinte e dois anos no bairro comercial e residencial, situado entre Riverside Drive e a Broadway, ruas 60 e 72. Durante estes vinte e dois anos, assisti ao zencerramento de cinco barbearias, uma após outra.

Primeiro, fui cliente de uma, onde trabalhavam ita-

lianos, no cruzamento da Broadway e da rua 65. Um dia, sem que se saiba porquê, fechou.

Fui a outra, situada também na Broadway, entre as ruas 66 e 67. Teve a mesma sorte: um dia, encerrou também.

Passei então a uma outra, igualmente na Broadway, entre as ruas 71 e 72. Era muito asseada e satisfazia-me totalmente. Os barbeiros que ali trabalhavam eram libaneses. Quando em Julho de 1967 deflagrou a guerra dos Seis Dias entre Israel e os países árabes, tive a impressão de que os «figaros» eram anti-israelitas, e como no bairro há muitos judeus, a clientela começou a decrescer e teve que fechar.

Procurei uma outra. Escolhi então uma situada no rés do chão do hotel Ansonia. Estava excelentemente apetrechada e julguei que teria longa vida. mas, enganei-me. E um belo dia, fechou também.

Deste modo, tive que procurar uma outra, a quinta. Descobri então uma na Amsterdam e a rua 70. Era modesta e diferente das outras. Trabalhavam ali três barbeiros: o patrão e dois oficiais. Tinha uma particularidade: não barbeavam, só cortavam cabelos.

O dono era americano, descendente de italianos; um dos oficiais era um italiano emigrante, que havia sido fascista na época de Mussolini; e o outro era portorriquenho, Juan, e bastante simpático.

Há dias, quando lá fui a fim de cortar o cabelo, encontrei-a fechada. Havia deixado de existir também.

E assim, no meu bairro, já não há barbearias. A moda masculina dos cabelos compridos matou-as. Eu não terei outro remédio que adaptar-me aos novos hábitos e deixar crescer o cabelo...

JERUSALEM — Bastante feliz a peça que o comediante Topol levou ao cinema. **A Fiddler on the roof**, ou seja **o Violinista no Telhado**, conta a história de um judeu que anda por esse mundo de Deus aferrado às tradições do seu povo. Quando ocorreu a Diáspora, no século I da nossa era, os judeus meteram a pátria no boral e partiram à inauguração da nostalgia. A pátria era um livro sagrado que se lia com devoção. A pátria eram os seus costumes peculiares. Ritual e liturgia. Mitos e heróis. E uma épica.

O povo «eleito» marchou a passo lento. Levaram dois mil anos a retornar ao lar. Raro povo, muito raro mesmo. Não conheço mitos mais sólidos que os dos judeus. Resistiram a tudo: aos romanos, aos bárbaros e aos cristãos. E a nazis e a comunistas (os últimos judeófbos). A circuncisão e a cerimónia do sábado — o Sadath — juntavam o que a geografia separava.

Além, no deserto inemita, uma mulher robusta passava os seus dedos sobre o candelabro de sete braços; mais adiante, um severo barbudo golpeava a glande de um rapazinho; em todas as sinagogas se discutiam os rolos da Lei. Obstinadas entranhas líricas as deste povo. Dois milénios — dois mil anos! — sonharam sobre uma armadura de fumo e de poesia. Nos momentos de terror — e tantos eles foram! — ouvia-se um mágico acorde que lhe dava sempre um pouco de alento. O violinista — a poesia, a tradição, a magia (serão coisas distintas?) — arranhava as cordas. E um dia fez-se pátria. Um dia a milenária promessa — o ano próximo em Israel — cumpriu-se. E o violinista?

Israel ano de 1972. Povo disparado para o progresso. Povo de cientistas e de trabalhadores. De comerciantes e de industriais. Israel não tem nada que ver com o Médio Oriente. Nada com a mentalidade oriental. É raivosamente ocidentalista. Israel é o último e o mais saudável «rebento» da cultura euro-americana. É quase uma síntese de todo o pensamento económico-social dos últimos séculos. Casaram Marx com Smith numa cerimónia em que o oficiante foi Keynes. Mandam um sindicalismo inteligente que não jugula a fonte nutritiva. Impera, implacável, o deus progresso. O domínio da técnica apaixonada.

Israel é o primeiro passageiro a bordo da voragem do Ocidente. Atrevo-me a afirmar que é aqui e não nos Estados Unidos que operam com mais vigor os mitos que puseram em marcha e competência as nações mais civilizadas. Vi aqui, junto ao Muro das Lamentações, a fila ululante e ondulante dos homens de fé. E vi também o olhar compassivo de um fero «sabrá» — um jovem nativo de Israel — ante as asseverações dogmáticas de um judeu ortodoxo. A tradição já não é útil para o israelita.

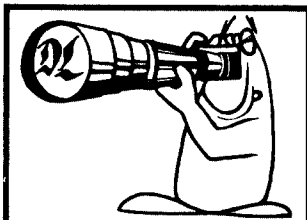
Em rigor, a tradição é até um estorvo para o homem moderno. E o homem moderno — porque o é — afasta-a à vassourada da sua vida. O israelita descobriu que as pátrias não são livros sagrados nem cerimónias semanais. A pátria é outra coisa. Todos os anos chegam judeus a Israel. Vêm atrás da música do violinista.

Por CARLOS MONTANHA

ta. Daquele que tocava em cima dos telhados. E em Jerusalém dão-lhes (ou descobrem) a má nova: o violinista morreu. Era natural: qual o estado moderno que pode dar-se ao luxo da poesia?



Com a pátria no boral



O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por José Lopes — FERREIRA DO ALENTEJO

***** VIAGEM ACOMPANHADA AOS *****

ESTADOS UNIDOS

POR GUIN PORTUGUÊS

Partida: 5 de Outubro de Lisboa, Porto, Faro e Funchal.

VISITANDO: Washington • Phoenix (Arizona) • Grand Canyon
Las Vegas • Los Angeles • São Francisco • Nova Iorque

PREÇO 23.200\$00 INCLUIDO:

Viagem em avião • Acesso a transportes aéreos • Hotéis/Apartamentos • Visitas em todos os locais de interesse. Alojamento em quarto com banheiro em excelentes hotéis incluindo pequeno almoço e jantar.

Informe-se e inscreva-se na

STAR A MAIOR AGÊNCIA DE VIAGENS PORTUGUESA

LISBOA • ESTORIL • PORTO • FAIRO • FUNCHAL • LISBOA

DL/DOMINICAL

RELIGIÃO

A tarefa de Demétrio I



Conseguirá Demétrio I, eleito em 16 de Julho, após a morte de Atenágoras, novo patriarca de Constantinopla, ver reunido o Santo e Grande Sínodo da Igreja Ortodoxa? Se o visse, seria testemunha de um acontecimento histórico: o último sínodo reconhecido por todos os ortodoxos é de facto, o VII Concílio Ecuménico, que teve

lugar em Niceia no ano de 787. Porém, á parte a história, um sínodo seria uma ocasião preciosa, para a ortodoxia, de se medir de uma nova forma com o mundo.

«É significativo que não se diga nunca «a Igreja ortodoxa», mas «as Igrejas ortodoxas», diz um estudioso romano do cristianismo oriental. «Há muitas

Igrejas ortodoxas. E aqui que está a dificuldade. A autonomia tem muitas vantagens. Excepto a da unidade». A ortodoxia é constituída, com efeito, por uma constelação de Igrejas locais, autocéfalas (isto é, absolutamente independentes, cada uma com o seu próprio chefe) ou autónomas (isto é, dependentes, em alguns aspectos, da Igreja de que se destacaram, mas a caminho da autocefalia). Sobre todas elas tem um primato espiritual o patriarca de Constantinopla. Porém, á primazia espiritual não corresponde nenhum poder real. O patriarca de Constantinopla só tem poder no seu patriarcado: na prática sobre cerca de 2 milhões de fiéis. As outras Igrejas ortodoxas (eram 21 em 1965, com cerca de 135 milhões de fiéis: a comunidade mais numerosa é a do patriarcado de Moscovo que conta cerca de 60 milhões de fiéis) têm com ele, e entre si, relações apenas formais.

INDEPENDÊNCIA: Este fraccionamento é, no conjunto, consequência e causa de uma perigosa fraqueza. As Igrejas ortodoxas sempre têm sido, substancialmente, Igrejas de Estado: desde que o patriarca de Constantinopla sustenta a própria preeminência, ba seando-a no facto de a cidade se ter tornado a capital do império, isto é, a nova Roma. Na mesma base, inevitavelmente, todas as novas capitais, desde Moscovo a Varsóvia, de Atenas a Belgrado, de Bucareste a Chipre, reivindicaram a independência. «Porém, o identificar-se com um grupo étnico, com uma nação, com uma capital», diz o estudioso romano, «nada mais fez do que pôr as Igrejas nas mãos do poder político».

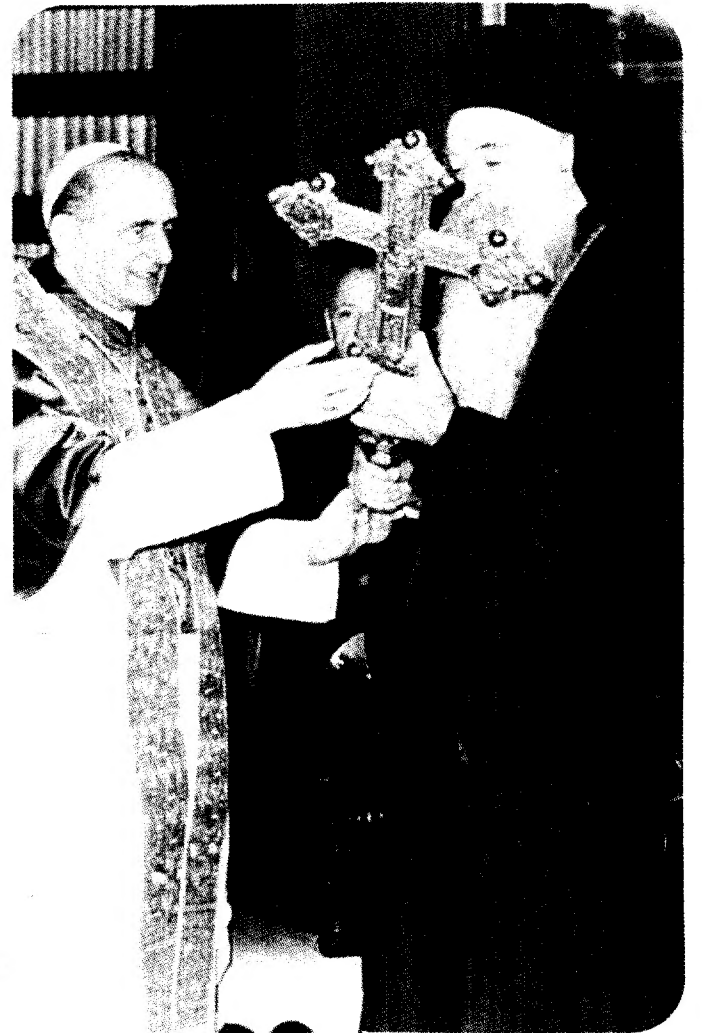
Concedendo-lhes honras e haveres, o Estado servia-se da Igreja como de um instrumento de governo e deixava-lhe escassa liberdade de debate e de procura. Depois, na Europa Oriental, os comunistas subiram ao poder. «E de tudo isto nasce o tradicionalismo quase exasperado das Igrejas ortodoxas», diz um estudante grego que vive em Milão.

A Igreja católica e a ortodoxa estão divididas sobre algumas questões doutrinais: o Espírito Santo na Santíssima Trindade, o purgatório (que para certos teólogos ortodoxos não existe), a imaculada concepção e a as-

sunção ao céu de Maria (que a maioria dos teólogos ortodoxos repele), o primato e a infalibilidade do papa (que é o ponto de mais forte dissidência). Há, também, notáveis diferenças no campo litúrgico e disciplinar: nas Igrejas ortodoxas a crisma é dado juntamente com o baptismo e pode ser renovada em caso de apostasia e, depois, de retorno á fé; o santo óleo pode ser dado, também, aos fiéis não doentes; os padres podem casar-se, mas antes de serem con-

e celebra-se uma só missa por dia.

Para não estarem isoladas num mundo que se modifica, as Igrejas ortodoxas deveriam libertar-se de certas tradições. Só o sínodo panortodoxo pode fazê-lo. E na preparação do Sínodo trabalha-se há tempo. «Porém, a empresa é árdua», diz o estudioso romano. «Basta pensar na dificuldade para o patriarca Demétrio de ter relações com o arcebispo Makários, enquanto a Turquia e a Grécia



Paulo VI e Atenágoras no Vaticano

sagrados diáconos, após o que não poderão voltar a casar-se ainda que fiquem viúvos; os bispos não podem ser casados; o matrimónio pode ser dissolvido, mediante processo canónico, por várias razões.

JEJUM: Mas há outras tradições seculares. Em Moscovo, as funções religiosas são celebradas em grego antigo, em Atenas em grego antigo. São cerimónias muito belas e sugestivas, mas muitíssimo longas: durante a Semana Santa, o fiel deveria estar na igreja praticamente todo o dia. O jejum ortodoxo é rigorosíssimo: desde segunda-feira antes das Cinzas até ao Sábado Santo (exceptuando os sábados e aos domingos) são proibidos a carne, o peixe, os ovos, o queijo, os lacticínios de uma forma geral, e até o óleo (podem comer-se, portanto, os legumes, a fruta, as verduras, o mel). Nas igrejas ortodoxas quase não há liturgia vespertina

se enfrentam sobre a questão de Chipre. Ou como possam emigrar a brancos em Paris ou Nova Iorque com os do patriarcado de Moscovo».

O sínodo poderia decidir a reforma do calendário litúrgico (que está atrasado 13 dias sobre o solar), a reforma do jejum, uma maior participação dos laicos na vida da Igreja, poderia esclarecer as relações entre os patriarcas e as colónias das emigrações e dar respostas homogêneas e válidas para todos os muitos problemas teológicos e pastorais. O que seria importante, também, para a Igreja Católica. Diz monsenhor Enrico Galbiati, professor de Ciências Bíblicas na Universidade Católica de Milão: «o sínodo panortodoxo seria o primeiro passo para um concílio ecuménico. Porém, se a ortodoxia continua a aparecer fraccionada, com quem dialogamos nós, os católicos?».

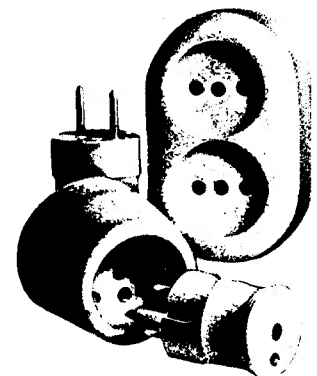
Realizar é melhor que produzir

ROMA — «O trabalho de realização é muito mais fatigante do que a produção, mas é bastante mais estimulante» — declarou, em conferência de Imprensa, o produtor Francesco Mazzei, que pela primeira vez realizou uma película. Trata-se de «L'ora, il luogo e il moven-

te», filme agora em montagem do próprio Mazzei e de Marcello Aliprandi. As principais interpretações foram confiadas a Renzo Montagnani, Bedy Moratti, Eca Czneris, Arturo Trina, Mauro Bonuglia, Salvatore Puntillo e Claudia Gravi.

APARELIAGEM
PARA
INSTALAÇÕES

FICHAS E TOMADAS



J.F.

J.F. DE AZEVEDO E SILVA & C., Lda

TEL. 654165 * LISBOA

NOVEMBRO A 2 DE DEZEMBRO — EXPOSIÇÃO ITINERANTE SERGE POLIAKOFF

5 DE DEZEMBRO A 30 DE DEZEMBRO GRANDE EXPOSIÇÃO

INOXIDÁVEL — TAPEÇARIAS — BRONZES.

EXPOSIÇÕES

GALERIA S. MAMEDE

Rua da Escola Politécnica, 163-175

DA CHINA DE CRUZEIRO SEIXAS — OBRAS RECENTES 1972

CHARTERS DE ALMEIDA — ESCULTURAS — AÇO

12 DE DEZEMBRO A 30 DE DEZEMBRO

SALAS COM UMA EXPOSIÇÃO DE 24 DESENHOS A TINTA

17 DE OUTUBRO A 4 DE NOVEMBRO — RAUL PEREZ — Surrealista

14 DE NOVEMBRO A 2 DE DEZEMBRO — INAUGURAÇÃO DE NOVAS

TÉCNICOS DE RÁDIO E ELECTRÓNICA

que reúnam os seguintes requisitos:

- Curso Industrial, 2.º ciclo liceal ou instrução primária e formação profissional especializada adquirida em organizações oficiais ou privadas de reconhecida idoneidade;
- Nacionalidade portuguesa;
- Serviço militar cumprido ou dele isento;
- Menos de 36 anos de idade.

OFERECE:

- Vencimento compatível;
- 13.º mês;
- Subsídio de férias;
- Salários diferidos;
- Regalias Sociais;
- Viagens.

Só serão consideradas as candidaturas que respondam inteiramente às exigências postas.

Inscrições na Divisão do Planeamento do Pessoal até ao dia 27 do corrente — Edifício 25, 1.º andar — Aeroporto de Lisboa.

TAP

TRANSPORTES AÉREOS PORTUGUESES

**CARTA
DO BRASIL**

CHIANCA DE GARCIA

UMA TRAGICOMÉDIA NO ASILO

Aconteceu agora uma tragico-média que infelizmente fechou as portas do Asilo das Velhas Senhoras Desamparadas, facto que seria um escândalo se a palavra não estivesse desmoralizada.

Sim, pois hoje em dia nada há que escandalize ninguém. Provoca, no máximo, sorrisos, piadas, anedotas, e é só. Por isso passou em branca nuvem a tempestade de muros que pôs fim ao mencionado Asilo, apesar de algumas pobres senhoras inocentes terem sido vítimas de culpas que não lhes sujavam a consciência. Poucas, porém...

ANUNCIAÇÃO

E bonita a história do Asilo das Velhas Senhoras Desamparadas. Foi criado por D. Francisca dos Olivais Salema, portuguesa com setenta anos de Brasil. Chegou do Minho aos cinco anos de idade, com os pais. Instalou-se a família no Rio de Janeiro. Cidade então alegre e confiada, mas onde durante anos ela aprendeu o que era dureza. Aos sete anos, porém, casou com o patrão do pai, dono de um armazém perto dos arcos da Lapa. Teve cinco filhos. Um dia, Salema, após desastrosos financeiros, deu um tiro na cabeça. Ficou ela sôzinha para criar e educar as crianças contando apenas com a sua firme energia lusitana. Desse esforço um dos rapazes virou médico, outro advogado, o terceiro farmacêutico, o quarto formou-se em agronomia, e o último especializou-se em mecânica industrial. Tudo isto nas duras penas da enérgica D. Francisca. Depois, cada um seguiu o seu destino. Casaram. Tiveram filhos. E deixaram D. Francisca, doente e só, numa casinha suburbana e humilde. Então, aí conheceu a solidão. Escreveu aos filhos, queixando-se, já estavam todos espalhados pelos cafundós do Brasil. Recebeu promessas: **Agora as coisas vão mal**, e até um ou dois presentinhos sem valor. Calou-se. E assim se deu por esquecida, porque desde então nem carta, nem no Natal, um

seu. Formariam juntas uma comunidade. Como irmãs no mesmo destino. E foi assim que nasceu o Asilo das Velhas Senhoras Abandonadas.

COMPETIÇÃO

Para seu espanto apareceram centenas de concorrentes. Com bom senso, resolveu seleccionar apenas vinte. Como lição à sociedade, e ao mundo, chegava. E assim começaram, juntas, desenrolando os vinte fios de emaranhados e injustas recordações antigas.

DETERMINAÇÃO

E certo que D. Francisquinha (assim era tratada) passou a ser uma ditadora. Mantinha a instituição dominando-a com recordado desportismo, o que, como se diz agora, Freud explica. Por exemplo, proibira contactos humanos para além dos muros do Asilo. Muito menos com o sexo oposto, embora tivessem aparecido vários candidatos tão velhos como elas e, como elas tão sós e abandonadas. Mas a todos ela opôs a mais firme obstinação: **Nunca, aqui dentro só mulheres!**

COMPARAÇÃO

Isto faz lembrar, é certo, a luta que, no Rio de Janeiro, se estabeleceu em volta da vetusta Academia Brasileira de Letras, onde, por determinação irrevogável do actual presidente (Austregesilo de Ataíde) não é permitida a imortalidade ao sexo feminino. Mulher na Academia, afirma, seria instalar dentro dela a confusão e o desequilíbrio.

OBSTINAÇÃO

Essa era também a teoria de D. Francisquinha: homem é mau por natureza. Mau e ingrato. Só viria estabelecer, lá dentro, o desequilíbrio e a confusão. E aí que começam os factos incontestáveis que vou agora relatar, numa o mais possível minireportagem. Não posso, portanto, focalizar as vinte interna-

os alunos? Vivia ganhando uns magros níqueis quando crioulos da visinhança vinham pedir para ela botar em papel de solfa melodias que depois iam vender no mercado negro do samba. Por fim, a bondade de D. Francisquinha levou para o Asilo das Velhas Senhoras Abandonadas.

PROPICIACÃO

D. Francisquinha confiava nela. Mandava-a à feira para fazer compras. E foi na feira que um dia, sem saber como, foi abordada por um velho, alquebrado mas digno que lhe disse:

— **Moça, você não é a Claudina?**

Era. Tinha sido colega de escola lá em Belém do Pará.

— **Nossa Senhora!**

— **Fomos até namorados, Dininha, não se lembra?**

— **Você, você é o Dom Baldomero?**

— **Eu mesmo.**

Conversaram longo tempo. Quando voltou ao Asilo, D. Francisquinha estava que nem fera:

— **Como é que demorou duas horas para ir à feira? Esteve batendo papo? Com quem?**

Calou-se. Não podia explicar. Os olhos estavam molhados de lágrimas.

— **Aí há coisa!**

E foi proibida de ir à feira. Mas às escondidas, ficava por detrás de uma janela, espiando ele que, lá fora, sorria de longe, mandando beijos. Amavam-se. Ela, 75 anos. Ele, 74.

IMPOSIÇÃO

O amor é fogo. E o escândalo acabou explodindo. Tinha sido visto de mãos dadas.

— **A senhora já sabe, ou desiste dessa vergonha ou é expulsa do Asilo.**

— **Mas eu gosto dele.**

— **Então vá embora.**

— **Para onde? Ele é tão pobre como eu.**

Foi uma época terrível na até então serena comunidade. Maus modos. Discussões. Mácriação.

arruinara, tendo sido ela quem fugira carregando os poucos recursos que restavam ao velho conquistador. Os filhos não ligavam para ele. Tratavam-no mal. Então foi descendo degrau a degrau à miséria e ao abandono. Mas ainda conservava restos da sua antiga sedução, sabendo exprimir-se numa linguagem orvalhada de ternura e encanto...

FASCINAÇÃO

E tão com isso que venceu

inferno. Vieram repórteres. Veio a tevê. Enfim, um espectáculo dramático, mas que fez rir gratuitamente todo o Brasil. E na última entrevista, com lágrimas nos olhos D. Francisquinha declarou que voltava para Portugal. Queria morrer na aldeia do tio que a deixara rica.

CONCLUSÃO

Não foi. Não foi porque no dia seguinte os cinco filhos repareceram lestos. A tevê levava a

presença física. Viveu algum tempo no Rio de Janeiro. Depois fixou-se no Estado de São Paulo onde era professor universitário. Li alguns dos seus ensaios aqui publicados. Mas a ideia que dele faço é aquela, mitologia, de ter sido com José Régio, um dos fundadores e orientadores da «Presença». Só isso garante a sua eternidade na história da literatura portuguesa.

Além desta nota triste quero



a batalha, indo pessoalmente falar com D. Francisquinha e despejando sobre ela a cornucopia das suas envaidecedoras flores de retórica. Batalha feita de avanços e recuos. Por fim, a aceitação. E fez-se a festa. Isto é, o casamento. Com as benções forçadas da directora do Asilo das Velhas Senhoras Desamparadas. Ficaria ali como jardineiro. E assim entrou naquele grupo de mulheres sem rumo, o velho Dom Baldomero. Em volta dele a mais nova tinha 75 anos, e a mais idosa 96.

DISPERSÃO

Já lá vão seis meses. Ainda esta semana tudo, no Asilo, parecia calmo. Mas fora na sombra que se criara não sei se o imprevisto se o inevitável. Porque Dom Baldomero conseguira despertar aqueles corações em estado de hibernação. Então, nuvens negras e pesadas encobriram para sempre o céu azul do Asilo. Irrompiam paixões ocultas. E ontem, com grande escândalo, a verdade surgiu. Dom Baldomero estava enganando Claudina. Com quem? Com duas, três, quatro, cinco? Até ali, cinco. E que as pobres senhoras tinham succubido perante o fulgor daquele esguio raio de sol chamado Dom Baldomero. Tinha andado de leito em leito.

RESOLUÇÃO

Foi o fim do mundo. Desmaios. Ameaças. Insultos. Desafios. Facas de cozinha faiscando no ar. Vidros partidos. Sangue. Polícia. Ambulâncias. Um

todos, um em Brasília, outro em Santos, um em Curitiba, outro na Bahia, e o quinto em Porto Alegre, a revelação da fortuna da velha genitora. Chegaram em aviões diferentes. E de repente encontraram-se todos juntos, em volta dela.

— **Venha comigo, mamã.**

— **Comigo! Comigo! Comigo!** — gritavam ao mesmo tempo, quasi sufocando a pobre senhora, — mas isso, confesso, eu não sei se eles estavam fazendo propositadamente...

LITERATURA

Faleceu aqui no Brasil Adolfo Casais Monteiro. Nunca o vi nem sequer faço ideia da sua

referir-me, em contrapartida, a novos poetas. Aqui chegaram poemas de Jorge Bessa Lage citriculus Domingod de Oliveira (assusta-nos ficar tão lúcidos) Fernando Souto (Alegre Eu Ando) e mais António Topo, Gonçalves Soares, José Emilio, Manuel Barroca e Severino Costa. Todos juntos, cooperativamente, em dois pequenos cadernos: «Mais do que Ler» e «A Plenos Pulmões». No campo da juventude são os do Norte que chegam. Só desejo que vão em frente. E longe.

COPACABANA, Agostode1972

Para correspondência: Rua Fernando Mendes, 28, apt.º 908, COPACABANA, GB BRASIL

Palavras do sociólogo Tarek Shuman, das Nações Unidas: Nem mesmo os países ricos conseguem solucionar o problema da velhice abandonada.

simples cartão florido de boas-festas. Foi aí, como num romance à moda antiga, que recebeu de surpresa a herança de um tio rico falecido em Portugal. Há muito que não sorria. Mas sorriu. Agora estava só no mundo, mas com dinheiro, que — como ela — deveriam existir outras mães desprezadas pelos filhos. Abriu-se-lhe no peito a chaga do ingrato abandonado daqueles que tanto lhe custara a criar. Aguentara, porém. Aprendera que, hoje em dia, tudo que é velhice é coisa jogada ao lixo do esquecimento. Sim, não havia só o seu caso. Foi quando resolveu num vago sentimento de represália fundar um asilo para mulheres que sofressem de abandono igual ao

das. Mas tenho de trazer a primeiro plano uma delas. A que foi a chave dos acontecimentos que levaram ao encerramento do Asilo das Velhas Senhoras Abandonadas...

Seu nome é Claudina, 74 anos. Viúva. Foi professora de piano em Belém do Pará. Tivera duas filhas que no tempo da Segunda Grande Guerra casaram com dois soldados norte-americanos que, após o armistício, as levaram para os confins de Massachusetts. E delas nunca mais teve notícias. Morto o marido liquidou o que tinha, menos o piano, e veio viver num quarto alugado na Zona Norte, com um aviso na janela: **PROFESSORA DE MÚSICA**. Mas cada

umas a favor, outras contra. Mas a maioria ficou do lado daquele amor seródio e impraticável...

— **D. Francisquinha, tenha dó, deixe-os casar.**

— **Deixo. Mas ela que se suma daqui.**

— **Abra uma excepção. Uma só. Consinta que Dom Baldomero venha viver no Asilo. A sua solidão é igual à nossa.**

— **Nunca!**

TRANSFIGURAÇÃO

Dom Baldomero era também um velho posto à margem. Tinha bisnetos, netos, filhos de quatro mulheres que abandonara. Isto confessou. Só não disse que a última, mais esperta, o

FEIRA POPULAR de LISBOA

A FAVOR DA COLÓNIA BALNEAR INFANTIL DE «O SÉCULO»
A DISTRAÇÃO DE LISBOA QUE TUDO REÚNE PARA UM FIM-DE-SEMANA BEM PASSADO

Alegria — Tranquilidade — Diversão — Prémios
O CURIOSO PASSATEMPO

A VOLTA VISTA DA FEIRA

OFERECE-LHES DEZENAS DE PRÉMIOS ÚTEIS E VALIOSOS
UM SIMPLES VOTO E OS PRÉMIOS PODEM SER SEUS

ETAPA: PORTO-GUIMARÃES

PRÉMIOS: UMA MÁQUINA DE BARBEAR PHILISHAVE
UM RELÓGIO «TIMEX»

OFERTAS DA PHILIPS PORTUGUESA
E DOS RELÓGIOS «TIMEX»

UM MODERNO COLCHÃO «CLIMAX», OFERTA DA CLIMAX PORTUGUESA — EQUIPAMENTOS E MOBILIÁRIO DE CON-
PORTO, S.A.R.L., TAMBÉM PODERÁ SER SEU

A FEIRA ABRE AS 15 HORAS



JORNAL DOS ESPECTÁCULOS



UMA NOITE PARA PENSAR

«Mil e uma noites para adultos» — mil, no filme, uma nossa: a que perdemos (ou não) a ver o desenho animado nipo-americano. Mil, no filme: mil vezes a cara de um Zé-Povo de todo o mundo, uma espécie de Sancho Pança das Arábias, a ambição de ser o que se não é, o retrocesso total, a alegria com que se retoma o pé descalço e a sacola ao ombro.

Mil, no filme: mil vezes a cama, a arma mil vezes utilizada para chamar muitos mil adultos. Mil noites de cama. Uma, a nossa, fora dela, a ver Sancho-Aladino numa ilha prometida da qual não sabe ser governador: das mil e uma maneiras de estar no trono de Bagdad, a pior. Aladino é a prova de que Bagdad não muda. Aladino, que não soube transformar Bagdad, é o único que escapa quando a cidade é destruída. Aladino é a garantia da continuidade.

Uma noite, a nossa: desenhos animados no écran e a olhar para o écran. Uma certa sensação de que não fomos nós a traçar o desenho que nos anima os passos, as palavras, os gestos. Por tudo isso tão igual que fazemos. Aladino somos nós. Denunciados no século XVIII por António José da Silva. Retratos, apenas, em mil e uma noites de trabalho de um desenhador japonês, americanizado, que gosta de se ver ao espelho.

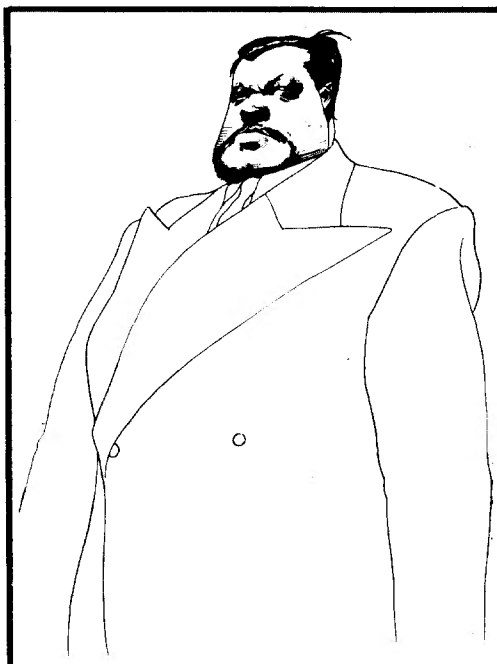
NUNO GOMES DOS SANTOS

QUANDO TOCA O TELEFONE

Dois programas radiofónicos imbuídos de características similares atingiram, porém, nível dispar quanto às composições solicitadas pelos seus aderentes. Refiro-me aos programas «Quando o Telefone Toca», emitidos, diariamente, com essa meia-hora e separados, por «Rádio Clube Português» e «Rádio Renascença».

No primeiro o uso e abuso das presenças de Gabriel Cardoso, Paco Bandeira, Marco Paulo, Roberto Carlos e quejandos. No segundo uma selecção variada de composições e intérpretes, rondando uma pontuação valorativa elevada, onde pontificam as vozes de Bob Dylan, Janis Joplin, José Afonso, José Jorge Letria, entre outros.

Portanto, de início, tudo positivo na rubrica do «Rádio Renascença»! Só que o coordenador e locutor de serviço glosa, amiudadamente, os «pedintes» com uma altivez de predestinado. Em certos momentos chega a ter razão quando as Locas e os Nocas solicitam, desgraciosamente, o direito a uma efémera publicidade: — «Posso dizer o meu nome?» Mas, por excessivo, o abuso da glosa torna-se condenável.



O colossal Orson Welles está aí com dois filmes: «O Mundo a Seus Pés» e «História Imortal». Não percam qualquer deles.

Ora Joaquim Pedro, contraiu responsabilidade numa produção que, apesar das suas características abertas e «populares», já alcançou agradável qualidade, mercê da assiduidade de uma pleiade de ouvintes interessados em satisfazer as suas preferências musicais. Não vá agora destruir, com o excesso de auto-suficiência demonstrada, o que de positivo conseguiu concretizar num campo de difícil promoção.

MANUEL GERALDO

«SHANE» DE VOLTA

Revisitei «Shane», um filme de «cow-boys». Dirá quem o conhece, quem já o viu, que se trata de um filme, de mais um, que mitifica o herói, que faz dum homem a alavanca que proporcionará um «salto» na história (dos dias). Este homem não existe. Mas existem as mortelas, e os actos que, tresloucados ou não, possibilitam as modificações.

O «western» desacreditado. Mas alguns a virem constituir excepção, gota de água no oceano da mediocridade. Este, por exemplo, «Shane», conta a história, dia a dia, e parece que pelos olhos ingénuos duma criança, dum opressor que, como todos acaba mal. Uma criança estigmatizada pela violência que o rodeia e só nela acredita. Uma violência que, afinal acaba por resolver os problemas dos oprimidos pelos desejos de pisar, de possuir, de calar, concentrados num homem.

A verdadeira história do Oeste americano não estará ainda contada. Mas filmes como «O soldado azul», «Shane», e até «Trinitá», este com uma visão diferente dos problemas, e outros objectivos, não deixam de nos interessar. Isto, como é evidente, para não alongar a lista das excepções.

«Shane» deixou-me a cabeça à roda. As situações, ainda que alguém não acredite, por via duma sólida formação ideológica, na alteração dada por um homem ao curso dos acontecimentos, fazem um filme político. Uma película com situações que se podem, perfeitamente, transplantar para outras épocas e outros países. Filme que levanta, inclusivamente, problemas da formação das crianças, quando mergulhadas em ambientes rodeados de violência por todos os lados.

George Stevens foi o autor. Escolheu, para nos dar esta obra, um processo de cor que é mesmo épico, e em que a natureza, com as suas «nuances» nos vai dando, por antecipação, a noção do que se vai passar. O processo narrativo é bastante linear, como o género nos habituou, tudo muito bem contado. A interpretação, à parte a identificação do «Shane» com certos heróis tradicionais, e comportamento idílico, é bastante boa.

Por tudo isso, «Shane» constituiu uma boa viagem aos filmes que dificilmente voltarão aos cartazes em carreira regular. Por tudo isso vale a pena ir às «sessões clássicas», e ver para crer. Enquanto uns dizem que não, que o melhor é partir e deixar o «vale» aos vândalos, outros como o «mata-todos», ficam e acabam por vencer. Enfim, opiniões... Mas ri melhor quem ri no fim.

ROGÉRIO VIDIGAL

A VOLTA DO ESPADINHA

Há um monopólio teatral «que ameaça todos os profissionais». Então, em nome do combate a este monopólio, Victor Espadinha vai apresentar-se sozinho no ABC, num espectáculo que deverá intitular-se «Dura Lex, Sed Lex». A encenação será de João Guedes, que a propósito cita Jean Vilar, e a «antimúsica» de Pedro Osório, que até já está fazendo desafios a Jorge Peixinho. «Puro teatro do absurdo», afirmou João Guedes. Enfim: Espadinha procurou, procurou, e acabou por encontrar financiamento para mais uma das suas loucuras habituais. Só que, ultimamente, tais loucuras não têm interessado ninguém. Num mundo inteiramente «loufo», exige-se um grau muito elevado de originalidade para chamar a atenção. Por exemplo: dizer bem do ex-filme «Quem Espera Por Sapatos de Defunto».

SANTIAGO CASAL



CADA COR SEU PALADAR

Uma agência noticiosa informa que o popular cantor brasileiro Roberto Carlos se deslocará brevemente a Moçambique a fim de realizar uma série de espectáculos e acrescenta que o «cachet» estipulado contratualmente está acima das previsões do leitor normal.

Roberto Carlos é, com efeito, a avaliar pelas declarações do seu compatriota Chico Buarque de Holanda, durante uma visita recente a Portugal, um dos artistas mais caros do Brasil e talvez um dos mais exigentes do continente americano onde, segundo parece, tem nome feito e fortuna assegurada.

Alargam-se deste modo os laços da Comunidade: enquanto Chico Buarque mobiliza e conquista o público lisboeta e a maioria dos nossos programas de rádio continuam a passar «A Minha História», Moçambique tem já prometida a visita de Roberto Carlos. Portugal fica (ficará?) deste modo com uma óptima panorâmica da música popular brasileira actual.

Subsiste no entanto um problema. Se cada cantor deve em princípio, ter algo a ver com as plateias que o solicitam, nós, ingenuamente perguntamos, porque motivo será o li-

rismo lacrimante de Roberto mais popular em Moçambique que a clareza de Chico Buarque de Holanda, patente em dezenas de temas que ainda por cima são duma grande beleza metódica? Mais uma pergunta: será que os meios de comunicação de massas têm mais interesse em divulgar Roberto Carlos em Moçambique do que Chico Buarque de Holanda? Em qualquer dos casos duas coisas podem ficar desde já assentes: Chico obteve em Lisboa um sucesso assinalável e por outro lado custa-nos a admitir que se pague um «cachet» exorbitante ao outro de «Que tudo o mais vá para o Inferno».

E não se trata duma questão de escrupulo ou dum preconceito de classe. O que entendemos é o seguinte: cada vez mais o cantor tem o dever de tornar claras as coisas que se passam à volta de quem o ouve e, nesse aspecto, não hesitaríamos em riscar o nome de Roberto para pôr o de Chico, apesar de ambos se darem, ao que parece, muito bem, como profissionais que são do mesmo ofício, num país como o Brasil em 1972...

JOSÉ JORGE LETRIA

“O LAMPIÃO” QUE ANDA POR AÍ E GOLPE À ITALIANA

DL/DOMINICAL

PERSONALIDADES

SADAT, O ASTUTO

WASHINGTON — (Por HORACE KIMBERLEY, especial para o DL) — Gamal Abdel Nasser possuía um carisma tal, como agora se diz, que todos os seus lugares - tenentes ficavam completamente eclipsados a seu lado. Contudo, havia três que se distinguiam de todos os outros: Ali Sabry, o coronel Mohammed Fawzi e o coronel Anwar el - Sadat.

Ali Sabry, civil, era o mais culto e inteligente elemento da

equipa do Raiz (denominação dada a Nasser pelos seus amigos e colaboradores). O coronel Mohammed Fawzi era o lugar - tenente em que Nasser depositava maior confiança em questões militares. Em terceiro lugar vinha Anwar el - Sadat, figura de segundo plano, com a mancha de haver trabalhado, durante a segunda guerra mundial, nos serviços de espionagem hitlerianos. No tempo de Nasser, Sadat ocupou sempre

lugares secundários na máquina governamental, o último dos quais o de Vice - Presidente, cargo puramente decorativo.

A 28 de Setembro de 1970, Gamal Abdel Nasser, então com 52 anos, morre repentinamente, na sequência de uma crise cardíaca, tendo-lhe sucedido na Chefia do Estado, o Vice - Presidente Anwar el - Sadat.

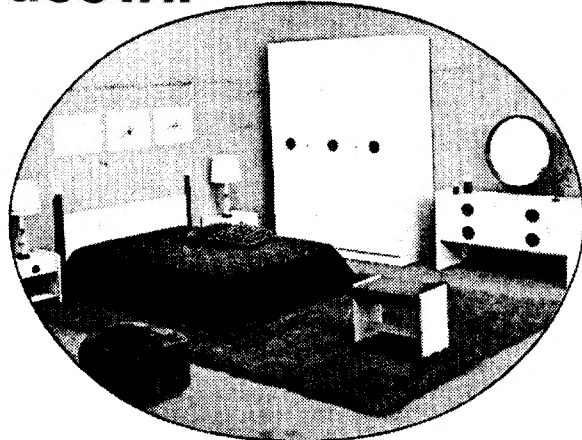
Continua na pág. 18



MACAL—SACHS

A FRENTE DO CAMPEONATO NACIONAL DE MOTO-CROSS
A PROVA DA VERDADE

GOSTA?



ENTÃO DECIDA-SE!

pois já restam poucos dos magníficos andares de 2, 3 e 4 assoalhadas acabamentos de luxo

em

SANTO ANTÓNIO dos CAVALEIROS

junto à placa da Flamengo

VEJA NO LOCAL

O ANDAR MODÉLO

UM EMPREENDIMENTO COM A GARANTIA:



SOCIEDADE PORTUGUESA DE OBRAS DE CONSTRUÇÃO, LDA

ROSSIO, 74-3 tel. 35438/366257

LISBOA

S. MARCOS

P. DE LONDRES, 4 - F

CONTINUA

OS PREÇOS ESPECIAIS

— RESTO DE COLECÇÕES —

Tour Estados Unidos

Tenha um "new look" dos Estados Unidos num tour de costa a costa!

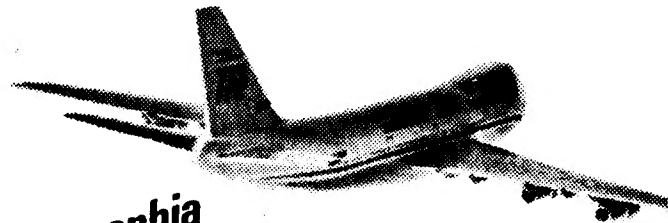
Uma viagem acompanhada, LISBOA — ESTADOS UNIDOS — LISBOA, um TOUR não tradicional, que inclui a visita não apenas às importantes cidades de NEW YORK e WASHINGTON, mas também às da costa ocidental: LOS ANGELES e S. FRANCISCO debruçadas sobre o Pacífico, PHOENIX implantada no verdejante «Vale do Sol», LAS VEGAS com a sua trepidante vida nocturna e o sudoeste americano com o majestoso GRANDE CANYON. Um itinerário feito para se apreciar todo um mundo de paisagens e os múltiplos aspectos históricos e urbanísticos dum grande país, dum grande sub-continente.

Viagem incluindo instalação em excelentes hotéis e a economia e comodidade do pequeno almoço e jantar no respectivo hotel ou restaurante, por Esc. 23 200\$00. Para este TOUR foram estudadas visitas dirigidas aos pontos mais característicos e significativos de cada localidade.

Não perca esta oportunidade! Projecte já a sua viagem. Partida no 747-B a 5 de Outubro e regresso a 16, igualmente no 747-B!

Procure o seu Agente de Viagens e peça programa detalhado.

De 5 a 16 de Outubro
U.S.A.
23.200\$00



viaje na sua companhia

TAP
TRANSPORTES
AÉREOS PORTUGUESES

UMA COMPANHIA QUE CRESCE EM TERMOS DE FUTURO

TOUR ESTADOS UNIDOS

CONSULTE A

WASTEELS  EXPRESSO

AV. ANTÓNIO AUGUSTO DE AGUIAR, 88-C TEL. 42185

«A alma da gente não está nos livros», diz o homem que fez uma fortuna com um livro.

A NOVA VIDA DE "PAPILLON"

MADRID — Depois de treze anos de presídio, «Papillon» conseguiu escapar. A Europa estava ainda em guerra e o ex-presidente de Caiena natalou-se em Maracaibo. Trabalhou numa mina, foi pesquisador de petróleo, garagista, ervanário, dentista, hoteleiro, gerente de uma sala de festas. Quando um terramoto lhe atirou por terra esse negócio, «Papi» converteu-se em pescador de pérolas. Depois, escreveu. Em Setembro de 1968 termina o seu livro *Papillon*, do qual se venderam mais de quinze milhões de exemplares, sem contar com as edições de bolso. Foi traduzido em vinte idiomas. Na tradução em castelhano editaram-se quase meio milhão de exemplares. Porém, os leitores das incríveis aventuras de Henri Charrière, pediam uma segunda parte; embora diga o rifão que nunca as segundas partes foram boas.

«Acabo de terminar «Papillon vem à superfície» depois

de mais de seis meses de trabalho», diz-me em Madrid Henri Charrière. Vai ser outra «explosão» editorial. Enquanto fala vai acumulando pontas de cigarro no cinzeiro. «A nicotina estimula as ideias», explica.

«Papillon» acaba de terminar no seu «chalet» de Fuengirola, Málaga, Espanha, o seu segundo livro: «Papillon vem à superfície». Da sua obra anterior venderam-se já em todo o mundo mais de quinze milhões de exemplares, o que converte «Papillon» (pseudónimo de Henri Charrière) num dos grandes «best sellers» dos últimos tempos.

«São cinco macinhos de tabaco louro e uns oito charutos o que estou a fumar por dia», acrescenta com um certo orgulho. A nossa conversa foi mais um monólogo exterior do que uma entrevista convencional.

Um monólogo de Papillon somente interrompido pelas suas tosses. Calças botas de meio cano, veste calças de tecido escuro e uma camisola de gola alta. O quarto do hotel é uma confusão de papéis e

telhano é confuso. A aprendizagem deste idioma começou naquela primeira fuga até à Colômbia. Durante os seus treze anos no inferno verde da Guiana Francesa a sua ideia fixa foi fugir. «O meu dever é fugir e, uma vez livre, ser um homem normal que viva numa sociedade sem ser um perigo para ela». A sua nona fuga ficou livre, e aqui temos Henri Charrière sentado na «Costa do Sol» espanhola, junto a sua mulher, Rita, e a sua filha, na sua nova vida de milionário, sem pesadelos de ex-presidiário. Pede-me expressamente que o trate por tu na transcrição da entrevista.

Conta actualmente sessenta e cinco anos; qual foi para ele a melhor idade? «Os quarenta anos. É a melhor idade, a da maturidade. Para conhecer a vida há que conhecer gentes novas, situações novas, e é difícil que um homem consiga isso antes dos quarenta».

Pergunto-lhe se depois do primeiro livro, lhe ficaram aventuras para contar...

EQUILÍBRIO

«Há na minha vida vinte e oito anos de aventura. De 1943



Charrière/Papillon

a 1952, altura em que conheci minha mulher, Rita, tangerina, filha de espanhola, em Maracaibo, foram anos muito intensos. Desde que encontrei Rita fui mais esposo e pai do que aventureiro. Foi ela quem equilibrou a minha vida e quem me tirou da alma o desejo de vingança contra os que me condenaram perpetuamente em 1931, em Paris, por um crime que não cometi. Se agora sou o homem que sou, devo-o exclusivamente a Rita e ao povo venezuelano».

Diz-se que é em Caracas que está o seu verdadeiro lar, e esclarece: «O que acontece, é que me movimento muito nestes últimos tempos. Venho com frequência à Europa, visito os meus editores, faço conferências nas Faculdades de Letras ou de Direito. E três ou quatro meses por ano passo-os no meu «chalet» em Fuengirola, que se chama «La Paz». Encontrei na Costa do Sol espanhola uma paisagem muito semelhante à da Venezuela. As

gentes são tão acolhedoras como em Caracas».

Recordo-lhe que os franceses Meneguer e De Villiers tentaram demonstrar que não foi ele o autor de *Papillon*.

«O que Menager fez foi um livro pré-fabricado pela polícia», diz-me com desprezo. «O caso de De Villiers, autor de «Papillon preso com afixes», é muito diferente. Acreditou que, ao atacar um livro que

Por
MANUEL
LEGUINECHE
FWF/DL

estava a ser traduzido em dezanove idiomas, faria negócio».

«Para outros, como François Maurice, é um fenómeno literário, um mestre...»

«Vês, é essa a diferença que há de um intelectual a outro, de um Menager a um Mauriac. Toda a literatura francesa, todos os grandes escritores franceses me têm dado as melhores compensações que eu podia esperar. Porque todos têm dito que eu escrevi um livro extraordinário».

Pergunto-lhe por que adoptou o pseudónimo de «Papillon».

«Tenho uma borboleta tatuada no pescoço. Tinha 19 anos e estava castigado na Córsega. As borboletas voam por onde querem, respiram o perfume de que gostam. Não obedecem a nenhuma lei. Vi na borboleta o símbolo do amor e da liberdade. Eu sou um anarquista, e tenho o imprescindível em minha casa. A televisão não me importa. O essencial para mim são duas coisas: o jardim e a piscina».

«Dormes bem? Sem pesadelos dos teus treze anos de presídio na Caiena?»

«Eu durmo em qualquer sítio, sem cuidados. Posso também ficar acordado vinte horas das vinte e quatro que tem o dia».

THE KING OF WHISKIES



PRODUCED AND BOTTLED
IN SCOTLAND

SENHORES CAPITALISTAS !!!

COLOQUEM O VOSSO CAPITAL
NAS MELHORES CONDIÇÕES
COM GARANTIA HIPOTECARIA
AO JURO DA LEI

A CONFIDENTE

100% DE CAPITALIZAÇÃO - 100% DE GARANTIA - 100% DE LUCRO

- ENGENHEIRO DE MINAS
- AGENTE TÉCNICO DE ENGENHARIA CIVIL E MINAS

ADMITE GRANDE EMPRESA EM ANGOLA

RESPOSTA COM «CURRICULUM», IDADE E ESTADO CIVIL,
A ESTE JORNAL AO N.º 614.

TEATRO MONUMENTAL

HOJE: 2 SESSÕES 20.45 E 23 HORAS

1.ª feira «MATINÉE» às 16 horas

VASCO MORGADO

RAUL SOLNADO

NA GRANDE REVISTA POPULAR

P'RA FRENTE LISBOA

FLORBELA QUEIRÓS

IRENE ISIDRO

JOSÉ DE CASTRO

LINDA SILVA

E a fadista Ana Rosmaninho

JULIO CESAR • VICTOR MANUEL

PICCADILLY STARS BALLET

3.º MÊS

1.ª Manhã - Descanso da Companhia

DL/DOMINICAL

MEDICINA

O ESPELHO DA ALMA

Sabia que o olho humano é uma das partes mais resistentes do corpo? Segundo Haldem Williams, correspondente de «Forum World Features», existe a possibilidade de possuir também uma propriedade mágica, mais maravilhosa do que se pudesse supor.

LONDRES — Qual é a parte do nosso corpo que leva a palma? Sem dúvida alguma, os olhos. A parte o facto de serem verdadeiras máquinas fotográficas automáticas, proporcionam-nos material para a memória, permitem-nos experimentar o prazer da beleza e fazem-nos compadecer dos males do próximo. São, na verdade, as janelas da alma. Porém, talvez surpreenda saber que estas sensíveis e delicadas maravilhas são, na realidade, uma das partes mais resistentes do nosso corpo.

Os olhos compõem-se de firmes capas fibrosas e encontram-se em alvéolos ósseos no crânio para os proteger de qualquer dano. Cada vez que se chora, pestaneja ou pisca, umas pequenas glândulas expõem um líquido sobre os olhos, que os lava, refresca e desinfecta.

Se os olhos são tão fortes, a que se deve o facto de tanta gente ter de usar óculos? O problema é que os olhos se deterioram com maior rapidez do que os outros órgãos, se não se cuida deles como é devido. Comparados com o resto da cara, os olhos quase não se modificam desde o nascimento até à velhice. É essa a razão pela qual os meninos parecem sempre ter uns olhos muito grandes.

A melhor época para os olhos é a adolescência; a partir daí começam a deteriorar-se ligeiramente até à idade de 35 anos, e a sua eficiência diminui rapidamente depois disso. Nos nossos dias, aceleramos este processo, impondo-lhes esforços que a Natureza não previu. A missão original dos olhos era esquadrihar os campos em busca de alimentos e não passar horas a olhar para a televisão, nem ler letra miúda de imprensa como hoje fazemos. Tendo de focar mais de perto do que a Natureza projectou, não é de admirar que os nossos olhos necessitem de óculos como auxiliares. Não é mera casualidade o facto de raramente se ver um africano com óculos. Isso deve-se ao facto de só usarem os olhos para os fins naturais para que foram criados, para olhar à distância.

Um oftalmologista de Londres deu o seguinte exemplo de como a raça humana está a abusar do seu principal tesouro físico: «Penso no vigia de um barco. Nos tempos antigos, subia até ao alto do mastro e ali passava horas periscutando o horizonte. Como os olhos estão mais descansados quando olham para longe, o órgão não estava submetido a nenhum esforço. Hoje, o vigia de um barco está sentado numa escura cabina com os olhos fixos num visor de radar, colocado a pouca distância. Com certeza que já usa óculos ou virá a usá-los muito em breve.»

O ABUSO

A maioria das pessoas tem boa vista a grande distância; embora seja impossível determinar com exactidão até onde alcança o seu raio de acção, por causa da curvatura da Terra e da humidade contida na atmosfera. Se uma mulher de

1,50 m. de altura olha o horizonte, estando numa praia, apenas abarácará uma distância de 4 quilómetros e 800 metros. Inclusivamente, se um homem de 1,80 m. de altura se coloca no cume de uma montanha de 1500 metros de altitude e a atmosfera está totalmente livre de humidade e de contaminação, só pode abarcar uma distância de uns 160 quilómetros, por causa da curvatura da Terra.

Os médicos e os oculistas acreditam que é chegada a altura de nos lembrarmos da maneira como abusamos dos nossos olhos. Tal como a maioria das enfermidades, as dos olhos podem corrigir-se mais facilmente mediante um diagnóstico precoce. Como temos de continuar com os nossos livros e com os nossos televisores, qual é a melhor maneira de proteger a nossa vista? Os especialistas aconselham sentar-se a uns quatro metros de distância do televisor e ler com o livro a uns 30 centímetros de distância. Se há necessidade de se aproximar mais o livro, deve consultar-se um especialista.

«A qualidade da sua vista é, na maior parte dos casos,

uma questão hereditária», disse-me um especialista. «Faça o que fizer, não poderá curar defeitos da sua vista. O principal é dar-se conta de que tem um defeito visual e tratar de o corrigir. Os óculos, por exemplo, nem fortalecem nem debilitam os olhos; limitam-se simplesmente a focar correctamente a imagem que entra pela retina. Não é verdade o que se diz de que os olhos se acostumam aos óculos e perdem a sua elasticidade. Tão-pouco é verdade que o excesso de trabalho prejudique a vista. Mesmo que os músculos dos olhos se cansem por excesso de esforço ou falta de sono, recuperam-se rapidamente com o descanso. As mães não devem descurar nunca sinais de estrabismo ou vista estraviada nos filhos pequenos. Muitas delas esperam que os filhos tenham cinco ou seis anos na esperança de que se curem sozinhos; porém, isto raramente acontece.»

MAGIA

Nos Estados Unidos, psiquiatras e neurologistas estão realizando um fascinante estudo para descobrir se o olho humano tem um meio de comu-



A leitura de letra miúda é uma pesada tarefa para os olhos

nicação desconhecido até agora. Uma equipa está a tratar de encontrar explicação para esse fenómeno bem conhecido, mas ainda inexplicável,

que faz voltar a cabeça a uma pessoa quando se lhe olha fixamente para a nuca durante muito tempo.

Acaso possuem os olhos al-

guma propriedade mágica de que não temos conhecimento e que ainda é mais maravilhosa do que as que já conhecemos?

MUNIQUE VETA OS TOUROS

MUNIQUE — George Kronawitter, presidente do município de Munique decidiu proibir uma exibição tauromáquica na sua cidade durante os jogos olímpicos. Um empresário francês chegou a contratar dois toureiros para uma corrida à portuguesa durante os jogos numa arena desmontável com capaci-

dade para 10 000 pessoas. No entanto perante a reacção da população e os protestos da Sociedade Protectora dos Animais um porta-voz do município anunciou ontem que as corridas, mesmo sem a morte do animal, não correspondiam aos desejos da população.

EXCURSÕES CP

SERRA DO GERÊS e FESTAS DE VIANA (Sr.ª da Agonia)

19, 20 e 21 de Agosto de 1972

- Partida de Lisboa-St.ª Apolónia, no «Foguete» n.º 3, às 14.10, de 19/8, em 1.ª classe. Regresso em 21/8, às 23.40.
- Itinerário de autocarro, com guia assistente, dividido pelos três dias: Serra do Gerês, Caldas do Gerês, Barragem da Caniçada, Braga, Bom Jesus, Ponte de Lima, Viana do Castelo, etc., etc.
- Assistir, no dia 20, em lugar reservado, à maravilhosa serenata no rio Lima e aos «monumentais» fogos que assinalam o encerramento das Festas de Viana. Depois, regresso ao Hotel.
- Alojamento durante os 3 dias na Albergaria Condes, de Barcelos, de 5 estrelas (luxo).

Preços (tudo incluído)

LISBOA	890\$00
Santarém	860\$00
Tomar/Abrantes	840\$00
Coimbra	800\$00
Évora/Beja	1.000\$00
Faro/Lagos	1.090\$00

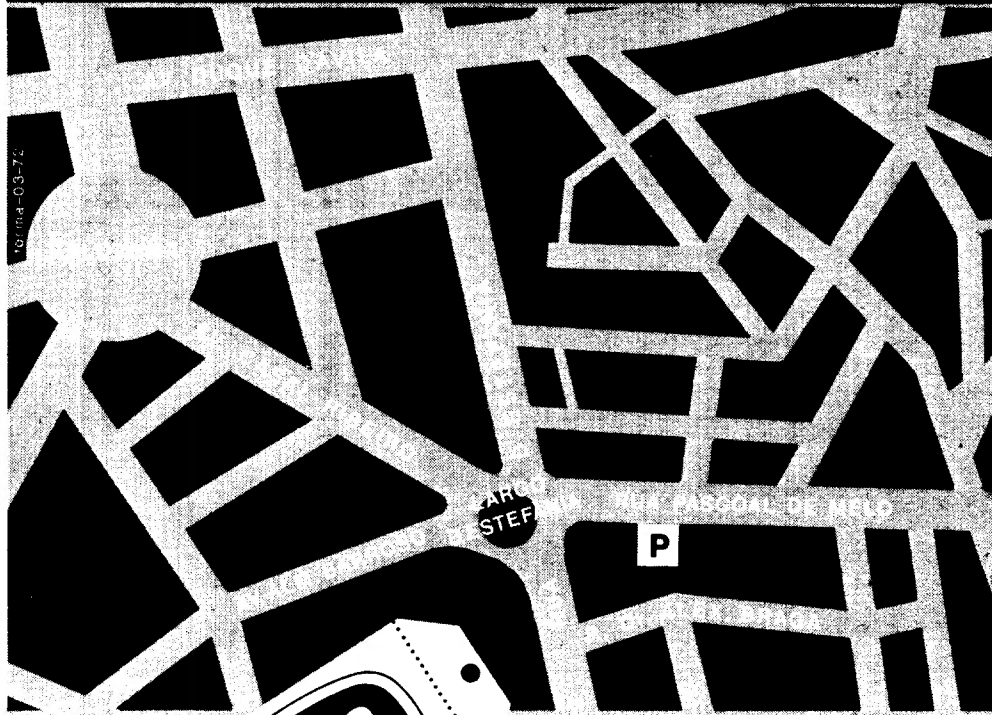
Informações e programas descritivos:

Estação de Lisboa — Rossio
Estação de Lisboa — St.ª Apolónia
Rua do Arsenal, 124, 1.ª — Lisboa

Organização Telef. 36 75 29

CONSULTE A SUA AGÊNCIA DE VIAGENS

abertura na cidade



Inaugurou a sua FILIAL DA ESTEFÂNIA

R. PASCOAL DE MELO, 83-C

PARQUE DE ESTACIONAMENTO AO DISPOR DOS SEUS CLIENTES

QUALIDADE EM MOBILIÁRIO AO RITMO DO PROGRESSO

JOSÉ OLAIO & Cª (FILHO)

DL/DOMINICAL

ACTIVIDADES CULTURAIS

ONDE ESTÁ O TEATRO UNIVERSITÁRIO?

DEPOEM O ENCENADOR RICARDO MARQUES E O CÊNICO DE DIREITO

Quase sem se dar por isso, o teatro universitário desapareceu, pelo menos como actividade pública. O vácuo em que vivemos em matéria de teatro justificou (pelo menos parcialmente) o facto de ter assumido durante um curto período funções que não lhe pertenciam — as de ser o único teatro de vanguarda que se fazia em Portugal. «Ponta-de-lança» de uma lança que não existia, a prática teatral universitária foi por um momento o único traço de união com as experiências que revolucionaram o teatro «lá fora» — esse «lá fora» que constitui também, e em determinados aspectos, a mais ilusória das miragens.

Basta lembrar os trabalhos de Victor Garcia (no CI-TAC); de Gutkin (no Cénico de Direito); de Augusto Fernandes (no TUP) — esquecendo os de Ricard Salvat e de Luís Miguel Cintra que se situavam num outro comprimento de onda — para sublinhar a importância que o teatro universitário assumiu — no capítulo criação — na paisagem desértica do teatro português.

Infelizmente, trabalho sem continuidade (por circunstâncias várias); trabalho que não teve em conta a necessidade de estabelecer canais de passagem entre um passado quase sem nada e um futuro incerto (por outras circunstâncias); trabalho, pois, que valeu mais por e em si próprio do que pela eficácia em relação ao texto em que se exerceu.

O Grupo Cénico da Faculdade de Direito de Lisboa tem sido um dos mais activos neste panorama que evocamos: lembremos a passagem por lá de homens de teatro como Fernando Gusmão, Luís de Lima, Adolfo Gutkin. Para esta temporada, o Cénico de Direito convidou um encenador uruguaio para dirigir o Grupo. O encerramento da respectiva Associação — a que aquele está indissolúvelmente ligado — não permitiu que o trabalho de Ricardo Marques tivesse a amplitude e a repercussão desejadas.

Pareceu-nos, mesmo assim, que teria interesse ouvir aquele homem de teatro bem como um dos membros directivos do Grupo sobre

o momento que este está a atravessar. Embora atrasada, pois que a temporada já acabou sem que tivesse sido possível conhecer o trabalho produzido pelo Grupo, supomos que esta conversa contém ainda elementos que interessam ao estudo do nosso teatro universitário.

C.P. — *Gostava que me desse alguns elementos biográficos, no que diz respeito à sua actividade teatral.*

R.M. — A minha biografia teatral é um bocado extensa. Vou tentar resumir. Há dezoito anos comecei a fazer teatro no meu país, o Uruguai. Há quatro anos e meio vim para a Europa, mais exactamente para Paris. Ali trabalhei na Universidade Internacional de Teatro, ultimamente como subdirector. Fui também director adjunto do «Theatre de la Cité».

C.P. — *Trabalhou nesse caso, como Peninetti?*

R.M. — Sim: trabalhei com ele. Em Paris, recebi um convite para vir trabalhar com o Cénico de Direito e aqui estou.

C.P. — *No Uruguai, trabalhou com universitários*

ou com profissionais?

R.M. — No Uruguai não existe teatro universitário. Existe, isso sim, teatro independente: lá comecei. Isto significa que não tenho nenhuma escola teatral, excepto a própria prática. Comecei em 1955, numa época em que o teatro independente uruguaio começava a adquirir grande importância, de tal maneira que, anos depois, existiam treze grupos, só na capital, com seis ou sete salas funcionando permanentemente. Além disso, temos apenas um grupo profissional estável: a Comédia Nacional do Uruguai, subsidiada pelo Município de Montevideo, onde trabalhei antes de vir para a Europa.

C.P. — *Esse movimento de teatro independente foi jugulado ou mantém-se vivo?*

R.M. — Pelo que pude saber recentemente, o teatro independente do Uruguai está a passar por uma crise cujas causas não estão directamente relacionadas com o teatro. Esse movimento — que podemos considerar o único teatro que existe no meu país — está a paralisar-se dia-a-dia como a própria vida do Uruguai.

C.P. — *O que vos levou até Ricardo Marques?*

C.D. — Como todos os anos, procurámos encontrar um encenador porque precisávamos, como é natural, de alguém preparado para orientar o Grupo. Entrámos em contacto com o Ricardo Marques por intermédio do Teatro Universitário do Porto. Comunicámos-lhe o que pretendíamos, o que planeávamos. Houve troca de correspondência as diligências habituais junto da Gulbenkian, e tudo isso demorou cerca de dois meses. Por isso, só em meados de Janeiro, o Ricardo Marques chegou a Lisboa.

C.P. — *A Gulbenkian levantou algum problema?*

C.D. — Não, nenhum.

C.P. — *Não houve qualquer obstáculo à vinda de Ricardo Marques?*

C.D. — Não, não tivemos problemas sob esse aspecto.

R.M. — A não ser os habituais, de ordem burocrática: informações, e coisas do género.

C.P. — *Quando o Ricardo chegou o que se passou?*

R.M. — Comecei por tomar contacto com o grupo mediante certos trabalhos práticos. Naturalmente, não me foi possível integrar-me imediatamente no Grupo nem no ambiente teatral português que desconhecia em absoluto, na generalidade, e particularmente em relação ao teatro universitário e ao Cénico de Direito. Aliás, o problema não foi só meu, foi também do Grupo que passou pelas dificuldades normais destes grupos: elementos que entram, elementos que saem. Todos os anos é necessário reconsti-



Ricardo Marques

tuir o grupo. O primeiro trabalho foi, pois, um trabalho técnico sobretudo para conferir ao Cénico determinadas estruturas. No entanto, neste momento, o Grupo está apto a actuar.

C.P. — *Encontrou receptividade entre os elementos do Grupo?*

R.M. — Sim, bastante. Embora, como é natural, dentro do Grupo haja

frontação com o público, elemento fundamental no contexto teatral. No entanto, se não estivermos preparados, se não surgirmos desse esquema de trabalho de preparação a necessidade fundamental de elaborar um texto, de nos debruçarmos sobre ele, esse trabalho não será feito. Isto, sobretudo, porque nós não queremos trabalhar por encomenda,

Texto de CARLOS PORTO

GRANDE EMPRESA NACIONAL COM SEDE EM LISBOA

Necessita admitir para aumento dos seus quadros

ELECTRICISTAS DE AUTOMÓVEIS

Com o Curso Industrial completo

BATE-CHAPAS

Instrução primária e prática comprovada da especialidade

Outros requisitos:

- Nacionalidade portuguesa
- Serviço militar cumprido ou dele isento
- Menos de 36 anos de idade

Oferece:

- Vencimento compatível
- 13.º mês
- Subsídio de férias
- Regalias Sociais

Resposta à Agência MARCA — Rua das Francesinhas, 21, 1.ª, Lisboa-2.

reações diferenciadas o que, de resto, é muito saudável. De uma maneira geral, esse facto não nos trouxe nenhuns problemas para estabelecermos contacto ao nível teatral e mesmo ao nível individual.

C.P. — *Obedeceis a qualquer orientação definida no que se refere a um trabalho teórico-prático do Grupo?*

C.D. — Queríamos especialmente romper em definitivo com o esquema que vinha sendo prática do Grupo e que consistia em endeuar-nos ao compromisso de apresentação de um espectáculo ao fim do ano, pura e simplesmente. Rompemos porque consideramos que é essencial esse trabalho de preparação técnica ser perspectivado em várias fases. Para já, portanto, houve esse rompimento porque, normalmente nos anos anteriores, começava-se a trabalhar com um texto e ia-se com ele para a frente até que a partir de certa altura já estava tudo tão emaranhado que as pessoas descuravam a necessária preparação técnica para se ligarem imediatamente ao texto preocupando-se apenas com o espectáculo. Claro que nós, como grupo de teatro, entendemos que a nossa missão é fazer, é produzir espectáculos o que implica a indispensável con-

nem queremos de forma nenhuma estabelecer contacto com encenadores ou com directores artísticos que venham trabalhar para o Grupo por dois ou três meses e vão se embora depois, voltam ou não, e vem um outro, etc.. Queremos fazer um trabalho a longo prazo. É nesse sentido que estamos a funcionar.

C.P. — *Entretanto, havia um espectáculo em preparação?*

C.D. — Estávamos efectivamente a trabalhar não apenas sob o ponto de vista de preparação técnica. Aliás, chegamos a apresentar em alguns locais uma teatralização do poema de Manuel Alegre «Um Barco para Itaca» que constitui um espectáculo muito simples e claro que facilmente podemos levar a qualquer sítio.

R.M. — Estávamos especialmente interessados em trabalhar sobre textos portugueses e descobrimos um autor que praticamente não foi ainda representado e que já abandonou a ideia de escrever para o teatro, pelo menos com regularidade, limitando-se, pois, a um trabalho casual, sem quaisquer esperanças de ser representado. Esse autor aceitou a ideia de se integrar, de certa maneira, no Grupo, para fazer connosco um trabalho de colaboração apro-

Continua na página seguinte

DL/DOMINICAL

EXCLUSIVO

O TEMPO enlouqueceu?

Criadas e empregadas em duas peças ou em **topless** durante os grandes calores nas cervejarias e nos estabelecimentos de Berlim: moscovitas que, aos magotes, procuram refrigério nos bosques em torno da capital soviética: lapões que respiram longamente o ar abafado, que mergulham no Oceano Ártico marroquinos aterrorizados diante da neve caída no deserto africano; londrinos que, há pelo menos dois meses, prescutam se se abre um buraco nas nuvens: italianos e franceses em férias sob o chuva escocês do quente e do frio imprevisíveis.

O que é que está a perturbar o equilíbrio da atmosfera? Porque é que o clima da Terra regista, há alguns anos a esta parte, anomalias nas estações que

fazem pensar na progressiva deterioração de uma situação que parecia estacionária, não obstante numerosas e inevitáveis sacudidas? Mas, sobretudo, qual poderia ser o papel do Homem num eventual processo de degradação?

«É verdade» responde Roberto Gualtierotti, director do Instituto de Bioclimatologia Médica da Universidade de Milão, «é um Verão estranho, mas não raríssimo. Pode acontecer tratar-se de um fenómeno natural, porém eu não excluo que, hoje, o Homem esteja em situação de deteriorar, entre outras coisas, também as condições meteorológicas. Não existem provas seguras desta acção, mas, muito frequentemente, factos aparen-

temente absurdos revelam-se, depois verdadeiros».

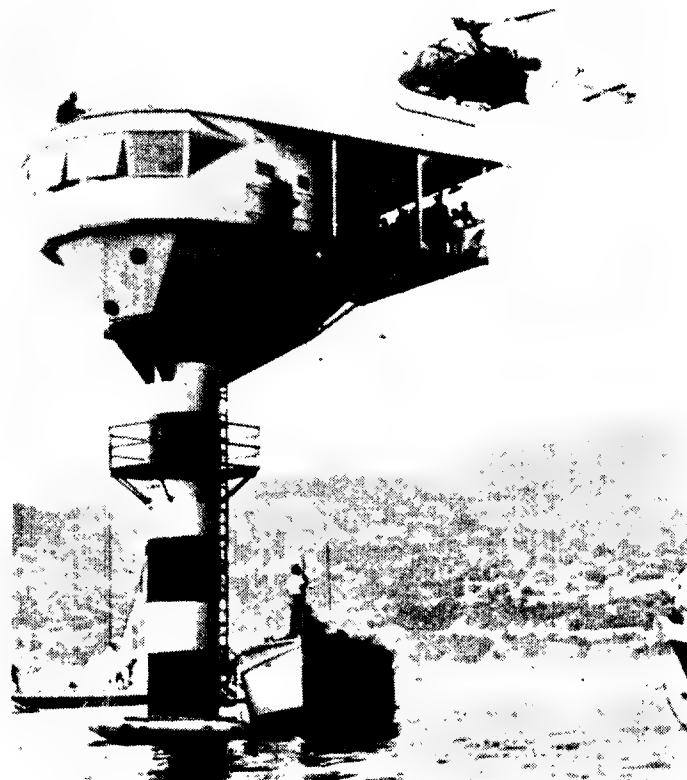
A hipótese de que as actividades do Homem influenciam o clima através de profundas transformações do ambiente, é bastante recente. Começou a falar-se dela logo depois da guerra, quando os Estados Unidos e a URSS experimentavam bombas atómicas cada vez mais potentes. No princípio dos anos 60, o acusado principal não foi já a bomba atómica, mas sim o acelerado desenvolvimento industrial.

O imenso sudário. Os investigadores descobriram que o último meio século a percentagem de anidrido carbónico presente no ar tinha aumentado de 50 por cento por causa das descargas das fábricas, das instalações

de aquecimento e dos escapes dos veículos motorizados.

A partir daqui, advertiram os meteorologistas mais futuristas, atingir-se-á o dia em que o anidrido carbónico envolverá a Terra, com um imenso sudário, consentindo a passagem dos raios solares, sim, mas impedindo que, uma vez transformados em energia calorífica ao contacto com o solo, sejam reflectidos e dispersos na atmosfera. O resultado disto, a que se se chama «efeito dique», será um geral aumento da temperatura com a consequente e lenta fusão das calotas polares e, portanto, o crescimento do nível dos mares e perigosas modificações de clima.

Semelhante transformação teria já começado. Como se expli-



A bóia-laboratório do comandante francês Jacques-Jves Cousteau. Da bóia são transmitidos para terra, de três em três horas, os dados oceanográficos e meteorológicos recolhidos pelos cientistas.

caria, de facto, perguntam-se os defensores da teoria do aquecimento do ar por meio da poluição, que desde o fim do século passado a temperatura tenha aumentado cerca de um grau em todo o mundo, com pontas de 3 a 7 graus na Islândia e no Spitzberg? E que outra causa teria sido aquela que motivou a descida, cada vez mais para sul, dos **icebergs** que no passado mês de Junho obrigou os transatlânticos de linha e até as embarcações participantes na regata para navegadores solitários, de Plymouth, em Inglaterra, a Newport, nos Estados Unidos, a adoptar insólitas medidas de segurança?

«Eu não serei tão pessimista», diz o meteorologista Edmondo Bernacca. «Uma estação bizarra ou, também, mais estações em sucessão, não significa que esteja aberto o caminho para a catástrofe. O clima, mesmo italiano, não registou modi-

ficações de relevo desde o início da época histórica».

Não se pode negar, todavia, que tenha atravessado períodos de radicalização, continua Bernacca. Por exemplo, nos primeiros decénios do século XIX, os invernos eram muito feios e os verões muito quentes. Depois, as estações aproximaram-se num certo sentido. Agora estamos talvez, a voltar a uma nova fase de radicalização. Porém, isto sempre aconteceu.

Três erupções colossais. Nem as poluições atmosféricas, nem as bombas nucleares, nem outras intervenções do Homem, sempre segundo o meteorologista da televisão, poderiam provocar inversões de tendência decisiva no andamento climático. Não o conseguiu tão pouco a Natureza, a qual, com a erupção de três colossais vulcões, o Krakatoa, em Java (1883), o Kut-

Continua na página seguinte

TEATRO UNIVERSITÁRIO

Continuação da página anterior

veitando o trabalho prático que o Grupo podia proporcionar-lhe em relação às suas ideias. Desse trabalho em comum resulta que o autor pode refazer a sua obra, pode mesmo transformar a sua visão da ideia original que trazia. Por isso, do trabalho de Augusto Sobral aproveitamos apenas a ideia. Mediante um trabalho prático, de improvisação, e após debatermos o assunto com ele, chegamos a acordo sobre um esquema totalmente diferente daquele que o Sobral tinha previsto. Esta colaboração mostrou-se até agora muito eficaz e penso que deve ser um dos objectivos fundamentais de um teatro como o português que, aliás, não conheço muito bem, um teatro a fazer-se, a criar-se.

C.P. — Podemos, nesse caso, considerar que Augusto Sobral se integrou numa equipa que pretendia criar um espectáculo a partir de um trabalho colectivo, o que talvez nunca tenha acontecido em Portugal, pelo menos nestas proporções. Parece-me, sob esse aspecto, que poderia vir a ser uma experiência muito importante.

C.D. — Aliás, o Augusto Sobral, como sabe, chegou a estreitar uma peça — «O Borrão». Como dizia o Ricardo, um dos propósitos do grupo é precisamente tentar levantar textos de autores portugueses contemporâneos. Tentar estudá-los e, se possível, trabalhar com eles. Portanto, como secção de uma Associação que está encerrada não temos existência legal. Como grupo de teatro, e estas coisas não se podem desligar, a nossa actividade está também paralizada, suspensa, embora não descuremos a nossa preparação.

C.P. — O Ricardo Marquez provavelmente chegou à conclusão que o nosso teatro é excessivamente literário, não?

R.M. — Sim, há muita literatura teatral e há pouco teatro. Pelo que me diz respeito (fui obrigado a tomar conhecimento dos textos portugueses a uma velocidade que quase atingiu a da luz), verifiquei a existência de uma enorme literatura teatral mas, infelizmente, não encontrei nenhum autor que me dissesse algo sob o ponto de vista cénico a não ser Augusto Sobral que me parece ter um interesse excepcional não só sob o ponto de vista literário como sob o ponto de vista de imaginação teatral. Encontrei, além disso, dois autores que me pareceram muito interessantes: o poeta popular António Aleixo e outro, muito diferente, Guerra Junqueiro.

A «Pátria» pareceu-me um transbordamento de imaginação comparável ao dos grandes textos teatrais da literatura mundial. Infelizmente, será muito difícil transpor para o palco esse excesso de imaginação.

C.P. — O que poderemos fazer, para já, é continuar com o nosso trabalho, este trabalho interno de preparação que estamos a concretizar. No entanto, a clarificação total da situação não poderá ser feita parcialmente. Depende, pois, de todo um processo. Neste momento, pouco poderemos fazer.

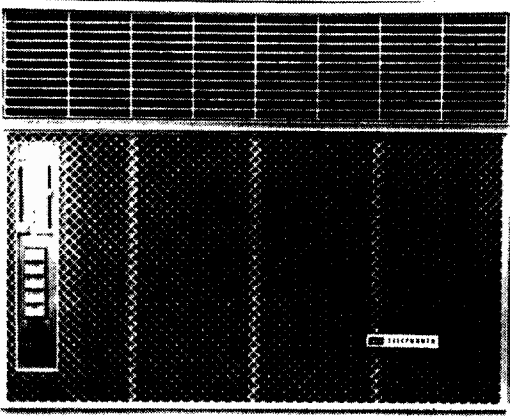
C.P. — Ricardo Marquez: o que lhe parece deva ser neste momento o nosso teatro universitário?

R.M. — Não gosto de simplificar os problemas. No entanto, parece-me que o teatro universitário poderá ter um papel muito importante no contexto portu-

guês. O simples facto de poder transmitir uma certa fermentação teatral sem estar condicionado pelos obstáculos que impedem o outro teatro de se estar condicionado pelos obstáculos que impedem o outro teatro de se tornar verdadeiramente criador, basta para lhe conferir fundamental importância. Infelizmente, a falta de continuidade de que so-

fre, com a permanente substituição dos seus elementos impede um maior desenvolvimento do teatro universitário, cuja missão principal será a de experimentar, de criar caminhos novos para um teatro que é cada vez mais velho.

R.M.: Ricardo Marquez.
C.D.: Cénico de Direito.
C.P.: Carlos Porto)



climatizadores AEG-TELEFUNKEN o melhor clima ao seu dispôr

Quaisquer que sejam as previsões do boletim meteorológico tem sempre o melhor clima ao seu dispôr. Melhorando a própria natureza, os climatizadores AEG-TELEFUNKEN renovam o ar ambiente, aquecendo ou arrefecendo desumidificam e filtram, com extracção de fumos tudo isto com funcionamento silencioso.

AEG



CASA RUSSELL

DISTRIBUIDOR OFICIAL

EXPOSIÇÃO E VENDA NA AVENIDA DA IGREJA, 20-A

BELARTE

DL/DOMINICAL

EXCLUSIVO

O TEMPO ENLOUQUECEU?

Continuação da pág. 11

maí, no Alasca (1912) e o Hekla, na Islândia (1947), atirou para a atmosfera, sob a forma de partículas e de gás mais material isolador dos raios solares do que não fez já a Humanidade inteira desde o seu aparecimento sobre a Terra.

«Aqueles três explosões naturais», diz H. Landsberg, perito de atmosfera na universidade americana do Maryland, «produziram apenas um temporário fenómeno de arrefecimento e não de aquecimento do ar. De facto, as partículas em suspensão dispersaram no espaço exterior uma boa parte das radiações. Alguns anos depois, o clima da Terra tinha voltado ao normal». O mesmo viria a acontecer com as partículas provenientes das descargas industriais. Abandonadas, não a altitudes estratosféricas, mas a quotas médias e baixas, estas partículas viriam a ser abatidas pela chuva antes de poder começar o «efeito díque».

Mas, então, os glaciares que estão a desaparecer inexoravelmente, como averiguou recentemente uma expedição científica soviética? «Aqui entram em acção as partículas inquinantes», responde Landsberg. «Elas depositam-se como um manto sobre o gelo derretendo-o. Deste modo explica-se o aumento de temperatura média em algumas regiões do Norte. Não se trata, pois, de variações de clima».

A fusão do gelo por culpa dos resíduos industriais de descarga foi observada até no Cáucaso onde, entre 1920 e 1950, a quantidade de pó nos glaciares daquela região aumentou de 10 para 230 milímetros por litro, isto é, 23 vezes mais, por causa do avolumar dos estabelecimentos fabris.

Absolvidos da acusação de provocar graves e irreversíveis modificações de clima, os fumos

são, todavia, acusados de perigosas variações nos climas locais, ou microclimas, de determinadas zonas. E consigo o desaparecimento dos bosques que deixa árido o terreno, abrindo-o às fortes evaporações e ao aumento da pluviosidade; a expansão urbana que multiplica os núcleos de condensação no ar (nas chamadas megalópoles como Londres, Nova Iorque, Tóquio, Los Angeles, etc., cai por ano 25 a 30 por cento mais de chuva do que nos campos circunvizinhos); as bacias artificiais, a experimentação das tempestades e, finalmente, a manipulação da meteorologia para vários fins, incluindo o bélico.

Esta última aplicação é americana e é adoptada no Vietname desde 1965, mas só há poucas semanas se teve notícias disso. Consiste em espalhar no ar, com o auxílio de aviões, grandes quantidades de gelo seco e de outras substâncias químicas, entre as quais partículas iodadas de prata. Quando as nuvens são impregnadas com esta mistura, desfazem-se numa chuva torrencial que reduz a visibilidade das baterias antiaéreas inimigas e cobre as deslocações das tropas aliadas do Vietname do Sul.

«E a arma menos mortífera até agora experimentada pelos Estados Unidos», diz o meteorologista Seymour Hersh, «mas também a mais insidiosa porque não se conhecem os efeitos que, a longo prazo, poderão ter sobre o ambiente natural».

Uma preocupação justificada, pois, a chuva artificial, poderia servir de prelúdio ao emprego de armas meteorológicas ainda mais temíveis que nenhum acordo internacional proibiu e que, segundo o geofísico do Ministério da Defesa de Washington, Gordon McDonald, existem já, embora alguma ainda se encontrem apenas sobre a prancheta

de desenho. São: uma substância química que, lançada com um foguetão, é capaz de absorver a luz solar nas camadas superiores da atmosfera, provocando tão fortíssimas e imediatas diminuições de temperatura nas camadas mais baixas da Terra (a zona a atingir com o gelo pode ser calculada com suficiente precisão); substâncias que, lançadas por meio de foguetões, absorvem o calor disperso pela Terra, concentrando-o depois sobre determinados territórios, os quais seriam, assim queimados; um foguetão capaz de furar num determinado ponto, previamente calculado, as camadas de ozono da atmosfera. Deste modo, os raios ultravioletas emanados do Sol, e já não filtrados pelo ozono, destruiriam de súbito toda a forma de vida animal e vegetal no solo por baixo desse ponto.

São perspectivas que deixam perturbados os pacíficos estudiosos do clima e das suas influências sobre o Homem.

Outros cientistas consideram que, mesmo sem as armas meteorológicas, esteja iminente uma modificação radical do clima. «As variações na atmosfera», dizem, «verificam-se já há tempo e podem constatar-se historicamente». E citam como sintomas da actual desordem meteorológica a diminuição, em 50 anos, de 50 por cento das chuvas sobre o extensíssimo território do Brasil norte-oriental; o frio que, por duas vezes em 140 anos, gelou o lago suíço de Constança e o Mar Báltico no século XIV; a espessa capa gelada que se abateu sobre grande parte da Itália em 1929, tanto que em muitas localidades da península a neve só se derreteu nos fins de Junho; o Sol que, por exemplo, em Milão, durante todo o mês de Janeiro deste ano se viu apenas durante 19 horas um terço da média habitual.

Segundo estes estudiosos, não se trata de episódios casuais, mas de elementos, longínquos e próximos, de um processo que, nos últimos tempos, se tem vindo a acentuar. Entre os factores da teoria do arrefecimento em contraposição à do sobre-



MAIS FREQUENTES. Uma rua de Milão, durante a passada semana, com dezenas de veículos bloqueados pelas águas de um dia cada vez mais frequentes temporais estivais que, desde há alguns anos, se abatem sobre a cidade.

quecimento, os mais autorizados são o meteorologista inglês H. Lamb, o qual sustenta que a Terra estaria prestes a sair de um longo período de calor relativo, que dura desde o início até metade do século, e William Dansgaard, professor catedrático de Meteorologia na Universidade de Copenhague, o qual afirma que, nos próximos anos, a Humanidade encontrar-se-á inevitavelmente a bater o queixo com frio.

Dansgaard e a sua equipa de investigadores descobriram que o clima terrestre varia por período e que estes períodos são quase completamente regulados por oscilações do Sol. Estudando as oscilações e pondo-as em relação com as variações de temperatura que se registaram no mundo durante o último século, o cientista dinamarquês deduziu que o período do gelo teria tido início já no passado Inverno, e que durante cerca de 40 anos a Terra será apertada num torno de um clima de arrepios semelhante ao dos séculos XVI e XVII, em que os rios europeus gelaram quase todos. O ar deveria voltar a tornar-se ameno por volta do ano de 2010. Então, a temperatura poderia atingir os mesmos valores de calor verificados nos anos 60.

O planeta frio. Um outro estudioso, Hans Hoikens, director do Instituto de Meteorologia da Universidade de Innsbruck, na Austria, chegou a conclusões pouco mais ou menos análogas, com uma diferença na data do início do novo período glacial, o qual teria começado exactamente há uma trintena de anos.

Hoikens fundamenta a sua convicção em dados recolhidos durante o ano geográfico internacional, dados que demonstram que, em substância, a Terra é um planeta frio ou, pelo menos, em vias de rápido arrefecimento.

Na verdade, como se pode falar de um planeta quente, diz o meteorologista austríaco, quando os gelos se estendem ainda hoje sobre 16 milhões de quilómetros quadrados, isto é, sobre cerca de 12 por cento das terras imersas; quando os territórios gelados e os mares glaciais ocupam 47 milhões de quilómetros quadrados; quando as zonas submersas pela neve, pelo menos 4 meses durante o ano, são cerca de 75 milhões de qui-

lómetros quadrados e mais de um quarto dos oceanos é povoados por gelos errantes? Em resumo, o frio seria o senhor de cerca de 140 milhões de quilómetros quadrados um quarto de toda a superfície terrestre.

Num certo sentido, é uma situação semelhante àquela em que se encontrava a Terra no período quaternário, quando foi submetida a quatro glaciações intervaladas por épocas de clima mais ameno.

Mas qual foi a causa das glaciações do quaternário, precedi-

vado grau de humidade que acompanha as altas temperaturas. «Mas», diz ainda Gualtierotti, «há também outras condições que alteram o bem-estar térmico; por exemplo, a provocada pelos ventos quentes carregados de electricidade positiva». Estes ventos, que se encontram sob diversas denominações em todas as partes do mundo (siroco, no Mediterrâneo; mistral, em França; Santa Ana, na Califórnia do Sul; zonda, na Argentina; chamsi, nos países árabes; sharav, em Israel; foehn, nas regiões da Suíça, da Alemanha do

Sul e da Asutria; chinook, no Canadá, etc.) são responsáveis dizem os bioclimatologistas médicos, por muitos distúrbios psicofísicos verificados nos períodos quentes do ano. Os seus efeitos patológicos manifestam-se de modo especial em prejuízo do aparelho cardiovascular, do aparelho respiratório e do sistema nervoso. Os sujeitos são acusados irritabilidade, depressão, cefaleia, sensações indefinidas de mal-estar; os doentes apresentam um agravamento dos sintomas e, às vezes, da própria doença pela qual são afectados.

Relação misteriosa. «Nem só isso», observa ainda Gualtierotti, «mas também os factores climáticos e as suas variações têm influência também sobre os medicamentos. Um medicamento administrado a uma certa hora do dia dá uma resposta diferente daquela que dará numa outra hora. A própria anestesia é modificada pelas condições meteorológicas. Foi igualmente observado que existe uma estreita correlação entre andamento estacional e enfarto do miocárdio, trombose cerebral e hemorragia».

De que depende esta relação é ponto que os cientistas ainda não descobriram. A única coisa certa é que o clima desempenha um papel determinante na vida do Homem do princípio ao fim.

O sucoço faz mal à pele e faz cair os cabelos. O ar quente e húmido, aquele que se respira habitualmente em Roma, entre fins de Julho e os primeiros dias de Agosto, provoca embolias, trombozes, hemorragias. Quando, pelo contrário, a humidade é fria, desencadeiam-se a hemiplegia, as cólicas e os ataques epiléticos. A poliomielite ataca com o calor: ao norte do Equador, entre Agosto e Setembro, os diabéticos pioram no Outono tardo. A deslocação da retina prefere os meses tépidos da Primavera, de Março a Maio, o que acontece igualmente com a tuberculose. A difteria, pelo contrário, ocorre no princípio do Outono e volta a adormecer para Março.

São alguns dos casos clássicos de distúrbios ligados aos saltos do clima e ao humor do tempo. Porém, segundo os climatologistas, os médicos que estudam a

Continua na pág. 13



SANZALA

JANTARES E CEIAS
até às cinco da manhã

Avenida Marechal Carmona, 2 (ao Campo Grande) • Telef. 790177 • M. 21 anos

A «BOITE» QUE TODOS ESTÃO ESPERANDO REABRIU, COMPLETAMENTE REMODELADA, COM A ADMINISTRAÇÃO DO PROPRIETÁRIO ALBERTO DE JESUS

com o famoso conjunto

«THÓ BANDEIRA» e a sua vocalista MARIA DE FATIMA

DL/DOMINICAL

EXCLUSIVO

Continuação da pág. 12

influência das modificações meteorológicas sobre o organismo humano, a relação entre tempo e saúde é ainda mais precisa.

Como ciência, a climatologia é antiga: dela se ocupou também Hipócrates, o médico grego que viveu no século V a. C.. Só em 1956, porém, foi fundada em Leida, na Holanda, a Sociedade de Biometeorologia, o primeiro organismo internacional que se ocupa deste tipo de medicina. Agora, começam também a interessar-se por ela os Estados Unidos, a União Soviética e a Grã-Bretanha.

«Em Itália, estamos ainda um pouco atrasados» diz Baldassarre Messina, siciliano, de 45 anos, professor de hidrologia médica na Universidade de Roma, um dos poucos climatologistas italianos de fama internacional. «Cadeiras universitárias específicas não as há. Existem só escolas de aperfeiçoamento incluídas nas cadeiras de hidrologia médica».

Centros deste tipo, há-os em Roma, Milão, Pavia, Pisa, Nápoles e Palermo. «Ao todo, os estudiosos são uma trintena. Poucos, em comparação com os outros países».

Climatologistas e biometeorologistas distinguem no estudo dos efeitos do tempo e do clima sobre o organismo, três métodos: médico-geográfico, empírico e experimental. No primeiro caso, reportam-se às cartas geográficas e aos dados relativos à mortalidade e à incidência das várias doenças, divididas região por região. Se a análise promenorizada demonstra que as variações não podem ser explicadas com base em factores óbvios (diferença de raça, de dieta, organização sanitária), o mapa é relacionado com as cartas meteorológicas e climáticas da zona.

Com o método empírico é recolhida uma enorme quantidade de dados fisiológicos e patológicos, e analisam-se, depois com base estatística as possíveis relações entre estas e os factores meteorológicos: são necessárias, portanto, tabelas do tempo e do clima muito precisas, preparadas em observatórios bem equipados. O método experimental interm para verificar se as relações observadas são casuais. Entram ao balie as câmaras aonde se podem reproduzir todos os géneros de condições climáticas, as variações de temperaturas, os ventos, as radiações e a pressão atmosférica.

As câmaras climáticas não servem sómente para motivos de estudo. Muitas clínicas e centros especializados usam-nas para tratar os meteoropáticos, isto é, as pessoas que ressentem de uma forma particular os caprichos do tempo. Segundo os estudiosos, a meteoropatia, de forma mais ou menos acentuada, é comum a 90 por cento dos seres humanos. «E imune a ela só quem possui um equilíbrio homeostático, isto é, uma estabilização entre a energia que as próprias células produzem e a que recebem, excepcional», afirma Sergio Cerquiglini, de Roma, de 51 anos, professor catedrático de fisiologia humana em Roma, autor de uma centena de publicações sobre o assunto.

Segundo Cerquiglini, os meteoropáticos dividem-se em duas categorias: «Os verdadeiros, autênticos súcubos do tempo e do clima, que são atingidos por distúrbios, frequentemente angustiosos, exclusivamente por causa dos saltos meteorológicos, e os meteorolábeis, indivíduos já apoquentados por males de vários géneros, que se acentuam bruscamente quando muda o tempo».

O calcanhar de Aquiles de todos os meteoropáticos é o sistema nervoso. E os principais inimigos do sistema nervoso são os ventos. Os mais perigosos em Itália são o bora, o siroco e o setentrão, ao passo que na Europa Central, o *foehn*, vento quente do Sul, é normalmente considerado uma espécie de assassino.

Segundo Baldassarre Messina, o número dos meteoropáticos, não obstante as aparências, não está, de facto em aumento: «Pelo contrário, visto que a biometeorologia faz progressos contínuos, deveria diminuir. E não está excluída a hipótese de que, dentro de alguns anos, se inventem medicamentos específicos para o mal do tempo».

NADA DE NOVO, SEGUNDO BERNACCA
por Renzo Rosati

Tive uma espécie de revelação, um sinal do destino. Foi em 7 de Janeiro de 1947, dia do meu matrimónio. Casei-me em Fivizzano, nos Alpes Apuanos. Fizera um frio danado, houvera chuva, vento e neve. Naquela manhã, imprevisivelmente, o céu serenou, apareceu o Sol, o ar tornou-se tépido. Foi a prenda de casamento mais apreciada. Edmond Bernacca, o

mais famoso meteorologista italiano, conta este episódio a todo o jornalista que o vá procurar, para demonstrar duas coisas: que, no que diz respeito às previsões do tempo, o homem do destino é exactamente ele; que na vida privada é uma pessoa muito prudente, exactamente como aparece no *écran* dos televisores.

Os ingredientes da sua extraordinária popularidade (tem um índice de agrado de 90, o mais alto entre todas as personagens televisivas, e nos jornais e na rua já não se usa dizer «que tempo faz», mas «Bernacca diz que...») são exactamente estes. «Tenho de aparecer ali tranquilo, comedido na voz, nos gestos, no vestuário. O público aprecia estas coisas».

Natural de Roma, de 50 anos de idade («Agrado muito às velhas senhoras, aquelas que vão tratar os seus achaques a Fiuggi e a Montecatini»), carreira militar aos 19 anos («Que quereis? Então, era assim que se usava...»), especialização em meteorologia pela Aeronáutica no Lido de Roma, aos 21 anos, jornalista publicista (o seu primeiro artigo apareceu no *Tirreno*, de Livorno, em 1948), «previsor oficial» no Centro Nacional de Meteorologia até 1966, coronel reformado, Bernacca tem a sua rubrica televisiva «O tempo em Itália», no ar três vezes por dia, após o telejornal, há já quatro anos. A numeração das perturbações fez torcer as bocas a muitos outros meteorologistas, o que, em compensação, diverte os telespectadores.

Nestes quatro anos colecionou uma dúzia de prémios de popularidade: o último, o «Grande Simpática 1972», foi-lhe concedido em 29 de Julho, sobre os castelos romanos. O engano não clamoroso aconteceu-o o ano passado quando denunciou «um retorno de tempo sereno» pela «ponte» da Páscoa. Houve furacões e trombas de água. «Culpa de uma perturbação chegada com antecipação», desculpou-se Bernacca perante as câmaras.

Democrata-cristão, foi-lhe oferecida a candidatura às últimas eleições, mas recusou para não desiludir os telespectadores que não pensam como ele. «Sou contra os extremistas, da direita e da esquerda», diz. Habita no Eur, com a mulher, Bepy, e dois filhos, Frederica, de 23 anos, e Paulo, de 19 anos. Em casa, móveis de gosto clássico e alguns quadros de temas meteoro-

lógicos, e quatro barómetros. Colecciona garrafas de vinho, passa as férias junto ao mar, agrada-lhe a música lírica («O nosso grande Puccini») e o cinema sem compromissos («Já não fazem aquelas belas comédias musicais»). No ambiente do espectáculo tem várias amizades: «Claudio Villa odeia o frio, por causa da voz; Ornella Vanoni sofre de dores no pescoço e teme a humidade». Recebe, em média, dez cartas por dia, e responde a todas.

Pergunta. O que é que as pessoas lhe escrevem?

Resposta. Nos primeiros tempos queriam saber, quase exclusivamente, «que tempo fará». Pessoas que, admitamos, queriam ir para férias em Rimini em Agosto: haveria Sol ou estaria o céu nublado? Agora, parece-me notar uma maior maturidade. Há muitos, sobretudo rapazes, que discutem problemas de meteorologia, pedem conselhos, documentação, livros. Muitos deles demonstram até uma notável competência.

P. Isso significa que a meteorologia está a tornar-se, para muitos, uma espécie de passatempo, como o modelismo e a astrologia?

R. Mais do que tornar-se um passatempo, começa a interessar de forma séria, e penso que todos nos devemos alegrar com isso, porque conhecer o tempo, não apenas qual o tempo que fará, mas também os mecanismos que o determinam, é útil a todos nós: para a nossa saúde e para o nosso humor, para podermos dispor melhor de nós próprios e dos nossos recursos. E, depois, é sempre um meio para descobrir, sob um novo aspecto, a Natureza.

P. Nunca recebe cartas extravagantes?

R. Oh! De vez em quando, escreve-me alguém a pedir «para fazer chover» ou «para fazer aparecer o Sol». Evidentemente, estão convencidos de que eu sou uma espécie de feiticeiro. Também há pessoas que elaboram teorias estranhas para explicar os terremotos, os temporais...

P. Por exemplo?

R. Há um desses que me escreve periodicamente. Na última carta disse ter descoberto um gigantesco campo magnético que atravessa a Itália de alto a baixo, e que seria a causa de todos os nossos males. Segundo ele, todo este magnetismo deveria «estourar» dentro de um par de semanas, algo parecido com uma erupção do Etna.

P. Como explica o interesse pela meteorologia? O senhor tornou-se uma espécie de herói nacional: pensa ter sido a causa ou o efeito desse interesse?

R. Talvez um pouco uma e outra coisa. De resto, quando entrei para a televisão tinha exactamente esta ideia fixa: tornar a meteorologia familiar ao grande público e não só, repito, para saber as previsões do tempo. Creio tê-lo conseguido, pelo menos em parte.

P. E nesta obra de «vulgarização» impôs-se um critério especial?

R. No que diz respeito a mim próprio, não, porque me tenho sempre comportado perante as câmaras, de maneira natural. Por outro lado, tenho seguido um certo método, por exemplo, na escolha da linguagem, introduzindo gradualmente conceitos e vocabulos cada vez mais complexos.

P. Como se explica a sua popularidade?

R. Talvez porque, recentemente, as pessoas me achem espontâneo. Um dos seus, em suma. E, depois, sabe-se que em Itália o tempo, e aquele que o prediz, tem sempre despertado uma curiosidade popular.

P. Não obstante, não é que os italianos, até agora, tenham compreendido uma grande coisa de meteorologia...

R. Por certo, há sempre uma certa tendência para generalizar. Há um temporal em Agosto, e logo se ouve dizer que verões como este nunca se viram, que já não existem as estações, que é culpa das bombas atómicas... Na realidade, **grosso modo**, pode-se dizer que as estações são sempre as mesmas de há dez ou trinta anos, que a chuva de Verão sempre existiu e que as bombas atómicas, é claro, pouco ou nada têm a ver com isto.

P. Mas como nascem estas afirmações?

R. Quando a mim, pela tendência de todos nós para ligar certas recordações estritamente pessoais a sensações externas. Quantas vezes nos vem à mente uma música, só porque nos recorda uma situação especial? E assim acontece com o tempo. Ficam impressos na memória um Inverno com neve, ou um Verão, que nos parece, às distâncias, excepcional, cheio de Sol, de luz...

P. Portanto, na sua opinião, as estações continuam mais ou menos as mesmas?

R. Há modificações, mas no

decorso de centenas de anos. Depois, é claro, há certas situações particulares: um nevão em Abril, umas semanas de chuva em Julho, mas que têm um valor apenas episódico. Feita a média não incidem sobre a situação de conjunto.

P. É possível que haja, no futuro, grandes modificações no nosso clima?

R. Pode acontecer que se caminhe para uma radicalização das estações: quer isto dizer, invernos mais frios, verões mais quentes.

P. Muitos afirmam que o senhor, mais do que «prever» o tempo, lê as previsões que outros lhe preparam...

R. Más-línguas... Pondo de parte os gracejos, devo dizer que o trabalho de previsões é desenvolvido por um grupo de peritos, de técnicos que se servem de aparelhagem científica, de estações de controlo, de revelações aéreas. Hoje, como se sabe, entraram na baila também os satélites artificiais meteorológicos. Não se trata de chegar à janela e prever o tempo. De pessoal, ponho eu a interpretação a dar aos fenómenos observados: e penso que também este aspecto do nosso trabalho tenha a sua importância.

P. Qual é a situação da meteorologia em Itália? Por exemplo, nas escolas...

R. Publicações verdadeiramente actualizadas há poucas, e é ainda preciso, às vezes, recorrer às traduções de material estrangeiro. A situação nas escolas é aquela que é, o que quer dizer que estamos quase a zero. Nas universidades não há uma cadeira de meteorologia. Nos cursos superiores quase nunca se fala nela, tão pouco furtivamente nas horas dedicadas a outras matérias. Nas escolas médias e elementares, aqueles poucos conceitos que se aprendem são frequentemente esquecidos. Por exemplo, a verdadeira classificação das nuvens é assunto que tem de se rever completamente.

R. Tem sugestões a fazer?

R. Sim, mesmo que, como meteorologista, o meu juízo possa parecer um pouco unilateral. De qualquer maneira, seria preciso, como primeiro passo, ensinar conceitos justos aos rapazes mais pequenos. Depois, introduzir o ensino da meteorologia nas escolas superiores, ligando quicá, com a física e a geografia. Finalmente, pelo menos em algumas universidades, criar cadeiras autónomas. Já seria qualquer coisa.

SENSACIONAL CAMPANHA DE AGOSTO

24 PRESTAÇÕES MENSAIS SEM ENCARGOS

ALCATIFAS
MOBÍLIAS
MAPLES
PAPÉIS DECORATIVOS

TELEVISORES
GRAVADORES
GIRA-DISCOS
ALTA FIDELIDADE

MAQUINAS DE LAVAR
FOGÕES
ESQUENTADORES
FRIGORÍFICOS

CANDEEIROS
ASPIRADORES
ENCERADORAS
FRITADEIRAS

E TODA A GAMA DE ELECTRODOMÉSTICOS

(ESTA NOSSA CAMPANHA É SÓ DURANTE ESTE MÊS)

M. L. FERREIRA — Rua D. Estefânia, 48-A — LISBOA

DL/DOMINICAL

EXCLUSIVO

APANHEM MAO VIVO OU MORTO

«Lin Piao», disse Mao Tsé-tung ao ministro dos Negócios Estrangeiros francês, Maurice Schumann, em visita a Pequim nas últimas semanas (o que só agora se soube), «tentou matar-me muitas vezes. Queria instaurar na China uma ditadura militar. Falhado o golpe de Estado, fugiu de avião...».

«Lin Piao opunha-se à política de Mao», explicou em 28 de Julho um diplomata chinês de Argel ao jornal argelino El Moudjanid. «A sua vicissitude entra na luta entre duas linhas opostas que desde há tempo estava em curso no Partido».

Dizia-se que Lin Piao, de 64 anos, ministro da Defesa, designado por Mao como seu sucessor, e desaparecido da cena política de Pequim no Verão de 1971, tivesse morrido entre as chamas de um avião de reacção Trident que se precipitou na Mongólia em 13 de Setem-

Eis, segundo um documento secreto, a reconstrução do plano com que Lin Piao, em 1970, esperava assenhorear-se do Poder. «Falhado o golpe, fugiu de avião...», disse Mao ao ministro dos Negócios Estrangeiros francês.

bro do ano findo, durante uma tentativa de fuga para a União Soviética. Nunca, no entanto, a notícia fora confirmada por fontes oficiais. Agora, pelo contrário, através de vários canais, os chi-

que o delfim andava a lamentar as más condições de vida das massas «exploradas até à última pelo regime» ainda mais do que as diferenças cada vez mais acentuadas entre as cidades

Por MASSIMO CONTI
Exclusivo Panorama/ADS/DL

neses decidiram-se a explicar o mistério, indicando também as manobras que estiveram por detrás dele. Segundo um documento secreto que circulava entre os expoentes do Partido Comunista chinês e caído, certamente não por acaso, nas mãos de um agente do serviço de informações da Formosa (China nacionalista), o conflito entre Mao e Lin Piao era incurável.

Desde há tempos

e os campos, entre os «mandarins» do Partido e os camponeses indigentes.

Não há compromissos. Em política externa Lin Piao havia criticado já muitas vezes a tendência manifesta para pactuar com os Estados Unidos e para lhes tolerar a presença política e militar na Ásia. Mesmo que o objectivo declarado, como dizia Chu En-lai, fosse o de contrabalançar a presença in-

quietante para os chineses da União Soviética e do Japão. Lin Piao enfureceu-se ao máximo quando veio a saber em seguida que Pequim havia decidido enviar carros blindados e canhões ao Governo socialista de Ceilão e ao do Paquistão Ocidental, empenhados em reprimir os movimentos de libertação nos dois países.

A ocasião para colocar Mao e Chu En-lai, expoentes das correntes moderadas do Partido, sob acusação, apresenta-se a Lin Piao durante a reunião da Comissão Central, em Dezembro de 1970. Fortalecido pelo apoio dos militares que constituíam 40 por cento da assembleia, o delfim começou uma série de manobras destinadas a colocar Mao Tsé-tung em minoria.

As suas críticas da esquerda a um regime que começava a conciliar os esquemas da ideologia mais rígida com as tarefas da política, tiveram ecos favoráveis em toda a



Embora conspirando activamente contra Mao, o Marechal Lin Piao fazia-se fotografar frequentemente com o Livro Vermelho nas mãos. Um ministro chinês acusou-o há dias, em Lima, de ser um sujeito dissimulado.



Execuções sumárias nas ruas de Pequim quando Mao ainda não assumira o poder e Chang Kai-Chek caçava comunistas

China. E isso, também, porque parecia que Lin Piao quisesse levar por diante as ideias da Revolução Cultural de 1968, nascida da necessidade de combater as degenerações burocráticas do comunismo chinês, mas tornadas, depois, segundo o próprio Lin Piao, um instrumento da política de Mao.

Para Mao a ameaça era grave. De facto, Lin Piao contava muitos amigos também no Politburo, o supremo colégio do Partido (12 membros no total de 21 estavam pelo seu lado). Oficiais e soldados do Exército Popular controlavam a maioria das comissões provinciais do Partido. Além disso, das 29 administrações de províncias e distritos da China, 21 estavam nas mãos do Exército que se havia inserido no vazio de poder aberto pela Revolução Cultural. Até há dois anos, nas províncias chinesas, os soldados

distribuíam arroz aos camponeses, davam lições aos rapazes das escolas, conduziam locomotivas e barcos fluviais, aviões e automotoras civis, geriam instituições, fábricas, hospitais.

Cinco sete um. A acção de Lin Piao na Comissão Central foi frustrada por Mao e Chu En-lai. Seguiram-se acusações abertas contra Lin Piao e os seus apaniguados, depurações, prisões. No Verão de 1971, visto que, no plano político, a batalha já estava perdida, Lin Piao, segundo o documento secreto, passou à conspiração. Aos seus amigos explicou ele que Mao «era um tirano pior do que o imperador Chin Shih-huang» (uma espécie de Nero chinês subido ao trono no ano de 221 a. C.), que «era um sádico e um maníaco de suspeita». Que, em suma, era oportuno eliminá-lo para o bem da causa.

DL/DOMINICAL

EXCLUSIVO



Um grupo de soldados chineses durante a hora da doutrinação política. Para o seu golpe de Estado, Lin Piao contava sobretudo com o apoio do exército que, até há três anos, tinha poderes superiores, até mesmo aos do partido

Com o concurso do chefe do Estado-Maior do Exército, Guang Yung-sheng, e de outros oficiais superiores, Lin Piao começou a preparar um golpe de Estado.

O plano chamava-se «cinco sete um» e podia contar com o apoio militar soviético. «Gases tóxicos, bactérias,

bombas, raptos e assassínios», diz ainda o documento secreto, podiam contar-se entre os meios previstos no plano. No código, Mao era indicado com a sigla «B 52». A ordem era apanhá-lo vivo ou morto.

Dúvidas. A conspiração foi frustrada de maneira que as fontes chinesas ainda não es-

clareceram. A Lin Piao ficou apenas a possibilidade de fugir para a Rússia. No Trident caído entre as montanhas da Mongólia interior, em 13 de Setembro de 1971, encontravam-se, além de Lin Piao, a mulher, o filho e alguns chefes da malograda conjura.

Quanto à reconstituição da ocorrência, os sinólogos americanos têm expressado as suas dúvidas. É possível, têm-se perguntado, que Lin Piao, o homem mais à esquerda do regime chinês, pudesse contar com o apoio dos soviéticos? Ou — quem sabe? — estaria a URSS pronta a apoiar Lin Piao para poder mandar as suas divisões para a China? Nos meses decorridos, desde então, os funcionários de Pequim informaram confidencialmente alguns diplomatas ocidentais ansiosos por notícias sobre Lin Piao, que o ministro da Defesa «estava vivo, mas detido na sua habitação». Então, não morrera no acidente de avião?

Também aos sinólogos americanos, a queda do Trident pareceu um expediente para explicar o fim de Lin Piao. Pode acontecer», disse um perito em assuntos chineses, «que Lin Piao tenha sido capturado e, depois, morto». A morte do delfim permanecerá, talvez, como um mistério. Como a de Laurenti Beria, o chefe da Polícia secreta soviética no tempo de Nikita Krutchev.

UMA CARREIRA À SOMBRA DE MAO

Nem as biografias oficiais chinesas indicam com precisão o ano do nascimento de Lin Piao: as datas vão de 1904 a 1908. Também incerto é o lugar do seu nascimento (fala-se de duas aldeias da província de Hupeh) não havendo, porém, dúvidas sobre a origem burguesa da sua família: o pai era um abastado fabricante de tecidos. Lin Yu-yung (era o seu primeiro nome e quer dizer «aquele que vigia o próprio comportamento») demonstrou, desde os bancos da escola, acentuadas atitudes de comando. Estava sempre na primeira fila das agitações estudantis e, em 1920, inscreveu-se quer no Kuomintang, o partido nacionalista, como na Liga Socialista Juvenil. Quatro anos depois era já comunista.

A partir de 1925, fez-se chamar Lin Piao («O gato tigrado»), passando a fazer parte do estado-maior da prestigiosa academia do exército Whampoa, de Cantão. Embora de saúde frágil (doenças pulmonares) a sua carreira foi rapidíssima. Em 1927 lançou, com poucos milhares de homens, as bases daquilo que viria a ser o Exército Vermelho. Mão Tsé-tung ouviu falar do capitão Lin Piao e convocou-o ao seu refúgio: ambos se entenderam imediatamente e tornaram-se amigos.

Em 1934, Lin Piao tornou-se comandante do Primeiro Exército: 35 mil soldados bem adestrados, que se bateram valorosamente contra Chiang Kai-chek, protegendo Mao na Longa Marcha, uma retirada de oito mil quilómetros para transferir as forças comunistas das indefensáveis zonas da China Meridional para os contrafortes montanhosos do Setentrão. Brillante estratega, habilíssimo a infundir entusiasmo, derrota em 1937, com uma só



Mao Tse-tung e Lin Piao quando o acordo entre os dois era aparentemente perfeito

devisão, os japoneses concentrados em Pinghsingkuan: foi a sua coroa de louros no campo de batalha. Como prémio, Mão enviou-o para a URSS para um curso de adestramento de três anos. Regressado à pátria, entrega-se à política e é eleito, sexto na gradação hierárquica, para a Comissão Central do Partido Comunista Chinês.

Após a rendição japonesa, tornou-se comandante do Quarto Exército aquartelado na Manchúria, o mes-

mo que baterá os nacionalistas, libertando Pequim em 1949. Mão premiou-o de novo, nomeando-o vicecomandante do Centro-Sul. Em 1955, tornou-se marechal e membro do Politburo.

Casado, com dois filhos, estava sempre perto de Mao: como ministro da Defesa devia doutrinar o exército, destinado a tornar-se o bastião ideológico da revolução. A sua influência estava à vista: em 18 de Agosto de 1966, ocupava o lugar de honra na tribuna, ao lado de Mao, durante uma parada na praça Tien An Men, em Pequim.

Durante a revolução cultural, foi o chefe da ala mais intransigente e inflamada. Em Abril de 1969, o IX Congresso do Partido Comunista Chinês designou-o, num relatório de 24 mil palavras, sucessor e delfim de Mao.

A diplomacia do pingue-pongue assinalou o fim do seu poder. Lin Piao compareceu em público pela última vez em 4 de Junho de 1971, durante uma recepção em hora do presidente romeno Nicolae Ceausescu.



Soldados do Exército Vermelho submetidos a sessões de doutrinação com os textos do Livro de Mao

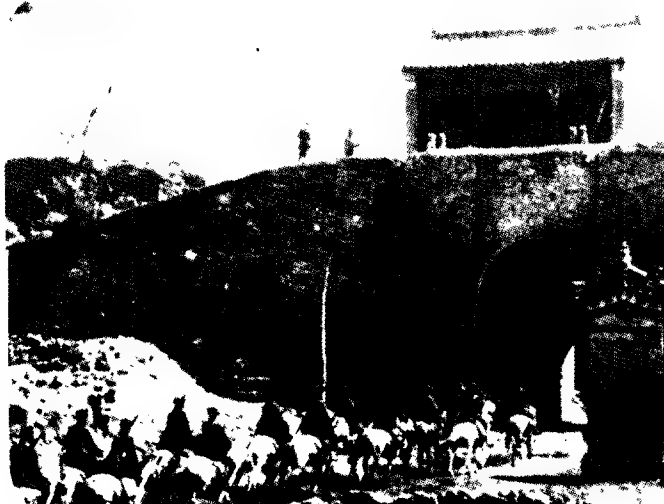


Foto histórica: Lin Piao comandou pessoalmente a entrada dos revolucionários em Nanquim



Lin Piao em 1933

DL/DOMINICAL

HISTÓRIA

Quatro séculos se completam sobre a noite de São Bart

epilege Anno 1572 op S: Bartholomeus Dage en volgende Dagen



Desejada pela Rainha Mãe de França por motivos políticos, a morte dos chefes protestantes transformou-se num massacre a que não escaparam nem mulheres nem crianças. Algumas fontes falam de 10 mil vítimas.

A CAÇA AOS HUGUENOTES

Por um daqueles estranhos contrastes que a realidade frequentemente apresenta, o massacre de São Bartolomeu, o mais obscuro episódio das guerras religiosas em França, tem por detrás de si uma festa; e, deste modo, não foi, de certo modo, provocado.

Tratava-se de uma festa nupcial. Em 18 de Agosto de 1572 era celebrado o matrimónio de Margarida Valois, filha de Catarina de Médicis e irmã do soberano reinante, Carlos IX, com Henrique de Bourbon, rei de Navarra. Estas núpcias representavam uma meta no programa de pacificação perseguida há mais de vinte anos por «Madame Catarina». Obrigada a fazer jogo duplo entre duas facções opostas, ambas extremistas — por um lado, a intransigência dos Huguenotes, como eram chamados os calvinistas franceses; por outro lado, o fanatismo dos ultras católicos, que tinham como chefe o duque de Guise — a rainha, a verdadeira descendente de Lourenço, o Magnífico, persistia, de tratado em tratado, na sua busca de equilíbrios e de compromissos.

Sabia jogar uma partida terrível. A partida era dupla:

a unidade de França e a estabilidade do trono de seus filhos. Dez lhe haviam nascido das suas núpcias com Henrique II de Valois: dos sobreviventes, quatro eram do sexo masculino, e três deles deviam reinar, em rápida sucessão, depressa arrancados ao trono por uma das doenças habituais na casa real. Tuberculose, hemofilia, escrôfula e distúrbios mentais faziam parte da herança familiar não menos do que a coroa de França; todos os quatro avós, paternos e maternos, haviam morrido de sífilis; na verdade, era difícil imaginar uma prole mais miseranda do que aquela trazida ao mundo por Catarina de Médicis. Mas por muito tarados e semidementes que fossem, a rainha matriarca não teria tolerado vê-los afastados do trono; e para lho conservar estava disposta a recorrer a todos os meios. O matrimónio político era um deles.

Dando Margot, como era chamada familiarmente a princesa Margarida, como mulher a Henrique de Navarra, chefe dinástico dos Huguenotes, Catarina sabia estar a desferir um golpe na habilidade e atrevimento dos Guise, que da observância católica estavam a fazer uma espécie de plataforma para a escalada ao poder. Nos seus planos, o matrimónio devia ser duplo: a filha de Margot com o rei de Navarra, e o filho predilecto, Henrique de Valois, duque de Anjou, com uma outra figura de destaque do movimento protestante, Isabel de Inglaterra. Porém, esta última havia usado de subterfúgios, como era costume. Não falando já na diferença de idades (tinha 40

anos contra 24 de Henrique), pois que os matrimónios principescos não levavam em conta semelhantes desproporções; mas por princípio, embora usando as negociações nupciais como arma diplomática, Isabel não tencionava prender-se.

Catarina ficou desiludida, mas seu filho sentiu-se aliviado. Também ele não tinha propensão para o matrimónio. Costumava usar grandes brincos de pérolas, inundava-se de perfumes fortes, rodeava-se de jovens nobres de ar lânguido e sentia-se feliz quando podia vestir-se de mulher. Também Margot teria querido rebelar-se. O rei de Navarra era pobre, tinha maneiras rústicas e, segundo opinião geral, cheirava a alho. Porém, Catarina não quis ouvir razões. Já se tivera de proteger repetidas vezes a cerimónia nupcial, por motivo da dispensa papal, necessária para um matrimónio entre indivíduos pertencentes a religiões diferentes, mas que não se decidia a chegar. Finalmente, sob pressão dos protestantes, Carlos IX foi induzido a falar claro: disse ao cardeal de Bourbon que o «breve» pontifício já estava a caminho, e impôs-lhe abençoar as núpcias.

Foi uma cerimónia estranha, envolta numa atmosfera de inquietação. Os huguenotes haviam afluído à capital em grande número, no séquito do rei de Navarra; e os parisienses, na sua maioria católicos, e antes do mais «guisistas», olhavam-nos com aversão e suspeita. O rito nupcial realizou-se em Notre Dame, não dentro da catedral, mas fora, no adro diante do tem-

plo, pois os protestantes recusavam-se a entrar. A princesa, de vestido de brocado de prata, muito abatida, teve um momento de hesitação quando lhe foi dirigida a pergunta sacramental. Seu irmão, Carlos IX, estando atrás de si, desferiu-lhe uma pancada na nuca que a obrigou a inclinar bruscamente

a cabeça; e o cardeal deveria tomar aquele gesto como um sinal de assentimento. Depois, Margot, recebida a bênção, entrou no templo, enquanto os huguenotes permaneciam ostensivamente no adro. «Sabemos bem como fazer-vos entrar!», murmuraram algumas vozes furiosas.

Na crescente tensão, as festas que se seguiram tiveram um carácter de írenesi, mais do que de alegria. Sob as nuvens baixas do céu de Agosto, carregado de ar pesado, as fogueiras acesas nas praças e nas encruzilhadas tinham revêrberos sinistros: as salvas de artilharia que atroavam a cidade pare-



Carlos IX



Catarina

Desperdiçar não é grandeza. Coloque as suas economias em objectos que valham.

GRANDE OURIVESARIA DA MODA

RUA DA PRATA, 257

Em ALCOBAÇA o «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por José Francisco.

DL/DOMINICAL

HISTÓRIA

rtolomeu

ciam anunciar a guerra civil, mais do que um acontecimento alegre.

Na corte, as celebrações degeneraram em orgia. O duque de Anjou, em traje de mulher, com três colares de pérolas ao pescoço e pendentes de esmeraldas, compridos, que lhe chegavam aos ombros, comparece ao baile do palácio coberto de cosméticos e abanando-se com leque. Entretanto, o perigo da desordem crescia. Os Guise e os seus emissários estavam espalhando com arte o boato sobre uma conspiração dos protestantes para se apoderarem do poder, e apontavam a gente vinda atrás do rei de Navarra como uma espécie de «quinta coluna» pronta a entrar em acção. Catarina inquieta, perguntava-se por quanto tempo ainda o pericário equilíbrio por ela estabelecido com o último tratado — o do Saint-Germain, de Agosto de 1570, dito também «a paz manca», porque um dos negociadores, Biron, era coxo — conseguiria manter-se.

Se a situação era alarmante por parte do extremismo católico, não o era menos no que respeitava aos elementos de ponta do partido adverso. O mais autorizado dentre eles, o almirante Gaspard de Coligny, estava a adquirir um perigoso ascendente sobre o ânimo débil e influenciável do jovem rei, até aí tão submisso ao querer da mãe que o embaixador veneziano chegou a apontá-lo como um extraordinário e admirável exemplo de submissão filial.

Na realidade, Carlos IX era totalmente desequilibrado. Este jovem de vinte e dois anos, com um grande corpo baloiçando sobre pernas demasiado delicadas, estava sujeito a crises de loucura furiosa, no decurso das quais ficava de atalaia às esquinas das vielas escuras, esperando a passagem dos infelizes passantes para lhes desferir pelas costas

uma saraivada de murros e pontapés. Depois, regressava ao Louvre descontraindo e desculpado, e durante algum tempo comportava-se como um cordeiro. Nem a mulher, Isabel de Áustria, nem a bela amiga Maria Touchet, parecia ter muita influência sobre ele. A única pessoa de quem Carlos IX soufreu o domínio era sua mãe; e, agora, Catarina sentia-se suplantada pela preponderante personalidade de Coligny.

O almirante, grande soldado e grande político, envelhecido entre as tormentas das guerras civis, estava a assumir, à força de habilidade, e junto do soberano, a parte da «figura paterna», demasiado cedo desapercebida da sua vida. Não era por acaso que Carlos IX lhe chamava, às vezes, «mon père», meu pai. Mas este pai não era um sentimental; era essencialmente um político, decidido a desfrutar até ao fundo, com vantagem para o seu partido, a influência adquirida sobre o rei. Catarina conhecia muito bem os seus objectivos: sabia que os huguenotes, através de Coligny, faziam pressão sobre o rei para obter uma intervenção armada da França a favor dos seus correligionários flamengos, oprimidos pelo duque de Alba. Semelhante movimento teria inevitavelmente arrastado o país — já deprimido pelas discórdias intestinas e à beira do colapso económico — para uma guerra com a Espanha, ruínosa sob todos os pontos de vista.

Nos dias que se seguiram ao matrimónio de Margot, Catarina debateu a questão da influência de Coligny com os seus mais fieis conselheiros, que eram o guarda-selos Biraghi, dito Birague, um italiano, o antigo preceptor do rei, Gondy, outro italiano, e o herdeiro presuntivo, o duque de Anjou. Este último, pelas tendências anormais que faziam com que o definissem, os seus inimigos, como «Príncipe de Sodoma», era um jovem extremamente inteligente: o único, entre os filhos de Catarina, que tinha herdado, talvez, algo da genialidade e do fascínio dos antepassados florentinos, os magníficos Médicis. Por muito corrupto e pervertido que fosse, sabia, no entanto, bater-se bem; e tinha-o demonstrado, desde muito jovem, nos últimos sobressaltos das guerras religiosas, que havia precedido a paz de Saint-Germain. Diferente do irmão, era de tendências decididamente contrárias aos huguenotes e considerava com suspeita as manobras de Coligny. Deveu-se a ele se, nos conciliábulos secretos com a Rainha Mãe, vai emergindo gradualmente a ideia de se desfazer do almirante.

Nada estava mais longe da ideia de Catarina do que o fanatismo. Nas mais difíceis conjunturas havia sempre procurado o caminho das negociações. Todavia, fora criada numa época e num ambiente em que não havia repugnância pelo assassinio político; pelo contrário, inclinavam-se a considerá-lo um expediente de governo. Seu pai, Lourenço II de Médicis, fora o dedicatário do *Príncipe de Maquiavel*; e embora ele nunca se tivesse dado ao trabalho de o ler, é presumível que a filha o tivesse lido. O que é certo é que a sua maneira de enfrentar os movimentos de Coligny foi tipicamente maquiavélica.

Mandou chamar a viúva de Francisco de Guise. Este chefe dos extremistas católicos fora morto dez anos antes, vítima de um atentado que os seus sequeiros atribuíam à responsabilidade de Coligny. Sua mulher era uma italiana, Anna d'Este, descendente de Lucrécia Borgia (ao ler as cróni-

cas do massacre da noite de São Bartolomeu, fica-se surpreendido pelo número de italianos envolvidos no acontecimento, e todos em posto-chave). Esta Anna d'Este havia voltado a casar com o duque de Nemours, mas conservava um ódio tenaz contra o presumível mandante do assassinio.

Catarina de Médicis, durante uma conversa, deu-lhe a entender que se a casa de Guise tentava regular as contas com o almirante, a família real teria considerado a coisa com a indulgência. A duquesa, também ela uma boa política, compreendeu de súbito de que lado soprava o vento e replicou que, se se tratava de ajudar a Coroa a desfazer-se de um inimigo, os Guise estavam prontos a oferecer o seu apoio. Catarina, porém cortou-lhe a palavra: nenhum inimigo nem nenhuma necessidade de ajuda. Tinha apenas tido a intenção de fornecer uma informação. E as duas separaram-se.

Todavia, a Rainha Mãe estava certa de não ter abordado em vão o assunto. Na sua mente, um projecto começava a tomar forma: sublevar contra os Guise o furor da reacção huguenote, que o atentado entre Coligny viria a desencadear; deixar que os extremistas de ambos os lados se exterminassem entre si, e, depois, intervir e restabelecer a paz, com toda a vantagem para o prestígio da Coroa, num terreno limpo dos elementos mais perversos.

Porém, a castanha estava-lhe na boca. Em 22 de Agosto, uma sexta-feira, um tiro de arcabuz partia, em direcção ao almirante, por detrás de uma janela meio fechada de uma casa de propriedade dos Guise. Até aqui, tudo se havia desenrolado segundo as previsões. Mas o que transtornou os planos de Catarina foi o malogro do atentado. O almirante não só saiu dele vivo, ferido apenas ligeiramente, mas também com uma ideia perfeitamente clara sobre quem havia inspirado o atentado.

Assim, as coisas transtornaram-se. Os Guise, aproveitando a ocasião de se vingar com o beneplácito da Coroa, tinham confiado o encargo a um certo Maurevert, cognominado «o sicário do rei», desde que Carlos IX o havia premiado com um «colar», por ter eliminado o conde de Mouy. Há tempo que este Maurevert habitava junto dos Guise, que se lhe tinham unido, provavelmente com vista a uma futura utilização dos seus talentos. Na manhã de 22 de Agosto, foi colocar-se numa casa situada ao longo do percurso habitualmente seguido pelo almirante, desde a sua casa na Rue Béthizy até ao Palácio do Louvre.

Coligny estava do palácio real acompanhado por dois simples gentis homens e por um pagem. Estava tranquilo e mastigava o seu habitual palito, destinado a entrar na lenda como a flauta de Frederico II e o charuto de Churchill. Maurevert era um óptimo atirador, e o seu tiro de arcabuz deveria centrar o alvo. Porém, naquele preciso momento Coligny deu um passo à retaguarda: sentia desatar-se-lhe um sapato e chamou o pagem para o ajudar. Aquele movimento salvou-lhe a vida: a bala, em vez de lhe atravessar o coração, feriu-o no braço esquerdo e levou-lhe um dedo. «Eis como são tratadas em França as pessoas de bem», foi o seu amargo comentário (segundo o que refere Maurevert na sua *Histoire de France*), enquanto os acompa-



Duque de Guise



Coligny

nhantes o transportavam, inundado de sangue, para a Rue Béthizy, e chamavam um cirurgião.

A reacção de Carlos IX à notícia do atentado foi um ataque de fúria. Os historiadores declaram que andava constantemente a repetir, com a voz estridente dos piores momentos: «**Saberei fazer justiça neste país.**» Para sublinhar a sua solidariedade com os protestantes, encorajou-o a estabelecer um cordão de protecção em volta da casa do seu chefe e convidou o rei de Navarra a alojar os gentis-homens do seu séquito. Catarina observava-o, inquieta e cautelosa, de lábios fechados. Mas quando o ouviu anunciar que decidira ir em pessoa visitar Coligny, a Rainha Mãe interveio decididamente. Não queria colóquios pri-

do duque de Alba e da Espanha. Catarina, sentindo o aspecto perigoso que a conversa estava a tomar, interrompeu-se, protestando que não se devia estar a fatigar o enfermo; porém, este, antes ainda do rei se retirar, conseguiu sussurrar-lhe qualquer palavra ao ouvido. A Rainha Mãe adivinhou que o estava pondo de sobreaviso contra ela própria e contra o duque de Anjou, e regressou ao Louvre presa dos mais tétricos pressentimentos.

A situação estava a escapar-se-lhe das mãos. Por um lado, preocupava-a a vingança de Coligny; por outro a tentativa de golpe de Estado dos Guise, que estavam já a distribuir armas à ralé de Paris. No decurso de poucas horas, a capital podia sublevar-se, e ninguém

tes diante do palácio de Guise e de Aumale, assinalados por gritos e arremessos de pedras contra as janelas; e, em oposição, a surda agitação dos sectores católicos, nos quais inteiras comunidades de extremistas estavam a preparar-se para a guerra. A tensão era tal que o governador Montmorency, responsável pela ordem, para não se comprometer, havia saído da cidade, levando consigo as suas tropas. Hesitar em agir significava, agora deixar o caminho livre aos Guise e aos seus adeptos.

Todavia, Carlos IX recusava ceder. Retirando-se, livida de furor, a Rainha Mãe lançou-lhe ainda uma ameaça: os huguenotes tinham já nas mãos o Meio-dia do país, agora os extremistas católicos arrancá-lhes-iam o Norte e a capital. O historiador francês Philippe Erlanger, no seu *Henrique III*, afirma que Catarina gritou ao filho: «**Não ficará uma só cidade em que possas refugiar-te!**»

Já pela noite dentro, Catarina e os seus fiéis tentaram um último expediente: Gondy, o ex-preceptor do rei, foi mandado a Carlos IX para lhe arrancar o consentimento para o massacre. O florentino conhecia bem a alma excitável do seu antigo aluno e os seus fatais desequilíbrios. Falou-lhe de assassinos já postados no palácio para o ferirem (aludia aos huguenotes do rei de Navarra); ilustrou-lhe a grandeza histórica da decisão que lhe pedia em nome da salvação da unidade da França; fez-lhe relampejar a ideia de uma glória colorida pelos revéberos do sangue.

A palavra «sangue» e a vista deles tinham sempre um efeito mórbido sobre Carlos IX. Já no dia anterior, em casa do almirante o seu olhar caíra sobre o colete que Coligny vestia no momento do atentado e desdobrando nele as manchas rosadas, tinha-se inclinado e, ao apalpá-lo, com os olhos

Por MARIA LUISA RIZZATTI
Exclusivo «STORIA ILLUSTRATA»/DL

vados entre Carlos IX e o almirante, pois sabia que daí emergiria uma denúncia contra ela própria e o duque de Anjou. Portanto, evitou o obstáculo, anunciando que não sómente o rei, mas toda a corte se dirigiria a casa do almirante, para se congratular pelo perigo evitado e para formular votos de restabelecimento. E assim foi feito.

Coligny recebeu-os a todos deitado na cama, envolto em ligaduras. Com os seus cabelos brancos e a grave majestade da fisionomia, tinha o ar de um juiz, mais do que o de uma vítima. Carlos IX sentiu-se profundamente atingido por isso. «**Mon père**», referem as crónicas ter ele exclamado, inclinando-se para ele, «a ferida é vossa, mas a dor é minha!». Jurou que puniria exemplarmente todos os responsáveis. Coligny, sem mencioná-los nomes, pô-lo em guarda: a traição serpenteava à sua volta, alguns dos membros do Conselho eram responsáveis por uma fuga de informações em proveito

estava em posição de prever qual teria sido a sorte da monarquia, apanhada no turbilhão de extremismos opostos. O desespero tornou feroz Catarina de Médicis. Segundo as crónicas do tempo, e depois de ter passado o dia de Sábado, 23 de Agosto, em consultas febris com os seus fiéis conselheiros, às oito da noite a rainha foi enfrentar-se com o filho, o jovem rei, e falou-lhe com desapiedada clareza, revelando a parte desempenhada na conjura contra Coligny. Acrescentou que a Coroa já estava comprometida: era necessário tomar o comando do movimento católico e eliminar resolutamente os chefes da parte contrária, arrancando aos Guise o mais precioso instrumento da sua propaganda: a qualificação de campeões da fé romana.

Agitado, perplexo, o jovem rei não se decidia. Catarina recordou-lhe as notícias alarmantes que provinham dos vários bairros da capital: os desfiles ameaçadores dos hugueno-



Catarina de Médicis

DL DOMINICAL

Continuação da pág. 8

Por que não se fez ainda um filme de **Papillon**? Não o ia rodar Roman Polanski? «Tu tiveste um argumento nas mãos», diz-me. «É um assunto muito complicado. Em «Papil-

lon» há, pelo menos, sete filmes. Tira o sumo do livro é tarefa quase impossível, e nela

fracassou Polanski. Não conseguiu escrever o argumento. Mais tarde apresentaram outro os autores de Bonnie e Clyde. Li-o, pareceu-me formidável; porém, foi posto de lado porque a película ia custar dezasseis milhões de dólares. Só para direitos de autor são dois milhões de dólares. O filme, em princípio, era para ser feito por Frank Shaffner, o realizador de «Patton».

Papillon é afeiçoado à leitura? Nada, nunca li. Não me interessa. Basta-me o livro da vida e a experiência da vida. A alma da gente não está nos livros. Eu costumava falar com os cegos que vendem lotaria e perguntava-lhes se comeram bem, se têm alguém que lhes cuide da casa. O silviro estão na própria vida, na prostituta que me conta as suas coisas, no pescador...

«O teu editor conta, no prólogo do livro que **Papillon** se escreveu, porque, um dia, na livraria francesa de Caracas compraste **O as trágico**, de Al-

bertine Sarrazin. E verdade? «Eu escrevi para fazer dinheiro e para sair de uma situação um pouco difícil. Vi o êxito que, em França tinha Albertine, porém, eu, em Caracas, estava mais preocupado com os meus negócios e não comprava sequer os jornais franceses. Um dia, depois do terramoto, li em «El Universal» que Albertine tinha morrido. Mas os seus livros não influenciaram o meu estilo».

OS PÁSSAROS

Como foi a infância de Henri Charrière? «A mãezinha era filha de uma família muito rica que se arruinou com o negócio de cereais. Então, entrou na pedagogia por necessidade. Meu pai era filho de camponeses. Ambos se queriam muito e não recordo ter ouvido em minha casa um grito ou uma discussão. Meu pai era ateu,

e não recebi, portanto, uma instrução religiosa; ensinou-me, porém, a respeitar tudo e todos. Entre a família aprendi a acreditar na vida, a respeitar os passarinhos, a proteger o fraco e a não temer o poderoso. Ensinaram-me também música. O palzinho tocava violoncelo e a mãezinha piano».

«Mas em Montmartre tudo isso se acaba. Eras um dos vadios mais notórios de Paris.»

«Na realidade a felicidade acabou com a morte de minha mãe. Enviaram-me como interno para um colégio. Os meus companheiros recebiam a visita de suas mães e passeavam com elas pelo pátio do colégio. Eu não aceitava a morte e acreditava na minha desgraça. Quando os rapazes voltavam de se despedir de suas mães eu brigava com eles. Um dia feri um com um compasso e expulsaram-me do colégio. O juiz de instrução não quis per-

der-me de vista e obrigou meu pai a assinar um contrato, para mim, de cinco anos como alizado na marinha francesa. Os marinheiros franceses são muito bons como marinheiros mas muito maus como psicólogos. Obedecem sem compreender, de forma automática e isso é contrário à minha natureza.»

«Queres dizer que os teus problemas não terminaram ali?»

«Voltei a pegar-me; desta vez com um marinheiro. Sentenciaram-me a três anos na secção disciplinar, na Córsega. Ao reincorporar-me na vida normal, ainda não era um bandido; porém, em todos os sítios a que cheguei me pediram o certificado de boa conduta. Ninguém me admitiu. Encontrei-me uma tarde com um companheiro do batalhão disciplinar da Córsega e contei-lhe o meu caso. Sabes o que me disse? Para abrir cofres não vale precisar de um certificado de bom comportamento; vem comigo para Paris. Ali há massa! E assim começou a minha vida na vadiagem...»

Compañia Trasatlántica Española, S. A.

MADRID

PARA:

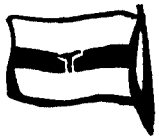
NEW YORK, PHILADELPHIA
BALTIMORE e NORFOLK

Recebe cortiça, frigorífico e carga geral a moderna e rápida motonave espanhola:

GALEONA
esperado em 24 do corrente
VALVANUZ
esperado em 6 n. f.

Os Agentes Gerais
LLORET & XAVIER, LDA.

Largo do Corpo Santo, 21-1.
Telef. 32 46 71 e 32 72 58 — Telex. 1416 LLOXAV
LISBOA-2



TORM LINES

PARA:

BARCELONA
MALTA
BEYROUTH
ALEXANDRIA

m. s. «Thyra Torm» em 24 do corrente

Aceita carga para as cidades do interior do Próximo Oriente via Beyrouth, em regime de frete corrido e conhecimento directo.

OS AGENTES GERAIS

SOCIEDADE COMERCIAL
OREY, ANTUNES & CIA LDA.
Praça Duque da Terceira, 4 — Telef. 366056/362266/369346

COMPANHIA ELÉCTRICA DO ALENTEJO E ALGARVE

C E A L
S. A. R. L.

CAPITAL: 70 000 000\$00

SEDE:
Rua D. Francisco Manuel de Melo, 23-A, 5.º LISBOA

Obrigações de 4%, 1956
24.º sorteio

Obrigações de 4%, 1958
21.º sorteio

Para os devidos efeitos se comunica que o sorteio de obrigações a amortizar em 1 de Setembro próximo, se realizará na sede desta sociedade, no dia 25 do corrente pelas 11 horas e 30 minutos.

Lisboa, 11 de Agosto de 1972

O PRESIDENTE DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
Aliança Eléctrica do Sul
S. A. R. L.

Francisco Alberto Corrêa
Figueira

MENSAGEM DO GRAAL A PALAVRA NOVA

Resposta a este jornal ao n.º 612.

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por João Evangelista M. Quitério, «Café Copacabana» MIRA



Amanhã o «DL» revela quem vai ao VII FIC

Embora tenha terminado a votação para eleger um segundo intérprete para o Festival Internacional da Canção Popular do Rio de Janeiro a expectativa dos nossos leitores mantém-se. A prova disso está nos milhares de votos que chegaram ao nosso jornal nos últimos instantes da votação. Para compensar a expectativa o nosso jornal divulgará nas suas edições de amanhã o quadro com a classificação geral, para que todos os leitores fiquem a conhecer a posição exacta dosandidados.

O ASTUTO SADAT

Continuação da pág. 7

Sadat foi confirmado Presidente pela Assembleia Nacional e pela União Socialista Árabe, o único partido político existente no Egipto, e Ali Sabry foi eleito para a vice-presidência. No Governo constituído pelo presidente Sadat, o coronel Mohammed Fawzi ocupou o posto de ministro da Guerra.

Aparentemente, os lugares-tenentes do Raiz haviam feito a unidade sobre o túmulo do chefe desaparecido. No entanto, interiormente desenvolvia-se uma luta feroz ardorosa entre dois grupos: o pró-soviético de Ali Sabry e de Mohammed Fawzi; e o nacionalista de Anwar el - Sadat.

O grupo Sabry - Fawzi preparava um golpe de Estado para destituir Sadat. Mas este, astuto, antecipou-se e, em Maio de 1971, destituiu os seus adversários e meteu-os na prisão.

Como o grupo Sabry - Fawzi era muito pró-soviético, o contra golpe de Sadat evidenciou que nem tudo corria bem entre o Cairo e Moscovo.

Os jerarcas do Kremlin foram ao Cairo e Sadat deslocou-se a Moscovo, a fim de limar arestas. Assinou-se até um pacto de amizade entre a União Soviética e o Egipto, por um período de quinze anos. Exteriormente, tudo caminhava lindamente... Mas, que havia alguma coisa que não ia bem ficou agora demonstrado com a expulsão dos conselheiros e técnicos russos estacionados no Egipto, ordenada pelo Presidente Sadat.

Na atitude adoptada por Sadat influiu muito o coronel Muammar Kadhafi, o homem forte da Líbia, firmemente anticomunista.

No mundo árabe há uma reacção ascendente contra a penetração soviética no Médio Oriente. Uma das manifestações mais dramáticas desta reacção foi o fracasso do golpe de Estado comunista no Sudão, em Julho do ano passado.

Sadat, ao expulsar os conselheiros e técnicos soviéticos do território egípcio, fez-se eco deste estado de ânimo.

«Mas Sadat, homem mais astuto que inteligente, não parece que, para sair do impasse em que se encontra, procure aproximar-se do ocidente democrático, como Tito soube fazer em 1948, quando rompeu com Moscovo, e como começou agora a China de Mao Tsé-Tung.

Nasser, rompendo com o Ocidente e entregando-se aos russos, perdeu-se. Anwar el - Sadat, rompendo com os russos e hostilizando o Ocidente, é mais que evidente que caminha para o descalabro.

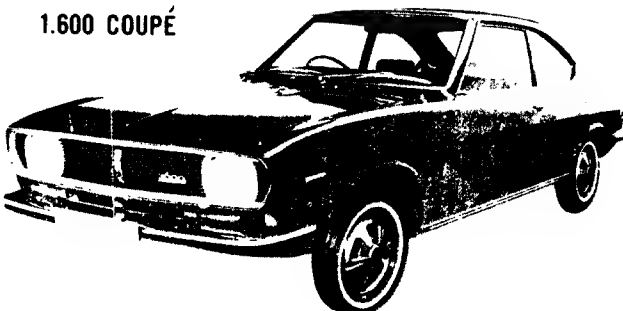
GASQUILLO

& FILHOS, LDA.

AGENTE OFICIAL



1.600 COUPÉ



visite a exposição na
Av. Guerra Junqueiro, 14 A-B-C - Lisboa

Propaganda médica

Laboratório importante pretende, para a cidade de Lisboa, Delegados com ou sem experiência, isentos do Serviço Militar, idade não superior a 30 anos e com as habilitações mínimas exigidas pelo Sindicato de Propaganda Médica.

Resposta a este jornal ao n.º 613.

LOJAS DARDO

Comunicamos a todos os nossos estimados clientes que dia 14, 2.ª feira, fazemos a «ponte» em todas as nossas lojas e restantes serviços, pelo que as mesmas se encontram encerradas.

Assim, esta semana só poderemos atender a nossa clientela de 4.ª feira até sábado AS 19 HORAS, pois como já é do domínio público, pelos anúncios que habitualmente publicamos no Verão, desde há anos que nesse período vimos encerrando na 2.ª feira de manhã para prolongar o descanso do nosso pessoal.

DL/DOMINICAL

VIDA MODERNA

NEGÓCIOS NA LUA

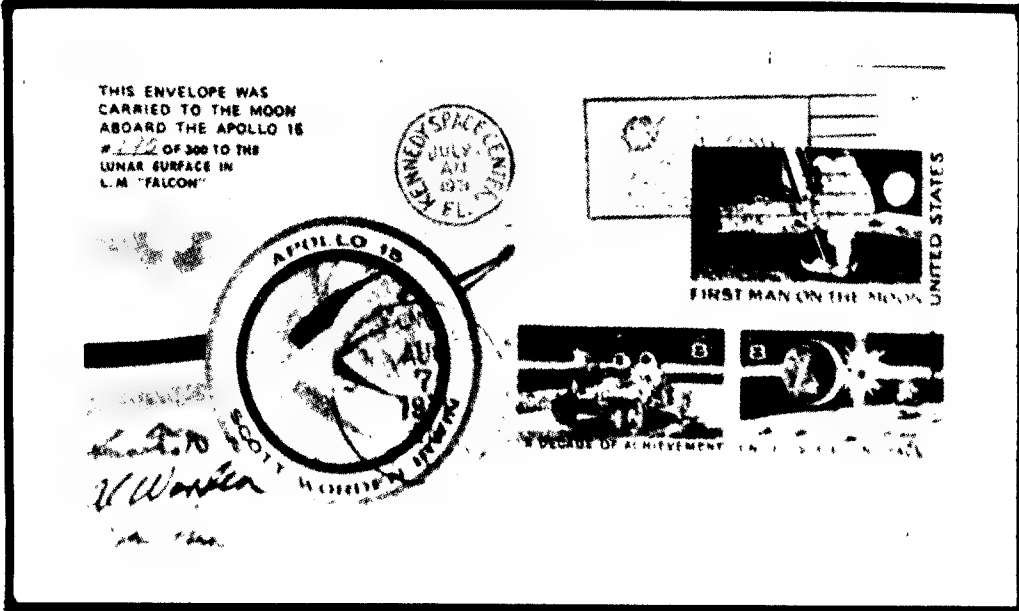
Quarta-feira, 26 de Julho, um ano exacto a contar da sua partida da Lua a bordo da Apollo 15, o coronel da aviação americana, de 40 anos de idade, David Scott, foi expulso do corpo dos astronautas. O segundo membro da tripulação, James Irwin, demitiu-se na terça-feira, dia 1 de Agosto. E também Alfred Worden, o terceiro homem da missão está para ser irradiado. A acusação que cai sobre os três astronautas é a de terem carimbado e assinado na Lua 400 sobrescritos franqueados e embarcados clandestinamente. Uma centena destes sobrescritos, consignada a um comerciante alemão de selos postais, teria sido vendida por um montante superior a quatro mil contos.

A pedra do escândalo, segundo a investigação da NASA, foi um certo Horst (ou Walter) Eiermann, eclético e mundano representante de uma pequena sociedade aeroespacial, muito conhecido em Cabo Kennedy. Amigo íntimo de muitos funcionários e astronautas, Eiermann conseguiu, durante uma das suas recepções na sua luxuosa «vila» de Cocoa Beach, que os três astronautas da Apollo 15 haviam tido permissão para levar para a Lua 232 sobrescritos franqueados e carimbados com o carimbo de Cabo Kennedy.

Aproximou-se confidencialmente de Scott, e propôs-lhe levar outros «sobrescritos». No regresso, ele se encarregaria de os colocar. Em troca, teria depositado, por cada cem sobrescritos, cerca de duzentos contos por cada filho dos três astronautas.

Worden, Scott e Irwin aceitaram a proposta. Quando o Falcon, o módulo lunar, poisou sobre a Lua, tinha a bordo 632 sobrescritos franqueados e carimbados: 232 regulares, 400 abusivos. Em Setembro, um mês depois do regresso à Terra, Scott expediu 100 sobrescritos a Eiermann, que voou para Estugarda, na Alemanha, aonde os consignou a Hermann Sieger, comerciante de selos para colecções, que os vendeu a colecionadores a cerca de 40 contos cada um.

Acordo tácito Quando os três astronautas vieram a saber



ABUSIVO. Um dos sobrescritos carimbados abusivamente na Lua pela tripulação da Apollo 15, em Julho de 1971. Por ter consignado a um comerciante de selos para colecções uma centena destes sobrescritos, David Scott, um dos três membros da tripulação da Apollo 15, foi expulso, em 26 de Julho último,

que fim haviam tido os seus sobrescritos, sentiram-se em maus lençóis. Recusaram a compensação combinada, afirma a NASA (pelo que, Scott, Irwin e Worden são os únicos a não ter embolsado um centavo pelo negócio dos sobrescritos) e entrecheiraram-se por detrás de um muro de silêncio. A entidade espacial abriu um inquérito, sequestrado 358 sobrescritos e controlando um por um, os outros 172 (dois desapareceram) oferecidos aos amigos e familiares dos astronautas, segundo os acordos.

Os primeiros interrogatórios revelaram que, também, muitos dos sobrescritos oferecidos foram vendidos. Nos Estados Unidos, muitos filatelistas referiram ao facto do *Newsweek* ter comprado sobrescritos da Apollo 15 a um preço que oscilou entre 15 e 25 contos. Isto era o suficiente para decidir expulsar Scott, julgado evidentemente o maior responsável. «É evidente que os três astronautas violaram o acordo tácito que existe sempre sobre este género de coisas», diz um porta-voz da NASA.

O negócio dos envelopes atingiu a entidade espacial num momento particularmente delicado, exactamente quando, após uma drástica redução de

fundos, estava a procurar reconquistar prestígio com o projecto do navio espacial. «Foi, em absoluto, um espectáculo pouco edificante», diz amargamente um funcionário de três astronautas que, como poucos negociantes, especulam com as missões espaciais, pagas por todos os cidadãos.»

OS EFEITOS DO FUMO

«O automóvel é responsável por muitos gases perigosos para a saúde, mas não tem nada que de carbono, que em altas concentrações provoca dores de cabeça, náuseas, vômitos e, frequentemente, coma e convulsões».

Afirmam-nos dois investigadores da Universidade de Nova Iorque, Merril Eisenbud e Laurel Ehrlich, que se ocupam há anos com o monóxido de carbono e com os seus efeitos sobre o organismo humano.

Para apoio das suas teses, os dois cientistas apresentam um estudo do estatístico, por eles próprio elaborado, do qual resulta que, em 50 anos, a taxa de monóxido de carbono da at-

mosfera das grandes cidades americanas diminuiu exactamente 50 por cento, não obstante o vertiginoso aumento sofrido, durante o mesmo espaço de tempo, pela motorização.

O mérito da diminuição do perigoso gás que respiramos é atribuído, sempre segundo Eisenbud e Ehrlich, sobretudo à revolução das técnicas de aquecimento que, quase por toda a parte, substituíram a lenha e o carvão fóssil, duas substâncias riquíssimas em monóxido de carbono, por forças e combustíveis mais limpos como a energia eléctrica, a nafta e o gás.

Mas de onde vem então o monóxido ao qual os investigadores atribuem distúrbios, também muito graves, como a bronquite crónica, o enfisema pulmonar e alguns danos irreversíveis nas gestantes? «Em grande parte do fumo do tabaco», responde Ehrlich. «Hoje, os fumadores são milhões e concentram veneno em locais fechados aonde a dispersão é lenta e má. Não sorrem apenas eles, mas também aqueles que lhes estão próximos».

O monóxido de carbono começa a ser perigoso quando atinge, pelo menos, 10 partes por milhão de partes de ar, um nível que raramente se encontra

até mesmo nas ruas mais frequentadas por veículos a motor. O fumo do tabaco contém 1.400 partes de monóxido de carbono por milhão, 50 das quais, pelo menos, se fixam nos pulmões dos fumadores e nos pulmões que respiram o fumo sem querer.

Se se apagassem de repente todos os cigarros e charutos que ardem no mundo, concluiriam os dois investigadores americanos, o monóxido de carbono desaparecerá quase completamente da atmosfera e a Humanidade respiraria um gás mortífero a menos.

VENENO NO LAGO

Os apóstolos pescavam ali regularmente, e diz-se que Jesus terá caminhado sobre as suas águas. Não são, porém, estas recordações evangélicas que tornam caro aos israelitas o lago Tiberiades ou Mar da Galileia (em hebraico, Yam Kinneret). O lago, que tem o Jordão como afluente e se estende por uma superfície de 200 quilómetros quadrados, guarda um terço das reservas hídricas de Israel: todos os anos são bombeados 555 milhões de litros de água doce que são depois distribuídos em todas as regiões do Estado hebraico, até ao árido deserto meridional do Negev.

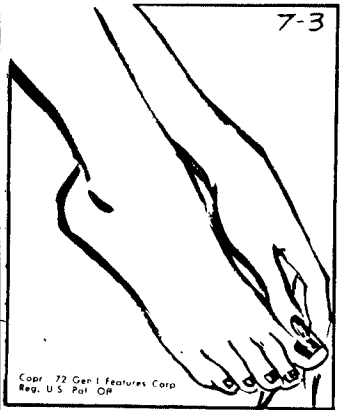
Um lago precioso para a própria sobrevivência de Israel, portanto. Todavia, o inquinamento está a matar lentamente o Yam Kinneret. Dentro de dez anos, a menos que se tenham cuidados radicais, o Mar da Galileia poderá transformar-se num outro Mar Morto. Ainda mais pessimista, Robert Davies, perito sul-africano de inquinamento das águas, que acaba de visitar o país, profetizou, poderia «extinguir-se» ainda antes de 1976.

Causa principal da agonia do lago Tiberiades é uma obra de saneamento que, executada há alguns anos, os israelitas consideram um dos seus maiores êxitos agrícolas: a drenagem dos pântanos de Hula, no Jordão, a 25 quilómetros a norte do lago, que foram transformados em 8 mil hectares de terra fértilíssima para o cultivo de cereais e algodão. Os pântanos cobriam vastas turfeiras em decomposição natural. A presença da água preservava-as do contacto com o oxigénio da atmosfera e impedia, assim, reacções químicas.

Bombeada a água, a decomposição das turfeiras sofreu uma brusca aceleração e acumularam-se à superfície estratos de nitratos venenosos; a chuva e o Jordão arrastaram estes nitratos, num ritmo de 2-5 toneladas por ano, para o lago Tiberiades, com toda a vantagem para alguns tipos de algas que, nutrido-se com eles, sofrem uma reacção de gigantismo. De facto, foi calculado que, na Primavera, o leito de algas do Mar da Galileia atinge as 20 mil toneladas. Esta massa entra em decomposição no Verão tirando o oxigénio às outras criaturas do lago (sobretudo a um gostoso peixe local chamado bacalhau de São Pedro) e a todos aqueles microrganismos aquáticos que manteriam limpo o Yam Kinneret.

A obra de destruição dos nitratos se junta a do Homem. Ao longo do lago foram implantadas 20 bombas diesel para a irrigação dos kibbutz adjacentes, cuja nafta é descarregada na água. E os esgotos da cidadezinha de Kiryat Shmona, a norte do lago, e da cidade de Tiberiades, na costa ocidental, completam a acção de poluição.

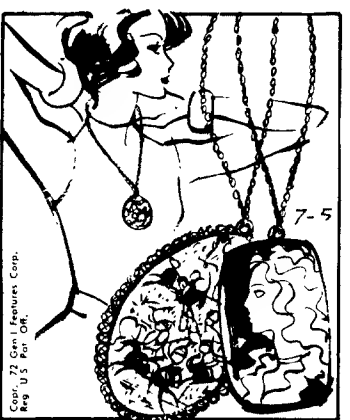
SUGESTOES DA MODA



Pode-se aliviar prontamente os pés cansados pondo-os em água quente durante alguns minutos e depois em água fria menos tempo. Repita várias vezes o tratamento. A aplicação diária de talco faz maravilhas. Consulte o calista antes de começar a usar sandálias ou de ir para a praia.



Um perfume forte é tão pouco apropriado no mês de Agosto como o seria um cachecol. Para o Verão deve escolher essências suaves de flores primaveris ou lavanda.



Estão em moda os medalhões pintados à mão, como os que acima se vêem do Médio Oriente e que representam cenas de batalhas da Antiguidade. Os motivos podem variar, mas predominam os de origem oriental

Em PONTE DE SOR o «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se no CAFÉ RESTAURANTE JARDIM — Avenida General Carmona.

FRITADA DE MAGRO

O sueco é um povo belo, alto, loiro. E magro. No Outono passado, o Estado, preocupado com a saúde da população (estavam a verificar-se aumentos nos enfartos e na arteriosclerose por causa, segundo os peritos, do aumento de peso) mandou oito milhões de suecos (tanta a actualmente a população!) correr pelos bosques. O objectivo era perder, no seu conjunto, 40 milhões de 7 quilos em benefício da sua saúde e do erário (as despesas médicas na Suécia são a carga do Estado).

Este ano a preocupação continua a ser aquela: perder os quilos supérfluos. Porém, há dois particulares que, tendo-se preocupado com isso, inventaram «a omeleta que faz emagrecer e economizar». O primeiro a lançá-la foi Henry Danielsson, de 36 anos (odeia o casaco, gosta dos calções de pata de elefante) que criou a fritada KP60

(a sigla não quer dizer nada). Pobre de calorias (130 por cada 130 gramas, 5 gramas de gorduras), a KP60 vende-se em pó, ao preço de aproximadamente de doze escudos (2 coroas su e cas) por cada porção (uma porção serve para uma refeição).

Concorrente. A preparação é simplíssima: o pó é deitado num pouco de água, batido durante um par de minutos e deitado, depois, numa caçarola quente. Sem juntar nada mais, dentro de cinco minutos está pronta. Todos a compram: as empregadas que trabalham no centro, as mães de família, as pessoas que vivem sós.

Num mês foram vendidos 15 milhões de latas de dez porções cada uma por 300 milhões de coroas suecas. E os resultados são excepcionais: a fritada tira a fome e faz emagrecer. Em pouco mais de um mês muitas pessoas diminuíram dez quilos

sem o mínimo inconveniente.

Concorrente de KP60 é Minilatt, receita secreta de Sam Almborg, de 41 anos, famoso por ter inventado um creme antiespermatozoides (em 1968 a patente foi-lhe comprada pelo Estado que agora o difunde através das entidades para a educação demográfica), uma farinha de rãs (deveria aumentar a potência sexual, mas não teve um grande sucesso) e a pasta dentífrica para crianças Kalle Anka, com gosto a morango e cores cambiantes.

O Minilatt custa duas coroas, tal como o KP60, mas contém, por cada porção, três gramas de gorduras em vez de cinco. Almborg, naturalmente, assegura que a sua fritada é melhor do que a do concorrente. «A minha», diz ele, «contém três gramas de óleo vegetal, enquanto que a KP60 tem cinco gramas de uma margarina inde-

finível Minilatt, contribui para a saúde pública, KP60 não».

Sobre as fritadas emagrecedoras (muito anunciadas nos jornais e na televisão) pronunciaram-se médicos e psicólogos. Todos estão de acordo ao defini-los produtos bons, económicos e que fazem realmente emagrecer, embora já constituam uma espécie de mania colectiva. Mania que se está a estender, também, no estrangeiro. Danielsson recebeu uma primeira encomenda de 10 milhões de latas de KP60 dos Estados Unidos. Outras encomendas estão a chegar da Suíça e da Alemanha aonde, como diz Almborg, «há um sacco de gente gorda».

«O que é certo, no entanto», disse um fabricante de produtos alimentares suecos, «é que Almborg e Danielsson, com a desculpa de fazer emagrecer a gente, descobriram um bezerro de ouro, e bem gordo».

DL/DOMINICAL

HISTÓRIA

A CAÇA AOS HUGUENOTES

Continuação da pág. 17

dilatados, um ténue fio de baba escorreu-lhe pelo canto da boca. As palavras de Gondi surtiram o mesmo efeito: obcecado, com o olhar louco, deu finalmente o seu consentimento, acrescentando em voz alta e frenética (é sempre Erlanger quem o refere, e também o historiador inglês Lacey Boldwin Smith): «Mas todos! Deves matar todos! Para que não fique um sequer que possa censurar-me mais tarde!»

Eram dez horas da noite quando Gondi conseguiu reunir os conjurados. O duque de Guise, fugido da cidade no dia anterior depois de se ter despedido do rei, regressara às escondidas; e Catarina tinha-o feito convocar para o palácio real. Os acordos foram feitos em menos de duas horas. O massacre devia começar ao nascer do dia e o sinal combinado foram os primeiros toques do sino de St. Germain-L'Auxerrois, ao lado do Louvre. A meia-noite a família real retirou-se.

A cerimónia do **coucher** — deitar — desenrolou-se com toda a sua minuciosa etiqueta, como todas as noites; porém, Catarina mantêm-se vestida a rigor, envolta nos eternos vestidos negros que não mais deixara depois da morte de Henrique II. Viu sua filha Margot encaminhar-se para os aposentos que ocupava com o rei de Navarra, e a outra sua filha, Claudia de Lorena, ao

corrente da conspiração, mover-se para a irmã, impulsivamente, como que para a advertir. Catarina fulminou-a com um olhar, fazendo-lhe gelar as palavras nos lábios: tão pouco um aceno de tudo que se tramava devia transpirar para o campo dos protestantes. Henrique de Navarra, marido muito pouco quente, deixando a esposa à sua espera, passou a noite em conciliábulos com os gentis-homens do seu partido. Pelo amanhecer decidiu descer até ao jogo da péla. E foi ali que o atingiram os primeiros gritos dos massacrados.

A Rainha Mãe e o duque de Anjou tinham ido colocar-se não muito longe do jogo da péla, à janela de um quarto que dava «sobre a praça da corte baixa». A massa confusa da cidade adormecida estendia-se diante deles. Tudo parecia dormir, mesmo no palácio real. Só o passo das sentinelas ressoava nos caminhos da ronda. Talvez pela primeira vez, naquele silêncio e naquelas trevas, mãe e filho mediram a enormidade de tudo quanto estavam para fazer. E é de pensar se um movimento de revulsão não se terá declarado pois, que, quando de repente (bastante antes de soar o sino), a calma nocturna foi rasgada por um tiro de pistola, o duque de Anjou chamou um dos seus gentis-homens e ordenou-lhe, que corresse ao palácio de Guise e parasse tudo.

O mensageiro partiu, mas não chegou a tempo. O duque de Guise já não estava no palácio. Sem esperar o sinal combinado, reunido um grupo de homens armados, precipitara-se para a Rue Béthizy, para a morada do almirante. Os homens que ali estavam de guarda, aterrorizados pelo ataque nocturno, não conseguiram opôr uma válida resistência. O ministro protestante Merlin, que se entretinha em conversa com Coligny juntamente com outros correligionários, viu pela janela os homens de Guise virem ao ataque. As crónicas dizem que o almirante terá dito: «Fugir, se podeis. Não tentais salvar-me a vida, há muito tempo que me preparei para morrer. Recomeço-me à misericórdia de Deus». Merlin e os outros conseguiram, de facto, escapar através da janela. O almirante, levantando-se da cama e envolto num traje de quarto, ficou só, fazendo frente ao inimigo que já vinha aos gritos pelas escadas. O primeiro a entrar foi um oriundo polaco, Jean Yanowitz, dito Besme. Chegado diante de Coligny afundou-lhe a sua lâmina no peito. Os outros, que o seguiam, lançaram-se sobre o caído com os punhais em riste.

Do pátio — segundo as testemunhas do tempo — elevou-se a voz de Henrique de Guise: chamava Besme, queria saber se o trabalho estava pronto. «Estamos a terminá-lo», respondeu o sicário. Porém o duque queria ver as coisas com os seus próprios olhos. Besme, então, ergueu o cadáver de Coligny e atirou-o



Soldado da época

pela janela para o pátio. Guise, aproximando-se, sacou de um lenço e limpou-lhe o rosto do sangue que o havia inundado, para se certificar que era o próprio almirante, o suposto mandante do assassinio de seu pai, e que estava morto. Depois, atingindo-o desdenhosamente com o pé, disse: «Começamos bem. Coragem, soldados!». Poucos instantes depois ressoava em St. Germain-L'Auxerrois o sino que se combinara tomar como sinal. (Segundo outras testemunhas, foi o sino do próprio palácio

real e não o da Igreja). Eram cerca de três horas da madrugada.

Imediatamente se elevou nas ruas o grito de guerra dos extremistas «guisistas»: «Sus aux parpallots!». (Abaixo os herejes! — isto é, os huguenotes). A mobilização silenciosa que se processava desde a festa de núpcias e que se havia intensificado durante os últimos dois dias, fez com que os católicos «de ponta» se encontrassem prontos a entrar em acção ao primeiro sinal de alarme. O ataque em breve degenerou num indiscriminado massacre.

Catarina, loucamente, havia esperado poder conter as proporções: nos seus planos, o morticínio devia limitar-se aos chefes da parte huguenote. «Eliminar os chefes», era o conselho que lhe havia dado vários anos antes o duque de Alba, por ocasião dos colóquios de Baiona. Ela sempre tinha recusado pô-lo em prática, obstinada na perseguição de um sonho de conciliação; entretanto, porém, aludia a ele como a um remédio desesperado, ao qual recorrer somente quando a situação ameaçasse fugir ao seu controlo. Mas agora — como, de resto, era de prever dado o estado de ânimo de capital — a eliminação premeditada dos elementos mais perigosos estava a transformar-se numa orgia de sangue ao grito de «Mata, o rei assim quer!».

Não houve misericórdia nem para as mulheres, nem para as crianças, nem para os velhos. Na maior parte dos casos, os huguenotes foram surpreendidos durante o sono. Alguns opuseram uma desesperada resistência antes de serem abatidos. Também alguns católicos foram incluídos no massacre, vítimas de rancores particulares que, como costuma aconte-

cer, nada tinham em comum com a religião ou com a política. A fúria dos massacradores deteve-se somente diante do sangue real: Carlos IX tinha ordenado, de facto, que o rei de Navarra e o príncipe de Condé, dado que eram ambos descendentes da dinastia de Bourbon, fossem poupados.

Henrique de Navarra foi surpreendido quando se encontrava ainda no jogo da péla; um grupo de homens armados apoderou-se dele e levou-o à presença dos soberanos. Enquanto atravessava, no meio deles, os corredores do Louvre, chegaram-lhe aos ouvidos os gritos de agonia dos seus sequazes que eram degolados como animais de abate pelo bando desenfreado dos assassinos. A ele e a Condé foi oferecida a opção entre a conversão e a morte. Inútil será precisar que escolheram a conversão, abjurando precipitadamente as suas crenças. (O rei de Navarra, depois, uma vez regressado às suas terras, não tardaria a renegar esta abjuração, imposta com os punhais na garganta).

Sua mulher, Margot, conseguiu salvar a vida de um gentil-homem protestante, um tal Lérain, que, já ferido, correu a refugiar-se entre as cortinas da sua alcova. Disse-se, também, com insistência, que Carlos IX teria tomado parte pessoal sobre o massacre, atirando sobre os huguenotes com um arcabuz, de uma das janelas do Louvre. Mas parece, porém, não ser verdade, pois que tal janela, que durante séculos foi apontada aos visitantes do palácio real, à época do massacre ainda não existia. «Charles IX sur son balcon», recordado com opróbrio até por Victor Hugo, é algo que tem que se relegar para o campo da lenda.

Todavia, é verdade que ele

Continua na pág. 28

ESCOLA NAVAL

ADMISSÃO DE CADETES DA ARMADA

Nos termos do Regulamento da Escola Naval aprovados por Decreto 454/70 de 1 de Outubro de 1970 está aberto concurso desde 15 de Julho a 16 de Agosto para admissão de:

- 50 cadetes do curso de Marinha
- 5 cadetes do curso de Engenheiros maquinistas navais
- 5 cadetes do curso de Administração Naval

1. Condições de admissão

- Ser cidadão português, filho de pais portugueses
- Ter pelo menos 1,64 metros de altura
- Ter idade não superior a 19 anos para o curso de Marinha e 20 anos para os cursos de Engenheiro maquinista naval e administração naval, feitos até 31 de Dezembro de 1972.
- Ter habilitações que permitam o seu ingresso em cursos superiores com afinidade dos professados na Escola Naval (alínea f) e alínea g) do 3.º ciclo liceal.

2. Admissão condicional ao concurso

Para eventual provimento das vagas que não foram preenchidas pelos candidatos que satisficam as condições de admissão acima indicadas, poderão ser admitidos condicionalmente ao concurso candidatos nas seguintes condições, prioritários pela ordem que vão referidas:

- a) Com aprovação no curso complementaer dos liceus de qualquer alínea, desde que tenham obtido aprovação em Matemática e Ciências Físico-Químicas para os cursos de Marinha e de Engenheiros maquinistas navais ou Matemática e Geografia para o curso de Administração Naval;
- b) Com possibilidade de completarem o curso complementar dos liceus na época de exames de Outubro;
- c) Com acuidade visual inferior à estabelecida no quadro constante da Portaria n.º 22.987 de 31 de Outubro de 1967, mas obedecendo às condições do despacho ministerial de 25.10.69:
 - 1) Para a classe de Marinha-Grupo B
 - 2) Para as classes de Engenheiros maquinistas navais e de Administração naval — grupo C
- d) Com mais 1 ano de idade que o estipulado nas condições de admissão.

3. Documentos a entregar

a) Até 16 de Agosto:

- Requerimento dirigido ao Comandante da Escola Naval pedindo a admissão ao concurso;
- Declaração do estado de solteiro;
- Autorização dos pais para assentar praça ou certificado de emancipação;
- Declaração em papel comum das suas habilitações e respectivas classificações.

b) Até 21 de Agosto:

- Certidão narrativa completa do registo de nascimento;
- Certidão do registo criminal;
- Certificado especificado das habilitações literárias.

4. Provas a prestar

- Inspecção médica
- Provas de aptidão física
- Exame psicotécnico

Os candidatos residentes no Continente prestarão estas provas na Escola Naval, em Lisboa (Alfente) na semana de 16 a 20 de Agosto.

Para os candidatos residentes nas ilhas adjacentes e nas províncias ultramarinas a inspecção médica e as provas de aptidão física são realizadas na sede dos respectivos comandos territoriais da Armada na mesma semana.

O Ministério da Marinha tomará a seu cargo os transportes para Lisboa dos candidatos aprovados que fiquem dentro das vacaturas existentes.

5. Alistamento

O alistamento dos candidatos no Corpo de Alunos da Escola Naval será feito em 1 de Setembro, pela ordem que ficarem aprovados, e implica para o aluno a obrigatoriedade de servir a Armada durante 8 anos, a contar da data de promoção a guarda marinha.

6. Duração dos Cursos

Os cursos na Escola Naval têm a duração de quatro anos.

As cadeiras de natureza académica, de índole a programas semelhantes às professadas nas Universidades, são consideradas equivalentes nos termos legais.

7. Condições de Frequência

Os alunos têm direito aos vencimentos fixados pela legislação vigente (450\$00 como cadete no 1.º ano e alimentação e 3500\$00 como aspirante nos anos seguintes), aos artigos de fardamento que fazem parte da tabela superiormente aprovada e ainda a assistência médica, cirúrgica, medicamentosa e hospitalar nas mesmas circunstâncias que os oficiais.

Os alunos são isentos do pagamento de propinas, e recebem as publicações necessárias ao estudo das matérias que fazem parte dos planos de curso.

As condições de admissão e minutas de requerimentos poderão ser consultadas na Escola Naval no Alfente, e nos liceus, colégios, capitánias dos portos e delegações marítimas.

Quaisquer outras informações poderão ser obtidas na Secretaria da Escola Naval e pelos telefones de Lisboa 270951, 270955 e 270041.

Os candidatos que precisem de deslocar-se à Escola Naval poderão utilizar qualquer dos seguintes meios:

- 1. — Vedetas que saem da Doca de Marinha às 9 horas e às 9 h. 45 minutos.
- 2. — Carrinhas da E. N. que largam de Cacilhas às 9 h. 10 m. e às 10 h. 15 m.
- 3. — Táxis de Cacilhas para a Escola Naval.

Escola Naval, Alfente, em 23 de Junho de 1972.

O Secretário,
António Carlos Sousa da Fonseca
Cap. Frag. AN

DESPORTOS

DL/DOMINICAL

FILOMENA VIEIRA VEDETA DO FUTURO

Na expansão e revelação de novos valores para o nosso Desporto, apresento-lhes hoje uma esperança do atletismo feminino nacional. Será já, ao nosso nível desportivo, uma certeza. Na passada larga e certa que procuramos para acompanhar os valo-

res europeus, ela é uma esperança. Filomena Torres Vieira nasceu em Luanda (Bairro S. Paulo) há 18 anos. Antes do atletismo, e enquanto estudava, praticou basquetebol. Trocando também Luanda por Lisboa, veio para o continente trabalhar co-

mo telefonista. Ganha pouco (queixa-se) o que acontece a muita boa gente que trabalha. Mesmo a uma esperança desportiva.

Revelou-se o ano passado e igualou já o «record» dos 400 metros (58,5 s.) tendo feito tam-

Por LÍDIA FARIA

RECORDISTA INTERNACIONAL DE ATLETISMO



Filomena de corpo inteiro

falta: e penso que isso, numa atleta com ambições, é fundamental.

Filomena Vieira «trabalha» no atletismo já a sério. Isso leva-me a julgar (atendendo à sua juventude, vontade e qualidade indispensáveis para vencer) que bem merecia uma ajuda. Uma ajuda «nossa», de quem pelo desporto tenta sem sempre o conseguir, dar uma contribuição válida à sociedade em que estamos integrados. Lá porque não tivemos o melhor, tentemos auxiliar quem merece chegar a uma meta maior.

Ouvir Filomena Vieira, não é escutar-lhe só queixas. Ela gosta do atletismo. Gosta do desporto. Por isso prefere falar (como todas nós) daquilo que mais a atrai.

— Treino todos os dias sob a orientação do professor Moniz Pereira e adora, ainda este ano (aproveitando a nova pista do Jamor) correr ao lado da Céu Lopes (por quem tenho muita admiração) e com a ajuda dela fazer umas coisas «bonitas» nas provas que são da minha preferência: 400 e 800 metros.

Outros projectos: — Aqueles que o tempo der. Para já, não marco limite. A aspiração de qualquer atleta, penso, é condicionada a uma série de factores que não estão na sua mão: assim, aguardo com confiança.

Confiança? Também eu a tenho, Filomena Vieira, sobretudo nas pessoas de boa vontade...



A atleta angolana

Carta aberta ao seleccionador de hóquei DE QUE TEM MEDO, GUILHERMINO?

Já passaram oito dias sobre a data em que o vi pela última vez: sentado em pobre banco de madeira nos bastidores do Pavilhão da Corunha, olhos vermelhos, vergado ao peso de uma grande derrota. Triste e quase desamparado num mar de gente que dizia adeus a mais um campeão do mundo. Junto de si, sua esposa, igualmente cansada pelo seu cansaço, certamente desejosa de sair daquele inferno onde a maior fogueira era você. Tive, então, uma palavra para si, um desabafo que era como que um encolher de ombros, já que nada havia a lamentar, tal a justiça da vitória adversária. Com um sorriso triste, você ainda me respondeu, em palavras que lhe escorregaram dos lábios, pintadas no tom verde da esperança: «Será para a próxima vez».

Vinha dos vestiários da nossa selecção: onde Livramento e Chana acabavam de sair do duche, e muitos outros teimavam continuar a afogar a tristeza da derrota no jacto forte que se ouvia longe. Eles estavam sós, tristemente isolados no cubículo que minutos antes era cenário de esperança. Tão sós, como antes do jogo derradeiro os fora encontrar, para entregar a «capitão» Rendeiro um monte de telegramas idos de Portugal, com palavras de incitamento e confiança. Estranhei a sua ausência nos vestiários, antes e depois de jogo.

Mas, não disse nada. Porque, se as recomendações deviam ter sido ditas antes, depois pouco importavam palavras de conforto. Metido (quase escondido) num recanto do acesso às cabanas, você olhava para a escadaria superpovoada de portugueses amantes do hóquei, que esperavam o momento mais indicado para abraçarem quem com tanto esforço e sacri-fício tentara sanar os erros por si ditados do banco durante o «jogo da verdade».

Guilhermino: você é humano, susceptível (portanto) de errar. Admite que cometeu na Corunha o maior erro da sua vida e confessa publicamente as ra-

ções do seu erro. Explique, por exemplo, porque não utilizou mais vezes Garrancho, porque teimou em usar Reis desmoralizado e quase complexado (você próprio me disse durante o almoço do dia final: «Reis, esta noite, não dormiu nada: sente-se culpado nos dois golos da Argentina»), porque confiou cegamente num Cristiano que classificou de um jogador extraordinário quando júnior (mas que pouco ou nada evoluiu desde então), porque levou Chana e deixou Jorge Vicente, porque se esqueceu de indicar Carvalho, porque vetou os jogadores ultramarinos quando uma selecção de lá (Luanda, salvo erro) venceu aquela que era desde a Páscoa a «sua selecção». Explique, por exemplo, porque nas conversas que travámos antes da partida, você frisou sempre e bem claro que os responsáveis eram dois e que todas as decisões seriam discutidas antes de ditas: e, no Pavilhão da Corunha, no banco dos responsáveis, o vimos sempre o mais afastado possível de Relvas. Porque se esquecia do treinador nas bancadas quando mandava os oito jogadores para o vestiário. Porque faltou tantas vezes às jornadas da tarde, principalmente aos jogos de próximos adversários da nossa equipa.

De que tem medo, Guilhermino?

De ofender princípios ou pessoas na defesa que fizer?

De divulgar segredos que importa continuem no altar federativo?

De, finalmente, dar a conhecer as verdadeiras razões que levaram Joaquim Relvas a não acompanhar os rapazes na viagem de ida?

Ou, muito simplesmente, faltam-lhe os argumentos para responder concretamente a todas as perguntas e acusações de que a critica tem sido pródiga?

De que tem medo, Guilhermino?

De lhe faltar a coragem?

Mas você revelou tê-la (e em abundância) quando minutos antes de mais um jogo da nossa selecção se resolveu a pedir ex-

plicações a Joaquim Queirós («Mundo Desportivo») e a Serafim Ferreira («Record») por escritos mandados da Corunha para os jornais que cada um representava. Ai, nesse momento, nem o ambiente o privou de falar alto e gesticular, perante os jogadores a caminho das cabanas. E, se bem se lembra, fui até eu quem o tirei da fogueira de palavras azedas e o encaminhou para onde devia estar: com os jogadores. Lembra-se de ter aí proibido esses nossos camaradas de falarem com os atletas? «Que fossem falar com os espanhóis» — desabafou à despedida...

Claro que essa atitude nervosa foi depois rectificada pela única pessoa que a poderia ditar: o director da comitiva.

Repito, Guilhermino: de quem tem você medo?

Habitado a escrever para jornais, não deve temer as palavras. Por obrigações para com a informação falada, tivemos ocasião de conversar todos os dias consigo: admirando-nos o nunca se ter enganado no pormenor «tempo» quando as entrevistas eram gravadas para serem transmitidas no dia seguinte. Por isso acreditamos na sua capacidade de síntese e na perfeição da sua sintaxe.

Vamos, Guilhermino: não sou eu, nem os meus leitores que querem saber a verdade dos bastidores. São todos os desportistas portugueses que alimentam uma esperança infundada. Todos quantos corresponderam ao meu pedido de telegramas de incitamento. Todos quantos saíram profundamente desiludidos pelo que viram ou ouviram na última noite de luta na Corunha.

Vamos, Guilhermino: você não tem medo de nada nem de ninguém. Dê-nos a sua razão, a sua verdade.

Mas, pelo amor de Deus: não nos venha dizer que a perda do campeonato do mundo faz parte do seu plano para ganhar o europeu de juniores...

Orlando Dias Agudo

1 — Estava eu aguardando no Aeroporto a chegada do bom amigo Melenas Carapeto, director do Olhanense (que não chegou), eis que me surge pela frente (vindo no avião do Porto) outro grande amigo, pioneiro do hóquei em patins na cidade de São Paulo: o Comendador Hiada Torlay, director do departamento de hóquei do Palmeiras e presidente do Comité Sul-Americano de Patin. Torlay esteve em Angola e Moçambique, na qualidade de director da delegação de hóquei em patins do Brasil, que participou nos Jogos Iuso-Brasileiros, tendo seguido dali, directamente, para a Corunha, a fim de assistir ao Campeonato Mundial da modalidade que tanto ama.

2 — Disse-me o Comendador Torlay que ficou decepcionado com a exibição do «cinco» português. Apenas Livramento o impressionou forte-

mente. No seu entender, Portugal apenas foi «ele mesmo» no jogo com a Holanda. Quanto à sua acolhida na sede do Campeonato Mundial não poderia ter sido — segundo me confidenciou — mais grosseira. Não só da parte das entidades spanholas como do próprio presidente da C.I.P.A., sr. W. ardin (belga), que acabou por ser reeleito... sem o seu voto. «Le futuro o nosso tratamento, no Brasil, para estes senhe es, irá ser bem diferente. Lá, sempre os recebemos de braços abertos e sorrisos nos lábios. Em restrições no pagamento de passagens a mais e extras inconcebíveis nos hotéis. Vimos à Europa e aqui não nos são dados, ao menos, os bons dias», culmina pesaroso, o Comendador Torlay.

3 — Vimos ontem, passeando na Baixa, o anterior presidente da Portuguesa de Desportos,



INFORMAL

Mário Nobre

Manuel Marques Gregório, a quem não tivemos tempo, devido ao trânsito, de perguntar como ia a «Lusa do Canindé». Manuel Marques Gregório, que é natural de Condeixa, foi o grande impulsor do grémio da Cruz de Avis nos últimos anos. Foi sob o seu mandato que a Portuguesa contratou José Maria e Leivinha, presentemente integrantes da Selecção Brasileira. Ao conhecido desportista e homem de negócios — dono de uma cadeia de mais de 40 cinemas na cidade de São Paulo — desejamos uma boa estada na «santa terrinha».

4 — Principiou ontem a «Volta a Portugal em Bicicleta»,

que já tem um vencedor antecipado: Joaquim Agostinho. Pena que o magnífico atleta do Sporting não tenha tido este ano, na «Volta à França» a exibição que todos almejávamos: e a vitória. Bem sabemos que andou por lá um tal Merckx. Mas, que diabo, Agostinho tinha a «obrigação» de nos oferecer, pelo menos, o 2.º lugar. Não é ele o homem com mais força que pedala pelas estradas da França? Não é ele o único homem que os seus treinadores — dos mais experientes no mundo do ciclismo — afirmam ser capaz de derrotar o «campioníssimo» belga? Todos acreditamos nele, só ele (Agostinho) não acredita em si.

5 — Tal como nas corridas anteriores assistimos também este ano a um chorrilho de lugares comuns de Agostinho. Sempre de má disposição para com os homens da Imprensa, a quem tudo deve, com desculpas impróprias de homens com as suas possibilidades, que já se tornaram ridículas, Joaquim Agostinho demonstrou-nos, finalmente, a sua falta de fibra de inteligência técnica, de disciplina, às determinantes estratégicas de seus dirigentes (supondo-se um auto-suficiente). Em suma: à sua falta de espírito competitivo — exceptuando numa ou noutra etapa — e de campeão. O que é uma pena, porquanto o ciclista de Torres Vedras possui todos os atributos físicos que só aos predestinados como Merckx, Bartali, Anquetil e poucos mais a natureza brindou. Será que para o ano temos um novo Agostinho nas provas eu-

ropeias? A esperança é sempre a última que morre!

6 — Segundo «A Gazeta Esportiva» de São Paulo, os nossos conhecidos Paulo de Amaral e Zezé Moreira estão metidos em maus lençóis, no Fluminense, em virtude dos problemas originados por Gerson, que o clube das Laranjeiras foi buscar à capital bandeirante. Diz Carbonni Filho que, no último Fla-Flu, Paulo de Amaral mandou sair Gerson para entrar Jeremias e o «canhotinha de ouro» se recusou a fazê-lo. O Maracã inteiro foi testemunha do acontecido. Agora todos dizem já que «quem da instruções nos vestiários é o Gerson», que teria declarado: «Paulo de Amaral sabe muito de educação física, mas futebol é comigo». Segundo o confrade paulista o caldeirão está fervendo e um dos dois pode deixar o «clube pó de arroz» de um momento para o outro.

DL/DOMINICAL

COLECTIVIDADES POPULARES

SPORT LISBOA E NELAS: SUBSÍDIOS OU BAGATELAS?

«É pá; atende aí esse sujeito do «Diário de Lisboa» que quer saber não sei o quê sobre o clube...»

«Eu? Olha eu a falar por jornais...Havia de ser bonito! O tesoureiro que fale. Ele é que está a par de tudo.»

Em vão procuraram o homem das finanças. E após um

curto diálogo em surdina lá foi o repórter convidado a entrar. No gabinete da direcção do «Sport Lisboa e Nelas» o vice-presidente (Manuel Casquilho) e o secretário (João Vaz) estão preparados para as perguntas da praxe. Antes porém deixem-me dizer-lhes (se acaso não sabem) que a po-

vocação de Nelas se situa em plena Beira Alta a cerca de duas dezenas de quilómetros da capital do distrito: Viseu. Sede dum concelho bastante populoso nem por isso a localidade apresenta aos olhos do visitante de ocasião os sintomas de progresso que as suas potencialidades justificariam.

Exemplo disso é (aliás) a colectividade da terra, a deãter-se com problemas sem conta. E começamos por ouvir o sr. João Vaz que acumula o seu cargo directivo com o de treinador da equipa de futebol:

«O clube gasta 180 contos anuais e dessa verba pouco sai que não seja para o futebol. Temos, em contrapartida subsídios da Câmara, do Turismo e da Associação de Futebol de Viseu, cujo montante atinge os 30 contos também anuais e quotização (cerca de 300 associados a pagarem mensalmente que vão de 75\$50 a 20\$00).

Filial n.º 30 do Benfica, o Sport Lisboa e Nelas (fundado em 1939) mantém em actividade 45 atletas que praticam, oficialmente o futebol e o atletismo. A sede da colectividade, situada no centro da vila e formando uma das chamadas «quatro esquinas», custa 500 escudos mensais. E também tem a sua históriazinha:

«Tínhamos vontade de mudar o nome do clube para Sport Benfica e Nelas mas a senhoria não autoriza. Para isso teríamos de fazer um novo contrato de arrendamento e ela já há tempos quer anular o que vigora.»

E quais são as regalias dos sócios na frequência da sede?

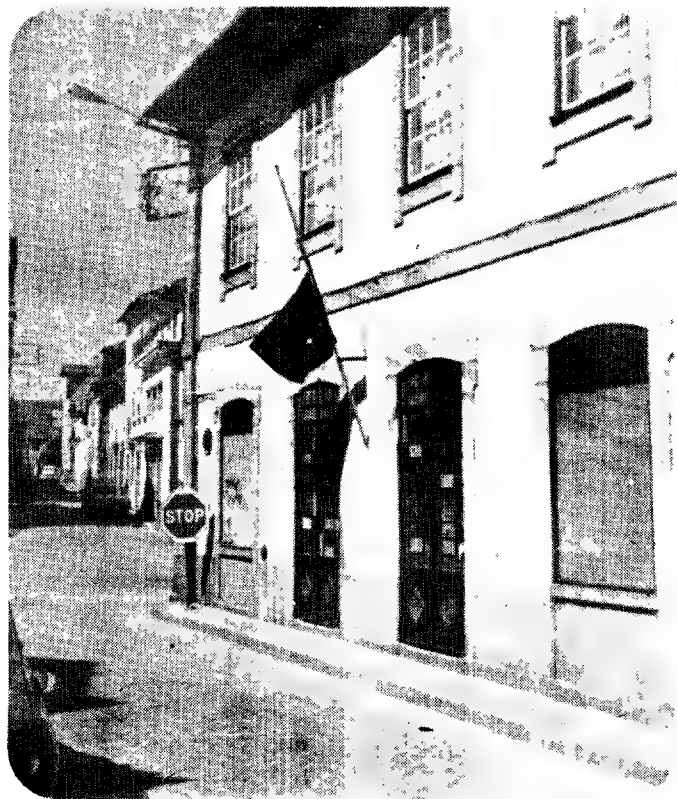
«Têm direito a entrar e jogar matraquilhos ou ténis-de-mesa».

Passemos agora ao campo de futebol:

«O campo é da Câmara mas foi cedido ao clube a título gracioso. Estamos agora a tratar da sua iluminação já que depois a Câmara se propõe acabá-lo ou seja fazer as bancadas e os balneários subterrâneos. A electrificação foi orçada em 400 contos mas por enquanto só temos 120, quantia acumulada por um subsídio especial da Câmara, por uma subscrição efectuada na vila e pelas receitas angariadas em jogos particulares com equipas de primeiro plano: Benfica, Vitória de Setúbal, Académica e Vitória de Guimarães.»

Parece, portanto, que o «Sport Lisboa e Nelas» conta com o apoio da população e das entidades oficiais. Ou não será assim?

«Não, não é bem assim. Só as classes média e trabalhadora nos dão algum apoio. A classe rica e as forças vivas da terra não ligam nenhuma a isto. Por outro lado também não se verifica um interesse por aí além por parte das entidades oficiais. Quando pedimos para ser recebidos lá nos vão atendendo mas não tomam qualquer iniciativa.»



A sede que impede Nelas de ter o seu Benfica

E a Associação de Futebol de Viseu?

«Essa está rica, como todas as outras aliás. Este ano recebeu 600 contos (em números redondos). Começou por distribuir 60 mil escudos pelos clubes e por alturas do meio da época lá se resolveu a dar metade do que tinha recebido. Os jogos têm cada vez menos assistência. Mas, mesmo que haja prejuízo, a Associação nunca perde: os seus 15 por cento sobre a receita bruta estão sempre assegurados.»

Os vossos jogadores recebem alguma coisa para repre-

Sobre a juventude de Nelas: «Os jovens da terra correm sem que seja necessário chamá-los. O entusiasmo da nossa juventude justificava plenamente a existência dum pavilhão ginnodesportivo.»

Quase no final da reportagem, o sr Manuel Casquilho faz questão de voltar à electrificação do campo:

«Como não conseguimos arranjar o dinheiro suficiente para montarmos o sistema completo, fizémo-lo apenas parcialmente. Erguemos quatro das seis torres e resolvemos assim o problema dos treinos.»

Tinha ouvido dizer (em local que já não recordo) que o Professor Veiga Simão, na sua recente visita a Nelas, havia concedido ao clube um subsídio de centena e meia de contos. A realidade é ligeiramente diferente:

«Para termos luz no campo falta apenas a ligação das torres à cabina. Esse passo vai-nos ficar em mais 15 mil escudos mas o ministro da Educação Nacional já nos prometeu um subsídio nesse montante que receberemos quando houver no Ministério cabimento orçamental. Estamos à espera.»

Pois aguardem com paciência que o dinheirinho não deixará de vir. O prometido é devido.

Saio de Nelas e meto-me à descida (de meia dúzia de quilómetros) que me separa da vizinha freguesia de Canas de Senhorim. E ao verificar o que se passa na sede do concelho já começo a pensar como irão as coisas lá por baixo. Mal ou talvez nem isso: pior, se possível.

Texto de
ALEXANDRE
PAIS

sentar o clube ou jogam em regime de amadorismo?

«Se queremos exigir temos de pagar. Se os atletas não ganharem, desinteressam-se. Por cada vitória damos 100 escudos e pelo empate metade. Mas temos jogadores contratados e que por via desse contrato recebem um pouco mais. Os seniores são todos «não-amadores» e até nos juniores já temos alguns rapazes a receber.»

Então (e com todas essas despesas) como vão as finanças da colectividade?

«A última direcção que vai agora prestar contas, teve como saldo positivo de gerência a quantia de quatro mil escudos. Mas a do ano passado deixou 30 contos de prejuízo, podendo-se dizer que por má administração.»

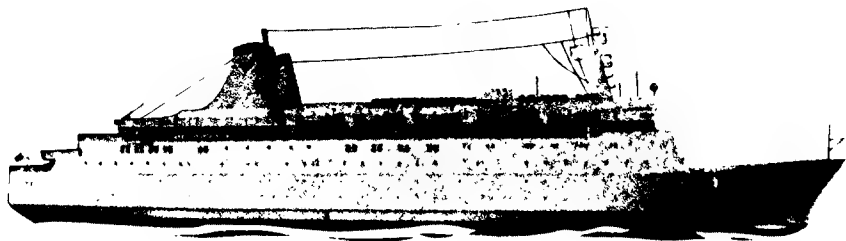
Federação de hóquei esclarece dúvidas

Na próxima quarta-feira, pelas 19 horas, a Federação Portuguesa de Patinagem reúne-se com os Órgãos da Informação, no sentido de aclarar algumas dúvidas surgidas quando da disputa do Campeonato do Mundo, na Corunha em que a Federação foi severamente acusada juntamente com o seleccionador por ela escolhida.

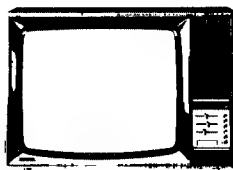
Segundo a comunicação que nos foi enviada, pretende-se «esclarecer a posição desta Direcção, perante as notícias publicadas» o que talvez se refira à velha questão do autocarro turístico utilizado por jogadores, técnicos, federativos e respectivas famílias, um numeroso grupo de amigos que regressou a casa de cabeça baixa.

COMPLETAMENTE
GRÁTIS

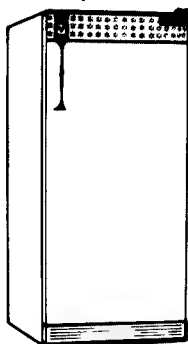
UM CRUZEIRO AO
NORTE DE ÁFRICA
OFERTA LIMITADA



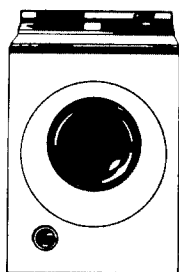
A TODOS OS
50 PRIMEIROS COMPRADORES DE



(a)



(b)



(c)

ÚLTIMOS MODELOS • SEM AUMENTO DE PREÇO
A PRONTO OU A PRESTAÇÕES

Inscriva-se JÁ. (Sem qualquer compromisso.) Informe-se depois. Enviamos todos os esclarecimentos e GARANTIMOS a partida em camarote com ar condicionado e com banho, com todas as despesas pagas, de viagem, alimentação e alojamento, aos primeiros 50 CLIENTES que enviem o cupão anexo, colado num postal e venham adquirir posteriormente, um dos artigos que anunciamos.

Recorte
cole
num postal
e
ENVIE
JÁ

A FIRMA
A. OLIVEIRA — Av. Almirante Reis, 91-A - Lisboa

Queiram enviar-me SEM COMPROMISSO esclarecimentos sobre a oferta GRATUITA do vosso Cruzeiro, na compra de (a) ou (b) ou (c)

Nome

Morada

Inscrição
provisória

n.º

(por ordem de
chegada)

A. OLIVEIRA

Avenida Almirante Reis, 91-A - Lisboa

Stand Albertino Henriques da Silva, Lda.

Esta Firma comunica que tem dezenas de carros dos últimos modelos, rigorosamente como novos, em preços excepcionais.

Recebem-se trocas e facilita-se o pagamento. Para seu interesse não compre nem venda o seu carro sem consultar o nosso Stand.

Rua do Garrido, 73-A — Tels.: 727201-728793-72519F

COMPRA

A FIRMA ALBERTINO HENRIQUES DA SILVA, LDA., está sempre comprando de carros de boas marcas, até 100 contos em mais a pronta entrega. Transacções em 20 minutos.

RUA DO GARRIDO, 73-A

LUSTRES

Fazemos novos, reparamos, transformamos ao gosto do cliente. Fábrica: Av. 5 de Outubro 203-r/c. Esq. Tel. 771639 (Ao Campo Pequeno).

VENDA AO PÚBLICO

CENTRO DE MEDICINA DENTÁRIA

— RATO —

Obturações, extracções, correcção de dentes, dentaduras

— PREÇOS DE POLICLINICA —

CONSULTAS DAS 9 AS 19 HORAS

ENCERRADO AOS SÁBADOS E DOMINGOS

Calçada Bento da Rocha Cabral, 1 (ao Rato) — Tel. 68 41 91

DESPORTOS

DL/DOMINICAL

Portugueses em Munique: a Seleção de atletismo

Para as mais espectaculares provas dos Jogos Olímpicos (o Atletismo) Portugal seleccionou seis atletas, na certeza de que não podendo, embora, determinar a decisão das medalhas, eles poderão melhorar as suas marcas pessoais e em quase todos os casos, «recordes» nacionais.

Para chegar a uma final que seja, as esperanças depositam-se inteiras em Carlos Lopes: (que, sem adversário, ainda no transacto fim-de-semana bateu por larga margem o «record» dos 5.000 metros e pode baixar bastante os actuais 13 minutos, 46 segundos e oito décimos, seu melhor tempo). Além disso, está perfeitamente apto a ganhar um lugar na final, desde que na sua série eliminatória não apareçam as «feras», pois nesse caso terá apenas que bater-se por um tempo de categoria mundial. Claro que também os restantes companheiros podem fazer algo de interessante, mas sem as ambições do rapaz de Viseu.

Por provas, temos as seguintes participações: Aldegalega (Maratona); Mamede (800 e 1.500 metros); Matos (110 metros barreiras); Silva (400 metros); Lopes (5.000 e 10.000 metros) e Carvalho (400 metros barreiras).

Um tanto surpreendentemente foi incluída no programa portu-

os mínimos exigidos para uma equipa de estafeta. E bem o caso de suprir no conjunto o que individualmente não seria possível. Por outro lado, esta inscrição portuguesa na estafeta permite que o Benfica (clube importante no desporto português mas, ao que parece, mais votado ao Futebol) possa estar representado na grande festa do Desporto mundial. Sem Fernando Silva na comitiva (e, repete-se, não conseguiu por si os mínimos) o Benfica não teria ninguém nas Olimpíadas. Salvo erro ou omissão, devida ao caso da Vela, os clubes com mais representantes são o Sporting com oito (cinco no atletismo, dois na luta e um no tiro) e a Cuf (dois remadores). Os outros clubes alinham com um elemento (e são vários). Sem contar com a Vela onde há representações clubísticas e presenças individuais.

Acompanham a equipa portuguesa o sr. Américo Ferreira (presidente do Conselho Técnico) e o prof. Moniz Pereira (treinador). Eis os atletas:

Por

DANIEL REIS

guês uma corrida estafeta de 4x400 metros, em que participa o quarteto Matos, Mamede, Silva e Carvalho. Esta estafeta dá ao a que três atletas que não fizeram os mínimos para Munique possam estar presentes, pois a soma dos seus tempos totais firma

FERNANDO MAMEDE tempos europeus



Nome: Fernando Eugénio Pacheco Mamede
Naturalidade: Beja
Data do Nascimento: 1/11/1951
Clube: Sporting
Internacionalizações: Senior-4; Esperanças-1; Dois campeonatos da Europa: um como Senior, e outro como Junior.
«Records» nacionais: 500 m (1.02,9s); 800 m (1.48,4 s); 1.000 metros (2.25,2s); 1.500 m (3.42,8s); 4x800 m; 4x1.500 m; 4x400 m (juniores).

Progressão técnica das provas individuais a que concorre nos Jogos Olímpicos: 800 metros: 1968, 1.57,2m; 1969, 1.53,8; 1970, 1.49,7; 1971, 1.48,4 («record» nacional); 1972, 1.48,5; 1.500 metros: 1969, 4.13 m; 1970, 3.51,8; 1971, 3.46,9; 1972, 3.42,8.

Antes de se inscrever no Sporting (em 1969), Fernando Mamede apenas havia corrido pela M.P. Actualmente é funcionário do Departamento de Futebol do Sporting.

JOSÉ CARVALHO a juventude

Nome: José Jesus de Carvalho.
Naturalidade: Porto
Data de Nascimento: 15 de Junho de 1953
Clubes: Associação Cristã da Mocidade e Sporting.
«Records»: Altura, 1,86 m (juvenis); 200 metros barreira, 25,1s (juvenis); 400 metros 47,9s (juniores); 400 metros barreira, 51,4s (juniores); 200 metros bar-

reiras, 24,3 s (juniores).
Melhores marcas: 110 metros barreiras, 14,9s.
Participa nas provas de 4x400 metros e nos 400 metros barreiras. E o mais novo dos representantes portugueses nas provas de atletismo, pois completou há meses os 19 anos.
Nos 400 barreiras, a sua evolução fez-se como segue: 1970, 60 segundos; 1971, 53,6 e 1972, 51,4.

CARLOS LOPES a esperança no melhor



Nome: Carlos Alberto Sousa Lopes.
Naturalidade: Viseu
Data do Nascimento: 18/2/1947
Clubes: Lusitano de Vilademoinhos e Sporting
Internacionalizações: 10, além de participação nos últimos Campeonatos Europeus de Atletismo.
Melhores marcas: 1.500 m — 3.46,6; 3.000 m — 8.08,4; 3.000 m. obstác. — 8.53,0; 5.000 m — 13.46,8 (record); e 10.000 m — 29.28,0.
Records: 10.000 e 5000 metros, provas em que vai competir nos Jogos Olímpicos e onde

tem registado a seguinte progressão técnica: 10.000 metros: 1967 — 30.52 minutos; 1968 — 30.45,6; 1969 — 30.40,6; 1970 — 30.26,6; 1971 — 29.28,0; 1972 — 29.52,2.
1.000 metros: 1966 — 15.17,4 minutos; 1967 — 14.43,0; 1968 — 14.36,2; 1969 — 14.35,2; 1970 — 14.23,4; 1971 — 14.06,2; 1972 — 13.46,8.

E o melhor atleta português da actualidade: e pertencem-lhe a melhor marca de sempre do atletismo português, o «record» 5000 metros: 1966 — 15.17,4 da recentemente. Trabalha no «Diário Popular».

FERNANDO SILVA "águia" entre "leões"

Nome: Fernando Cunha da Silva
Naturalidade: Lisboa
Data do Nascimento: 10/1/1952

Clubes: CDUL e Benfica. Entre os dois clubes representados, actuou duas épocas como individual, em 1968 e 1969.

Internacionalizações. Seniores: 1, Esperanças: 1; FISECI:

«Records»: Iniciados - 6 segundos nos 50 metros; Juvenis - 36,1 segundos nos 300 metros; Seniores - 47,2 nos 400 metros, co-recordista com Barceló de Carvalho.

Melhores marcas absolutas: 200 metros - 1,5 s; 400 metros - 47,2.

Pratica atletismo desde Fevereiro de 1967, iniciando-se num torneio de pista coberta. Vai participar na prova de 400 metros, onde tem como progressão



técnica: 1970, 49,9 s; 1971, 48, s; 1972, 47,2 s.

ALBERTO MATOS classe pura



Nome: Alberto Filipe Nascimento Matos.
Naturalidade: Portimão.
Data de nascimento: 7 de Dezembro de 1944.
Clubes: C. D. U. L. e Sporting.
Internacionalizações: Meia centena. Participou em 2 Taças da Europa e 2 Campeonatos da Europa.
Record: 110 metros barreiras (14,2 s.); 400 metros barreiras (51,2 s.).

Melhores marcas: Este ano por três vezes fez 14,2 s. nos 110 metros barreiras e uma vez 14,3 s; 400 metros (47,5 s.); 200 metros barreiras (24 s.).
Além da estafeta 4x400 metros, Alberto Matos corre os 110 metros barreiras, prova onde a sua progressão tem sido: 1964 — 15,7 segundos; 1965 — 15,4; 1966 — 14,9; 1967 — 14,8; 1968 — 14,6; 1969 — 14,5; 1970 — 14,4; 1971 — 14,5 e 1972 — 14,2.

ARMANDO ALDEGALEGA a experiência

Nome: Armando Rodrigues Aldegalega
Naturalidade: Setúbal
Data do nascimento: 23/1/1937
Clubes: Independente (de Setúbal), no início de carreira e Sporting, (nos últimos 16 anos).
Internacionalizações: 65, com uma participação nos Jogos Olímpicos de Tóquio.

Melhores marcas: Maratonas de Helsínquia (1971), 2h 20m 01s; Lisboa (1972), 2h 20m 57s; Inglaterra (1972), 2h 20m 21s; 3000 m obstáculos, 9.05,4s; 5000 metros 14.30,7s; 10 000 metros 30.30,4s.

Progressão de tempos na Maratona, prova em que vai competir nos Jogos Olímpicos: 1964, 2.28.54,8; 1966, 2.27.09,4; 1967, 2.35.22,6; 1968, 2.32.32,2; 1969, 2.24.23,6; 1971, 2.20.0,2 (record) e 1972, 2.20,17.

Particularidades: Armando Aldegalega é o habitual «capitão» das representações do Sporting (do atletismo), e um



atleta respeitado por todos os colegas, pela sua experiência pela sua categoria e pela sua personalidade. Profissionalmente é funcionário da Cidla.



DL/DOMINICAL

DESPORTOS



VOLTA
A
PORTUGAL

NA ESTRADA

Cumprida a quermesse das Antas, segundo para cá ou segundo para lá a colocarem pimenta no paladar da multidão, a «Volta» tira o fato de treino e salta para a estrada: do Porto a Guimarães e logo pela fresquinha no rodízio de Vila do Conde. Pelas serras acima ou rente ao mar. Entre os dois polos: do sol à suave brisa marítima. Mas, estes 141 quilómetros em duas jornadas, são apenas o cartão de visita das voltistas: só a partir de amanhã, com o aperitivo da sprintadela curta até Braga e, depois do almoço, a tremenda e dolorosa arrancada até às Pedras Salgadas, a luta passará a englobar os quartéis. Todas as armas estarão lá, desembainhadas, já fora do armário: e quem tiver vias para tocar a primeira volta pode considerar-se feliz, uma vez que não temos o menor reboço em afirmar que ao abalar da feira para seja já haverá muito bom ciclista que bote as culpas ao travesseiro por ter sido mau conselheiro e tê-lo feito acreditar que o puro facto de ter jeitinho para dar umas pedaladas lá na santa terrinha chegava e sobrava para fazer vida no ciclismo profissional. Mesmo neste, cá da «aldeia», em que se contam pelos dedos de uma só mão as provas anuais: quase tão irrisórias co-

mo os proventos que noventa por cento dos profissionais do ciclismo português podem arrecadar em cada doze meses.

Está tudo certo. Pagam mal? Corremos pouco. Pagam melhor lá fora? Então (pensou Agostinho) aqui, só para guardar o pecúlio em moeda estrangeira. No resto, o ciclismo verde-rubró é uma completa ilusão. Sob a bandeira de um profissionalismo inexistente, albergam-se sonhos de ventura que são absolutamente irrealizáveis. Até porque, como se sabe, não existe no bilhete de identidade de uma dúzia dos apregoados profissionais do ciclismo luso a «definição legal» do seu modo de vida. São, assim, uma espécie de sujeitos sem eira nem beira, que fazem seu biscoito anual nas primeiras etapas da «Volta» e logo regressam à enxada e ao sacho, ao tractor e ao pincel da pintura, à oficina de automóveis ou ao balcão de drogaria. Mas esta (perdoai-lhes, Senhor) é a sua tentativa de fuga à dureza crua do homem em rebanho. A escapada de um sol-a-sol sem palmas nem vivas. A tal ansia que em cada um de nós, logo desde o berço, quer marcar um arranque para mais longe e para mais alto: esse insofrido desejo que a maioria das vezes se sepulta na necessidade de ganhar (com

muito suor e algumas lágrimas) o pão da filharada e as telhas de um tecto.

Eles, os ciclistas, merecem (porisso e também) um respeito que poucos praticantes desportivos podem conquistar. E que leitores, o ciclista português na «Volta» não vai para os bons hóteis nem dorme em quartos perfumados. Quase na generalidade é atirado para a camarata como uma trouxa, como um vulto cansado que se despeja junto à parede, bem arrumadi-

«Volta» era tema para um Visconti ou um Polanski, um Saura ou um Chaplin. Nenhum actor profissional pode espelhar melhor, em rosto trabalhado, a dor de um ciclista vergastado pela infelicidade. Nenhum argumento com rodriguiños entre-laçados pode esmagar a pureza real e verídica que rodeia a argamassa humana que é «entourage» de uma «Volta». Um poema de brio e coragem. Páginas e páginas de sangue caldeadas de riso serpenteado por dores.

Alvalade, mastiga-se a carne daí a uma data de horas no Estoril: e só se volta a pegar no talher nas ruas de Setúbal. Escamoteada a autenticidade da «Volta a Portugal», seja tudo em desconto dos pecadinhos de cada um: que os da Organização ficam a valer pelos de toda a gente.

Pois, como já dizendo, a campanha das bicicletas prossegue (após estes saltos todos) junto ao Estádio do Bonfim. Nada de Arrábida, em que não pingava um tostão. O fundamental é garantir a recolha: e equilibrar o orçamento. Toca a andar, portanto: e, até Lagos todos os ventos de domingo empurram para o Oceano. Vem, então, a semana do cume: Lagos-Tavira, 111 quilómetros na manhãzinha de segunda e mais piruetas vespertinas, agora na pista do Ginásio. Ora o Algarve tem belas turistas e na caravana há muito quem as goste de ver ao perto: daí que a «Volta» fique a repousar umas boas horitas lá para baixo. Basta dizer que desde as 3 horas de dia 21 até às 14 do dia 23 (quando está marcada a saída de Loulé para Montemor-o-Novo) apenas se terão corrido 36 quilómetros! Pois se o Algarve cativa os das estradas, melhor apaz a quem só lá pode ir à custa dos outros...

Chegados a Montemor-o-Novo, quarta-feira à noite, mal se poderá dormir: já vamos almoçar a Envidos e dormir a Abrantes, após 2.6 quilómetros sortidos de rampas e sacudidelas, em duas etapas à medida e concepção de quem melhor pagou para ver a longa fita colorida. E pronto: Penhas da Saúde outra vez à vista. De Seia até lá tinha sido um pulo, mas assim (com o «criminoso» a voltar ao lugar do crime) é mais binito. Mais espectacular. Um «show» de guerrilhas que atira-se para a bermilha quem já só se sustenta à custa de «vitaminas»...

E a «Volta» estará a dar o pio. Castelo Branco-Santarém: o dinheiro já conquistado posto a bom recato e todos a fazerem força para que ninguém abale do grosso das hostes. Santarém a Sintra em cadência de consagração: e Agostinho a entrar no conpate? Afé, amigos, mais devagar

Porque, boas contas deita o preto: só que a bilha pode cair da cabeça mal o indígena tropece na pedrinha esquecida no caminho.

Agora, o último troço da questão: que faz correr os ciclistas?

Haverá cinco classificações distintas: geral individual, pontos, montanha, combinado e equipas. Nas etapas em linha, chovem bonificações: solicitação aos «sprinters» com o arco-boia de Emiliano ou a facilidade de desenvolvimento de belgas e franceses. E teremos «metas especiais», patrocinadas por entidades de vistas largas. Mais: prémios de combatividade e do azar, da progressividade e do mais: prémios da combatividade e do azar, da progressividade e do mais que adiante surgir. E também, as tais «metas volan-

tes»: que, segundo dizem os muito entendidos, lá por fora aguçam o apetite logo nas primeiras pedaladas de cada corrida. Há, portanto, diversas iscas: cada qual de sua cor e com seu paladar.

Quanto a dinheiros, aí temos a bolsa aberta. Rasgada. Ao dispor. Basta dizer-se (lembrar-se) que cada ciclista terá direito a uma diária no valor de 250 escudos, mesmo que o seu trabalho (excepcionalmente) comporte sómente uma etapa a dar ao pé. Por aqui já se vê o que espera a maioria: dinheiro no Banco futuro regalado. Porque, para os maiores, para os que não são coristas ou «boys» do elenco, há cheques já chorudos: 188 contos para os 20 primeiros da tabela final, com oscilações que vão desde a meia centena de notas graúdas até às duas cédulas de 500, consoante o «podium» ou o rasteirinho. O portador da «camisola amarela» também não foi esquecido: meia nota por dia é aliciante. E, nas etapas, primeiros lugares pagos a um conto (pista), dois e meio (estrada) três e meio (contra-relógio em estrada), com um estendal de notas de 100 até ao quinto posto mas a ressalva de só os atribuir se a média solicitada fôr cumprida.

E a montanha? Subir melhor vale 5,3 ou 2 contos, fora o que escorrer pelas contagens durante o caminho. Também aí a camisola azul de «leader» significará uma diária de 300 «dele»: um dia de trabalho de bom pedreiro. A classificação por pontos justificará, aos dominantes, extras com valores compreendidos entre 0,5 e 2 contos, além do bônus quotidiano de mais três notas de cem. O combinado equipara-se a coisa boa: 20 contos para um só, mas 200 escudos a saltitarem dia-a-dia. As metas-volantes são premiadas com 500 escudos: no conjunto, no somatório, os três melhores ganham para umas fatiadas (5,3 ou 2 contos). A combatividade, o azar e a progressividade fazem entrar 500 escudos por jorna na carteira dos apontados. E, por fim, os prémios destinados às equipas: 5, 8, 5, 3 ou 2 contos, desde a melhor à quinta colocada (se chegarem cinco formações ao risco branco de Alvalade, é bom de ver). Uma diária de 100 escudos, a cada corredor da equipa que viaje à frente da tabela geral é outro íman. Isso e muitas taças: tantas que vão dar para receber e para esquecer pelo caminho, como é sempre vulgar suceder aos montes de «envelopes-mistérios» que honestas comissões de entusiastas colocam no alto da varinha, na terra que só vem no jornal uma vez ao ano. Ai, as mais das vezes, nem volta a passar ninguém para recolher o ouro: um ano demora que tempos a correr e a gente, doze meses depois nem se lembra de certas caras.

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Agostinho José Coelho «Tabacaria Alentejana». Largo Luis de Camões, 40 ÉVORA

DL na "VOLTA" em "TOYOTA"

REPORTAGEM



Por NEVES DE SOUSA



A VENDA EM TODO O PAÍS EM LISBOA:

LISAGUA DISTRIBUI

Pedidos — Telef. 553336-553809

nho para ainda caber outro num dedal de espaço. E, quanto a alimentação, só a que tem mesmo de ser: porque as despesas com o material são enormes e o dinheiro ou dá para uma coisa ou para outra. Salvam-se deste vendaval os defensores dos grandes empórios: mas desses, por predestinados, não rezará a história do sofrimento.

Nesta pausa meditativa que antecede a grande batalha, enquanto se não debatem classificações nem desistências, quando as ausências ainda não são saudades nem os sonhos deixam de latejar nas frentes, o ciclista que marcha uma vez por ano ao encontro da «Volta» carece de um aceno de simpatia. E que não é ao acaso que cada um destes rapazes aqui está. Não emigrou sem motivação: e cada qual tem seus olhos numa miragem. Afinal, quem está mais dentro da razão: o pedalador que amanhã voltará com dois recortes e uma fotografia para a parede do seu quarto sem luz ou o aventureiro que joga tudo na cartada de poder ser um dia importante em seu burgo?

RELANCE

O fascinante mundo de uma

Empolgante.

Mas deixemos a tristeza de lado. Esqueçamos o que há de grandioso no arco-íris voltista. E espreguicemos palavras sobre o que espera, até à apoteose de Alvalade, os concorrentes ao «Tour» de beira-Atlântico.

Amanhã, de Vila do Conde a Braga, hora e meia a preparar as pernas para vencer as quatro horas que ligam a capital do Minho às Pedras Salgadas. Terça-feira, dia de depuração: extermínio previsto durante os 96 quilómetros entre o Parque das Pedras e a meta de Seia. No dia seguinte, ainda mal acomodados ao selim, ala que se faz tarde: outra dupla num mesmo dia. Tondela-Porto: 141 mil metros. E a pista das Antas: que sempre rende uma mão cheia de dinheiro a quem não arrisca o corpinho.

Na quinta-feira, o pelotão parte à conquista da morla Figueira da Foz, dos alojamentos impossíveis e da areia a perder-se ao longe. Para ninguém ficar a rir, outra quermesse ciense: na pista de Sangalhos, os ciclistas na montra. E, na tarde imediata, a conquista da capital: que não se sabe ainda como vai ser condignamente festejada. Se apenas no autódromo do Estoril, se também na pista cinzenta de Alvalade. Se, por um milagre da última hora, o confiante lisboeta do Campo Grande ainda poderá ficar associado à festa. Depois, vê-se isso. O fundamental é chegar vivo a Lisboa, pensarão os artistas do espectáculo.

A segunda metade da melância fica em suspenso. Come-se o peixe na abalada até



1.ºS JOGOS FLORAIS NACIONAIS DO C.A.T. COELIMA

PRAZO DE ENTREGA

31 AGOSTO 1972

Lençóis COELIMA — Pevidem

AMBAR

EDITORIAL-LITOGRAFIA OFFSET

A nossa reportagem acompanha a "Volta" num

TOYOTA

DL/ DOMINICAL

DESPORTOS

REAL MADRID PREPARA O SEU FOGO

No primeiro dia de Agosto, enquanto um milhão de madrileños deixava a urbe gigantesca (que é a capital da Espanha dos nossos dias em busca de poiso onde a dureza do ar permita o retempero das forças) mais de dez milhares de «hinchas» demandavam o Estádio do Real Madrid, para assistirem à apresentação do «plantel merengue» para a temporada que se avizinha.

Ovações para todos e uma muito especial para D. Santiago Bernabéu. Nos chutadores, poucas alterações em relação à época transacta. Miguel Perez (que passará a representar o Saragoça) e Ortuño (que é dado como certo no Castellon) são por enquanto, as únicas saídas. Por outro lado (e no que respeita a reforços) temos: Fermin que veio do Córdova, Macanas do Real Múrcia, Fernandez do San Lorenzo de Mar del Plata, Rubial do Pontevedra e Andrés do Cádiz. Assim, o quadro do Real ficou composto pelos seguintes 28 jogadores: Junquera, Corral, Garcia Remon e Miguel Angel, guarda-redes; Ballester, Benito, De Felipe, Fernandez, José Luis, Zunzunegui, Touriño e

Verdugo, defesas; Zoco, Pirri, Grande e Andrés, médios; Velazquez, Rubial, Grosso, Fleitas, Amancio, Aguilar, Santillana, Anzarda, Gonzalez, Fermin, Macanas e Maraño, avançados. Destes, três serão dispensados para que o lote de profissionais se fixe nos 25: o número limite autorizado pela Federação Espanhola. O defesa «internacional» De Felipe é (para já) a saída mais provável.

Após a apresentação a que nos referimos, o treinador Miguel Muñoz (que há mais de uma década se encontra à frente da equipa técnica do grande clube) marcou o começo dos treinos para o dia seguinte, na Cidade Desportiva. As dez da manhã, não do dia indicado mas

doutro tiradinho a papel quimico, centenas de adeptos do Real assinavam o ponto com uma moeda de cinco pesetas para verificarem «in loco» a preparação dos seus ídolos.

A sessão abriu com um esquema muito simples, de preparação física, com a maior parte dos 27 jogadores (Zunzunegui, lesionado, não treinou) a levarem aquilo para a galhofa perante o impávido Muñoz: que cedo passou a pasta aos seus dois auxiliares de campo. Meia hora de flexões, correrias e pulinhos para todos os gostos. Depois, com balizas improvisadas, jogou-se (aproveitando a largura do campo) uma partida de andebol, sempre na mesma toada de brincadeira. Desse jogui-

nho não deve Fermin ter ficado com boas recordações, pois viu-se forçado a recolher aos balneários com um ataque de ciática. Começou mal a época para o novo avançado do Real.

Para a partida que se seguia, esta a jogar com o pé, Muñoz dividiu os jogadores em dois grupos de treze, que grandes alterações viriam a sofrer com o decorrer do tempo: já que futebolistas à experiência deviam ser para aí uma dúzias de dezenas. De qualquer modo e por muito que os responsáveis tivessem advertido os jogadores) estes resolveram um tanto inesperadamente, levar aquilo a sério, talvez por via da concorrência. E, cerca dos 35 minutos, De Felipe aplicou uma tremenda «patada»

em José Luis. Aí, o sempre distante e frio Muñoz, deu uma das suas raras apitadelas e mandou tudo para o duche. No relvado, e talvez mais para satisfazer a vontade do público (um tanto defraudado naquela manhã) ficaram os quatro guarda-redes, que foram submetidos por um dos treinadores de campo a uma preparação especial de relativa intensidade. Se temos que ter em conta que a temporada ainda está no início também não podemos esquecer a já muito próxima digressão da equipa madrilenha pela península balcânica: a 15 deste mês joga em Belgrado, a 17 em Sarajevo e a 19 defronta o Olympiakos, em Atenas. Disso sabe melhor que ninguém o sr.

Miguel Muñoz que, no final do treino, ao abeirarem-se dele os treze (!) jornalistas presentes, se escusou muito sorridentemente a prestar qualquer esclarecimento. Receberia os que a isso estivessem dispostos pelas sete da tarde, no Estádio Santiago Bernabéu. Pela parte que me tocou fiquei muito grato, mas a essa hora já deveria estar a muitos quilómetros dali, rumo à lusitaníssima cidade das colinas. E, de qualquer modo, para ouvir respostas daquelas não é preciso deixar Lisboa. Também por cá temos «amabilidade» (quase) idêntica. Adivinhem onde.

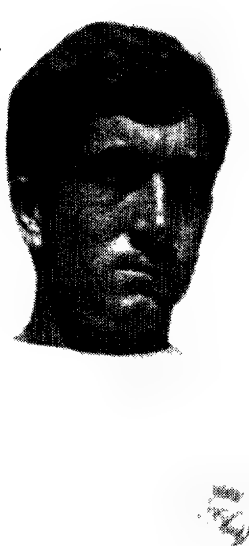
ALEXANDRE PAIS



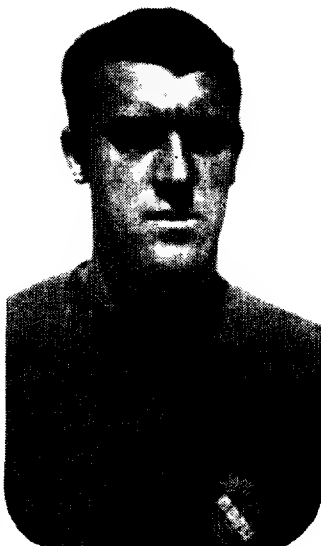
O Estádio Santiago Bernabéu em dia de grande jogo



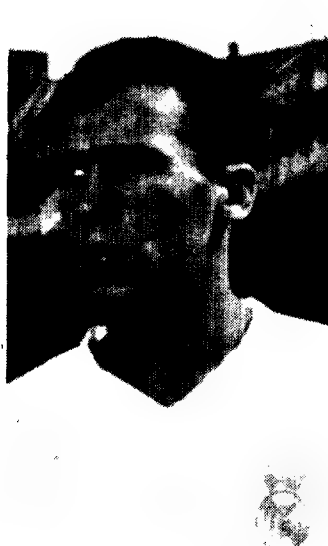
Miguel Muñoz



Velazquez



Junquera



Amancio



Zoco



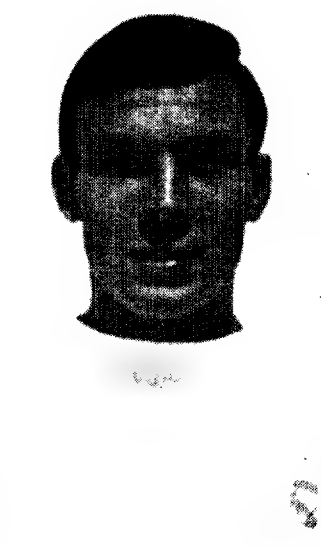
Pirri



José Luis



Zunzunegui



De Felipe



Miguel Angel



Grosso



Fermin, Macanas e Fernandez: três dos novos jogadores do Real

ANDEBOL EM QUATRO PONTOS

Deviam ter-se efectuado na sede da Federação Portuguesa de Andebol os Congressos Ordinário Extraordinário. Tal não aconteceu porque esses mesmos Congressos enfermam de ilegalidade: lista incompleta apresentada pelos feudos de Lisboa e Porto e, ainda por cima sem terem sido emitidas pela direcção da Federação, como se encontra bem explícito no regulamento. Mas (e nós estamos cientes disso) mais ilegalidades poderiam ser apontadas. Se lançarmos os olhos para o panorama, somos obrigados a constatar isso mesmo.

Parece que o representante da Associação de Andebol do Porto não tinha (na altura) tomado posse do cargo para que fora eleito. Também a Associação de Andebol de Lisboa não havia procedido às suas eleições e, no caso pouco provável de novo elenco directivo, poderia acontecer que o mesmo (e há razões de sobra para isso) não estivesse de acordo com as decisões tomadas pela gerência actual. Haverá dúvidas sobre isso?

Do que não restam dúvidas é que a modalidade é fértil em casos (e que casos!)...

2

A hospitaleira e nobre barcelos foi palco das últimas manifestações (no Norte do País) dos «5.ºs Jogos Lusobrasileiros». E, mais uma vez o nosso amigo dr. Vasco de Faria, ilustre presidente da Câmara Municipal local, foi pródigo nas atenções que prestou a toda a caravana. O seu trato fidalgo cativou toda a embaixada desportiva dos «Jogos». Foi bem uma recepção «à Barcelos» em que ele, seus colaboradores e todo o bom povo da linda cidade minhota, rodearam a caravana de um calor humano, de uma gentileza e de um carinho que jamais serão esquecidos.

Tudo o programa desportivo decorreu com a precisão de um bom relógio. Tudo foi executado com inextinguível zelo. Tudo foi simples. Tudo foi «à Barcelos»...

Tem o andebol, no dr. Vasco de Faria, um verdadeiro amigo: que a todo o momento e nos mais pequenos pormenores demonstra essa

estima. Também os rapazes da modalidade nutrem pelo ilustre desportista o mais desvelado carinho. Verdadeiro homem actual, ele está a fazer uma grande obra em Barcelos: que é digna de ser conhecida e muito em breve começará a produzir os seus frutos (um óptimo Pavilhão Desportivo, dos melhores que existem no País, bem apetrechado e já com uma actividade que se torna digna de registo). E bem um laboratório de saúde, onde crianças de ambos os sexos (e de tenra idade) praticam ginástica, mini-andebol, minibasket e patinagem. Nessas instalações está ainda em vias de conclusão uma bela piscina.

Isto é uma pequena síntese de uma grandiosa obra. Mas

patins). Mas, também e verdade que o nosso andebol não atingiu em Angola (única província onde oficialmente ele se pratica), expressão justificativa da sua permanência numa competição em que participam os melhores clubes metropolitanos (e é com muita mágoa que o referimos).

Tornamos a repetir que os ultramarinos serão sempre bem-vindos até nós, pois desse contacto alguns benefícios advirão: mas, nunca para participarem no Campeonato Nacional. Isso, assim o entendemos, será asneira tremenda. A teimar-se na ideia, o Campeonato Metropolitano viria a perder todo o interesse, porque deixava de ter emulação a disputa de uma prova que tem 22 jornadas

Por MATOS MOURA
seleccionador nacional
e treinador do Sporting



o dr. Vasco de Faria quer ir ainda mais longe: e, assim, a Câmara da sua presidência vai organizar, em fins de Setembro, um «Grande Torneio Internacional de Andebol» que contará com a participação de duas famosas equipas estrangeiras. Também se pretende que o andebol feminino dê o seu contributo e, portanto, ele não está esquecido nesta festa que se prepara. Destas iniciativas está o andebol necessitado. Com a sua realização, fica a modalidade de parabéns.

3

Vai ser discutida, aquando da apreciação do novo regulamento de provas, a participação ultramarina no Campeonato Nacional. Há bem pouco tempo manifestámos a nossa opinião sobre o assunto, mas queremos lembrar a nossa discordância (pelo menos no momento actual) quanto a essa participação nos moldes em vigor (ou parecidos) por os considerarmos despropositados.

E bem verdade que a modalidade necessita de um andebol bem forte no nosso Ultramar (pelo menos à semelhança do que acontece com o basquetebol e o hóquei em

e leva quase oito meses de duração (portanto uma prova de regularidade) para depois se ingressar num «Nacional» de três ou quatro jornadas, para mais com a participação dos ultramarinos.

Será justíssimo que Angola preste provas das suas possibilidades. Mas é a «Taça de Portugal» a prova ideal para tal fim, já que tanto pode ser realizada na Metrópole como em Angola: e os ultramarinos só entrariam na sua disputa a partir de determinada altura, tal como se faz no futebol. Esta, creio, seria uma forma válida de resolver o assunto.

4

Recebemos da Comissão Central de Arbits um livro de muito bom aspecto que contém os estatutos e regulamento disciplinar pelo qual se regerão os seus filiados.

Está de parabéns a Comissão por este seu trabalho, o qual demonstra com quanta atenção se tem dedicado aos problemas da arbitragem. A obra vem preencher uma lacuna que bastante se fazia sentir. Brevemente faremos ao livro uma apreciação detalhada.

SETE DIAS

— Ao princípio, era a esperança alicerçada na doce recordação de há vinte anos atrás: a prova de que no hóquei mundial, não havia ninguém melhor do que os portugueses. Ao princípio, era o entusiasmo implantado em terras da Galiza, a ideia de que os onze adversários postos no caminho da nossa selecção nacional, seriam facilmente destruídos por «essa equipa maravilha», autêntica fábrica de fazer golos. Ao princípio, era o optimismo feito certeza, numa jornada gloriosa da modalidade maior prestígio no nosso meio desportivo.

Depois, foi a desilusão plantada em noite escura: das apagadas exibições aos resultados mais do que modestos, da magreza das vitórias conquistadas, à robustez das derrotas sofridas. Como eixo da desilusão, um nome: o do seleccionador nacional. Sobre os seus ombros, pesa o amargo fardo de não ter conseguido aquilo que anunciara fácil: a reconquista do título mundial, 25 anos depois da primeira vitória. Sobre si, todas as dívidas de uma campanha classificada de mediocre, agravada por declarações e críticas, frias e objectivas. No meio termo da questão, a verdade nua e crua mostrada às gentes da Corunha: a doença do nosso hóquei patinado, ultrapassado em velocidade por uns Estados Unidos sem pretensões, esmagados sem piedade por uma força chamada Espanha.

Este mês, ainda, vamos ter a confirmação desta verdade: no torneio europeu de juniores, que terá terras de Espanha como cenário. Doe muito a forma como fomos derrotados na terra de Franco: disso se queixam os atletas de 47, vergados ao peso da vergonha.

2 — Uma desilusão nunca vem só: depois do insucesso da nossa selecção de hóquei em patins, Portugal assistiu impávido e sereno à paupérrima figura dos nossos ciclistas no Mundial de estrada. Agostinho, o grande ídolo das massas, que em terras gaulesas e espanholas firmou



Para exibições desfocadas, sorrisos amarelos

bem o seu valor ao lado dos verdadeiros «heróis» da estrada, foi o único português a cortar a linha de chegada da prova ciclista que dá faixa de campeão e empresta popularidade sem limites. Já sabíamos que a presença dos outros, era apenas para «francês ver»: que a sua actualização iria marginar o plano traçado pelo nosso campeão, «escondê-lo» dos gananciosos pelo título. Não admira, portanto, as desistências sucessivas, porque a todas elas sobrevivia o «nosso Joaquim». Mas, a certa altura da prova, Agostinho teve uma falha: não acreditou numa fuga dos maiores nomes do ciclismo mundial. E ficou para trás, muito para trás. De tal maneira que foi o último da classificação geral, dando segundo golpe nas esperanças lusas de um bom comportamento em competições internacionais. Ninguém duvide: esta semana de sete dias, foi em tudo e por tudo negativa, no confronto traçado. Há semanas em que não se pode sair do país...

3 — Como não há duas sem três, nem regra sem excepção, os jovens da Mocidade Portuguesa partiram para Roma com a esperança de colherem bons frutos nos campeonatos da F.I.S.E.C. Ecolheram nada mais nada menos do que cinco medalhas de ouro, quatro de prata e duas de bronze, enriqueceram a sua bagagem, cotando-os como dos melhores atletas do torneio. No compasso nacional, eles são a esperança ou a certeza de que o atletismo nacional está no bom caminho, se a clubite ou a fome de pontos não os desviar das tendências naturais, nem a idade os atraiçoar no preparo físico.

Conquistar cinco primeiros lugares, quatro segundos e dois terceiros, num conjunto de 13 provas, é façanha singular para o nosso meio: e por isso de aplaudir sem reservas, e a transpôr do anonimato para o grande público, os nomes destas novas «quase-certezas» do nosso atletismo. Medalhas de ouro para Helder Jesus (800 metros), Cor-

O ESTRELA DE PORTALEGRE NO TEMPO DE MÁRIO COLUNA

Do sr. professor Francisco Calado Godinho Barrocas, presidente do Sport Clube Estrela, de Portalegre, recebeu o nosso camarada Neves de Sousa a foto e a carta que publicamos seguidamente:

Aqui lhe envio a fotografia do Estrela por quem me tenho sacrificado há 30 anos, sempre com prazer e gosto. Mas, há necessidade de existirem estes «carolas», para que a chama sagrada do futebol se vá mantendo de geração para geração, embora por vezes isso nos traga muitos dissabores e amargos de boca, como se costuma dizer aqui na minha região.

«Com a publicação da fotografia aqui vai também o nome dos atletas.

«Em cima (e da esquerda para a direita): Canelas (defesa), que o Sporting desejou, Almeida (defesa), Delmar (defesa e antigo junior do Benfica), Bica (defesa), Belo (defesa), Coluna (médio) e Bastos Nunes (guardião adquirido ao Tomar). Em baixo (e também da esquerda para a direita) vemos Grilo (guardião), Paris (avançado), Alberto (avançado), Moita (avançado), Ruca (médio e antigo junior do Benfica), Pedro (avançado).

«Mas, ainda no tempo de Coluna ainda tínhamos: Laranjo

(avançado), António João (defesa), Matos (defesa), Silvestre (avançado), Casaca (médio), Mafra (médio), Correia (avançado) e, ultimamente, Humberto Fernandes e Frade (guardião).

«Como vê, tínhamos um número de jogadores bastante elevado: além daqueles que estão na tropa, mas que o ex-treinador Coluna nem chegou a ver, quanto mais a conhecer!

«Com os meus votos de prosperidades para si e para o «nosso» Diário de Lisboa, creia-me admirador e obrigado por tão gentilmente me ter recebido e acedido ao meu pedido de esclarecimento.



DESPORTOS

DL/DOMINICAL

EM PARADA

reia da Cunha (peso, de 6 quilos, e disco), e ainda os componentes da equipa portuguesa da estafeta 4x100 metros: Medeiro, Luis Azevedo, José Morais e Câmara. Medalhas de prata para Ermelindo Santos (salto à vara), Luis Azevedo (triplo salto), e José Câmara (400 metros), além dos elementos da equipa na estafeta 4x400 metros: Medeiro, Maruta, Helder Jesus e Câmara. As medalhas de bronze, foram para José Moura (dardo) e Luis Azevedo (comprimento).

Estará na juventude o prestígio internacional da nossa actividade desportiva?

4 — Enquanto o futebol não faz abrir as portas dos estádios continentais, as equipas de primeiro plano aproveitam este mês para as tão necessárias rodagens. Quatro delas (F.C. do Porto, Belenenses, Sporting e Vitória de Setúbal), aceitaram convite para irem até Angola e Moçambique mostrar o valor do seu futebol em princípio de época, medirem o seu potencial em encontros sem importância de maior. O povo daqueles dois estados teve assim oportunidade de ver em acção os seus ídolos, numa antevisão do que irá ser, este ano, a disputa dos lugares primeiros do Campeonato Nacional. Para além dos resultados verificados, o que mais importou aos técnicos, foi a observação de novos elementos, a adaptação deste ou daquele jogador neste ou naquele posto do xadrez da turma. E, como uma visita Ultramar importa sempre em observação aos valores locais, o Sporting resolveu logo ali garantir o concurso de Manecas, da sua filial angolana. Manecas é já assunto certo na agenda dos leões, tendo-se gerado certa confusão quanto ao destino de um outro, de nome David. Entre vestir-se de «azul ou de verde, surgiu a hipótese encarnada», e enquanto uns discutiam suas razões de primazia, o outro (que não fora a Angola) tratou dos papéis e das assinaturas. Onde se prova que as palavras pouco contam, quando as



Basso foi o primeiro, na corrida onde Agostinho foi o último

atitudes chegam primeiro.

5 — Quem chega primeiro com a mini bola ao mini cesto da mini tabela, marca pontos para a sua equipa no mini basquetebol. E, aos poucos, o marcador vai subindo, fazendo crescer cada vez mais o entusiasmo por essa nova modalidade. Mas, quem está a ganhar, e ganhará de certeza, independentemente dos resultados, é o basquetebol, essa modalidade que está a se-

mear na juventude mais jovem do nosso país, com a certeza de colher bons frutos.

O plano está bem esquematizado no papel, e os homens encarregados de o transpor para a prática, andam animados no empréstimo de força e dinamismo. Cada dia que passa, a ideia ganha não apenas mais praticantes, como, também, novas condições: os clubes acolheram a ideia com simpatia e entusias-

mo, e as firmas particulares mostram-se interessadas numa colaboração que lhe trará lucros, igualmente. Tempo de férias, é tempo de desporto, pois a actividade física não pode conhecer fronteiras de idades nem de meses, estando bem certo o «slogan» posto a circular no respeitante a esta iniciativa: «Quem semeia cestos, colhe minibusquete».

6 — Quem está semeando tempestades psicológicas, e vai colhendo bons e proveitosos frutos, é o norte americano Bobby Fisher, na disputa do campeonato do mundo de xadrez. No pequeno reino de Reykjavik, já nada espanta: Bobby vai fazendo exigências, vai proibindo transmissões pela TV, mas lá vai levando a água ao seu moinho. Por seu lado, o russo Boris Spassky, impávido e sereno (na aparência), vai aguentando tudo para não explodir, procurando esquecer tudo quanto poderia contribuir para desassossegar o seu espírito. Tudo isto trouxe o xadrez a um plano de interesse mundial, sendo diária a curiosidade em saber quem ganhou ou se empataram.

Para além do interesse que tem a disputa de um campeonato do mundo, com um pretendente a jogar todas as cartadas possíveis por fora, e um campeão frio como o gelo, a aguentar tudo, o que mais espanta é como o mundo aceitou e interpreta esta luta entre um americano e um russo. Perante a «importância» da notícia dada hoje, ou publicada ontem, a verdade é que o grande impulso foi dado pela nacionalidade dos intervenientes, que perante um árbitro por vezes condescendente, lá vão movendo os peões e as torres, num jogo de inteligência sem par, onde a psicologia tem desempenhado papel preponderante.

7 — A pouco mais de oito dias da inauguração dos Jogos Olímpicos, começam a cair os recordes mundiais. Isto significa que os atletas estão a atingir a sua melhor forma, e significa (ainda mais importante) que eles cuidaram do seu preparo com a devida antecedência. Não foi realmente à última hora que aqueles que tinham hipóteses de viajar até Munique começaram a treinar, nem foi em vésperas do início desses treinos que o esquema foi traçado para ser cumprido fielmente. Nos últimos Jogos Olímpicos, a condição «altitude» preocupou muito os técnicos, levando-os a acreditar numa pobre tabela de resultados, principalmente nas provas que exigiam grande esforço. Mercê das adaptações tidas como essenciais, os máximos olímpicos e mundiais caíram, elevando as marcas a um conceito quase sobrenatural.

A pouco mais de oito dias do início dos Jogos Olímpicos, os máximos começaram a cair: a prova provada de que vai haver emoção a rodos, verdadeira luta pelas medalhas.

As medalhas que traduzem a legenda olímpica: «Altius, sitius, fortius».

ORLANDO DIAS AGUDO

ADÍLIA: A DÚVIDA

Conforme foi noticiado, Adília Silvério foi considerada por um júri de jornalistas, sob o patrocínio da Timex, a melhor atleta do ano. Mas isso não lhe chegou para ser seleccionada, pois não cumpriu os mínimos exigidos pela Federação. Posteriormente e como a Timex se propôs custear a viagem da atleta do Sporting surgem dúvidas serias de que possa participar.

No tocante aos demais participantes portugueses está tudo em ordem.



Passeando descontraidamente Fischer pensa no xadrez e em novas exigências



Os atletas preparavam-se para Munique. Os da Costa Rica escolheram a Finlândia



O Primeiro triunfo sadino da época, dá ideia de altos voos

DL/DOMINICAL

A CAÇA AOS HUGUENOTES

Continuação da pág. 20

assumiu a plena responsabilidade do massacre perante o Parlamento de Paris, e deu uma versão oficial dos factos — repetida depois pelos seus embaixadores em toda a Europa — segundo a qual a Coroa fora obrigada a agir para prevenir uma conspiração protestante já em acção. Ninguém acreditou nisso, naturalmente.

Típica foi a reacção de Isabel de Inglaterra. Quando chegaram as notícias sobre o massacre, estava em Kenilworth e participava numa excursão a cavalo; regressou imediatamente e não permitiu que o enviado francês, La Mothe-Fénelon, se aproximasse de si. Durante 4 dias, o diplomata solicitou (em vão) uma audiência quando, finalmente, a rainha se resolveu a recebê-lo, tê-lo atravessar várias salas cheias de cortesãos vestidos de luto e imersos, como ele referiu mais tarde, «num silêncio semelhante ao de uma tumba». Entre vestes negras e olhares glaciais, ele aproximou-se finalmente de Isabel, também ela de luto, que logo lhe perguntou qual a razão do atroz acontecimento.

Fénelon ateu-se à tese governativa: uma conjura protestante estava a organizar-se e prestes a estalar, a monarquia viria-se obrigada a defender a segurança do Estado. Mas esta segurança, rebateu Isabel, exigia a matança indiscriminada de tantas mulheres e crianças? O embaixador admitiu-o. Dali a pouco, o Secretário de Esta-

do, Burghley, deveria arremeter ainda com maior aspereza ao afirmar que «a noite de São Bartolomeu» era o pior delito da História, depois da Crucificação.

O número exacto das vítimas é matéria de discussão. Os números variam enormemente, consoante as fontes. Segundo o representante toscano, Petrucci, os mortos foram três mil; o enviado espanhol tê-los remonta a cinco mil; alguns falam precisamente de dez mil. Só na capital, os mortos foram certamente mais de dois mil; a estes é preciso acrescentar, depois, aqueles que foram massacrados nas províncias nos dias seguintes, não obstante a família real — aterrorizada, dir-se-ia, pela amplitude dos acontecimentos desenhados — com cartas e ordenanças, ter imposto a cessação da caça aos huguenotes.

Naquele fim de Agosto aberto um fosso tremendo entre as duas confissões religiosas que contendiam em França (na realidade, seria mais exacto falar de partidos, que usavam as diferentes doutrinas como pretexto) e também entre a monarquia e um largo sector dos seus súbditos. A dinastia dos Valois estava destinada a desaparecer entre o sangue das convulsões civis.

Carlos IX não chegaria a ver aquele crepúsculo. Obsessado por cruéis fantasmas que, diz-se, não lhe davam tréguas durante a noite, o rei, que devia ligar o seu nome à noite de São Bartolomeu, morreu aos 24 anos, em 1574.

PARA O PERÍODO DE 13 A 19 DE AGOSTO



ÁRIES

(21 de Março a 20 de Abril)

AMOR: No campo sentimental o período provoca desgostos familiares e ainda desentendimentos amorosos. Seja paciente e faça tudo quanto estiver ao seu alcance para quebrar a neurastenia e não aflija os outros com os seus problemas íntimos.

DINHEIRO: Mesmo em matéria de dinheiro o período será de idealismo. Projectos, que mais para a frente poderão resultar. Na realidade o momento é mais fértil para pensar e idealizar do que propriamente para agir.

PROFISSÃO: Use de cuidado com os associados imprudentes. Uma sociedade com uma pessoa nascida entre 22 de Maio e 21 de Junho, traria bons resultados futuros.

SAÚDE: Os astros inclinam a pequenas alterações de saúde. Cuidado com os rins.



TAURUS

(21 de Abril a 21 de Maio)

AMOR: No domínio amoroso as condições apresentam-se muito favoráveis, mostrando até elevada felicidade conjugal e boa harmonia no convívio familiar.

DINHEIRO: Se empregar a sua actividade com decisão e vontade progredirá financeiramente. Encontrará grande felicidade de resolução nos assuntos monetários. Esforce-se e os resultados estarão à vista.

PROFISSÃO: Toda a aplicação em prol da sua actividade profissional é meritória e proporcionará benéficas conclusões. Merece a pena esforçar-se neste sentido.

SAÚDE: Fisicamente o período vaticina uma certa propensão para as infecções na laringe. Cuidado com os resfriados.



GEMINI

(22 de Maio a 21 de Junho)

AMOR: Uma semana silenciosa, não expandirá, viverá no sossego da indiferença; preferir passar sem dar nas vistas. Propensão para a melancolia.

DINHEIRO: Se agir debaixo de um programa previamente bem estabelecido, as condições financeiras mostram-se muito favoráveis e com tendência a aumentar.

PROFISSÃO: Dispensará muita energia, cujos efeitos não atingem fins meritórios, nem compensadores. Os projectos e empreendimentos são pouco consoladores. Aguarde melhores influências, pois não vale a pena insistir.

SAÚDE: Durante esta semana terá predisposição para perturbações de saúde; indisposições gástricas e estados de nervosismo.

horóscopo

pelo astrólogo HORUS



CANCER

(22 de Junho a 22 de Julho)

AMOR: Atravessa um período de inconstância, sem saber concretamente o que pretende nem a causa desse estado. Alguns momentos de características mal humoradas, podem motivar arelias.

DINHEIRO: Bons prenúncios de aumento por meio de exercício activo. Não gaste mais do que o necessário embora esta quadra incite a isso.

PROFISSÃO: A sorte favorece, sobretudo, aqueles que se dedicam às carreiras artísticas e criações originais. A energia será muito útil e os resultados contribuirão para o êxito.

SAÚDE: Período de nervosismo e inquietação. Procure ambientes calmos, e distrações que não sejam de molde a criar-lhe emoções fortes.



LEO

(23 de Julho a 22 de Agosto)

AMOR: Os assuntos amorosos, as relações familiares e as amizades estão bem protegidas neste espaço de tempo. Terá notícias agradáveis. Procure contribuir para que esta boa influência não diminua.

DINHEIRO: Aja com rapidez nos seus projectos e terá boas surpresas monetárias. Não faça despesas impensadas.

PROFISSÃO: Propício ao bom desenvolvimento profissional. Dê maior incremento aos assuntos já iniciados, evidencie-se e avance dentro do seu trabalho sem receio.

SAÚDE: Será satisfatória tanto quanto possível, graças aos bens influxos astrais.



VIRGO

(23 de Agosto a 22 de Setembro)

AMOR: No aspecto sentimental tudo caminhará regularmente. A meio da semana podem surgir pequenas divergências e contrariedades.

DINHEIRO: A atmosfera monetária é esplêndida e cheia de boas perspectivas. Se exercer proficua actividade terá bons lucros.

PROFISSÃO: Deixe-se guiar pela intuição, pois só terá bepois só terá benefícios se assim fizer. A sua acção cautelosa nos negócios pode proporcionar-se bons resultados, assim como melhor bem-estar e uma melhoria nas suas relações sociais.

SAÚDE: ... Será boa segundo todas as probabilidades. Contudo, não cometa excessos.



LIBRA

(23 de Setembro a 22 de Outubro)

AMOR: As suas influências astrológicas para esta semana conferem-lhe uma disposição meditativa com maus pressentimentos, aliás, injustificados, pois estes não passam da simples imaginação, devido à influência lunar que predomina no seu espírito durante o presente período.

DINHEIRO: Só com grandes esforços e vontade conseguirá obter, nesta quadra, resultados monetários apreciáveis.

PROFISSÃO: Os negócios poderão experimentar uma quebra em relação ao habitual. Esforce-se por fazer progressos no seu trabalho mesmo que tenha de tomar atitudes energéticas.

SAÚDE: Tendência à melancolia e ao desânimo. Nestes momentos, procure a distração e o sossego de espírito.



SCORPIUS

(23 de Outubro a 21 de Novembro)

AMOR: No domínio amoroso as coisas não andarão a seu favor. No ambiente familiar ou conjugal há algumas possibilidades de desentendimentos. Ponha de parte o orgulho e trate os seus sem hospitalidade.

DINHEIRO: Conseguirá aquisições interessantes se diligenciar obtê-las. Indicado a receber débitos que tenham tornado bastante difíceis de receber. Grandes facilidades em todos os ramos de actividade económica.

PROFISSÃO: A sua memória e experiência serão dois grandes auxiliares que terá durante este período. Assumirá novas responsabilidades que terá durante este período. Assumirá novas responsabilidades estando em boas condições para poder atingir os seus fins.

SAÚDE: Se se excitar demasiado poderá prejudicar a sua saúde e o seu bem-estar.



SAGITTARIUS

(22 de Novembro a 21 de Dezembro)

AMOR: No domínio afectivo reinará a compreensão e o bem-estar. Nas amizades, qualquer conflito que surja será inêrgicamente e facilmente resolvido em bem.

DINHEIRO: Aja com rapidez no que tiver em projectos e as finanças aumentarão. Parece que o seu sucesso, durante este período, dependerá grandemente dos seus próprios esforços.

PROFISSÃO: Boa disposição que dará ocasião para iniciar novos empreendimentos, quer na profissão actual, quer em novos negócios. Tome uma direcção mais ampla e colherá benefícios.

SAÚDE: A posição em referência à saúde é contrária. Propensão para enfermidades do coração e garganta.



CAPRICORNIUS

(22 de Dezembro a 20 de Janeiro)

AMOR: Evite tudo o que possa provocar um mal-entendido no domínio sentimental, familiar, porque os contactos neste sector são actualmente difíceis. No entanto, não hesite em dar a conhecer as suas intenções, pois será escutado.

DINHEIRO: No campo dos assuntos financeiros, procure não se deixar influenciar por argumentos brilhantes; obterá sucesso material se souber tirar partido dos seus conhecimentos profissionais. A inteligência servida por uma boa inspiração poderá conduzir-vos a surpreendentes resultados.

PROFISSÃO: Os seus afazeres multiplicam-se e tomam uma direcção que lhe dará prazer. Será conveniente dedicar-lhe toda a sua atenção porque a realização das suas ambições depende sobretudo de si próprio e da sua capacidade, da maneira como proceder.

SAÚDE: Seja prudente, nada de grandes fadigas ou excessos de mesa.



AQUARIUS

(21 de Janeiro a 19 de Fevereiro)

AMOR: O seu coração estará de acordo com a sua consciência, e é assim que saberá fazer uma escolha judiciosa entre dois caminhos a seguir. Preferirá aquele que se apresenta sob um aspecto sério, que lhe possa dar felicidade.

DINHEIRO: Tenha mais confiança em si e procure resolver os seus problemas com os seus próprios meios. As suas obras serão notadas e de certo modo retribuídas.

PROFISSÃO: Se agir com energia e bom senso poderá realizar os seus projectos, sobretudo aqueles que se relacionem com o plano profissional e social. Execute os seus planos, mas sem pressas, pois vê-lo-á assim atingirem o êxito de maneira satisfatória.

SAÚDE: Evite gelados em geral. Trate do seu organismo sem perda de tempo.



PISCIS

(20 de Fevereiro a 20 de Março)

AMOR: A pessoa amada tudo fará para vos ver feliz. Coopere com a mesma e terá um período muito bom. Vénus indica, na verdade, relações familiares e domésticas mais harmoniosas.

DINHEIRO: Os trabalhos que exijam paciência e minuciosidade intelectual ou manual são os que renderão mais. Não faça nada precipitadamente. No entanto, precisará de cooperação e da compreensão dos companheiros e das outras pessoas em geral para obter progressos financeiros.

PROFISSÃO: Fará novas relações sociais agradáveis e interessantes mas procure não dispersar a sua atenção e não se esquecer de alguns assuntos importantes, relacionados com pessoas que tem de considerar.

SAÚDE: O coração e os intestinos serão os dois pontos fracos a vigiar este período.

SUPERMANOS

A CASA SIMPÁTICA

Televisão	2.900\$00
Frigoríficos	1.900\$00
Trituradores	260\$00
Secadores de cabelo	140\$00
Cassetes	35\$00
Relógios de cozinha	300\$00

VENDAS A PRAZO

LARGO DO MASTRO, 5 — TEL.: 561555

EXCURSÕES EM AUTOCARRO

COM PARTIDAS DE SETÚBAL E LISBOA

Realizadas nos nossos autocarros de turismo
Acompanhadas por pessoal especialmente qualificado

Lourdes-Andorra-Madrid	9 dias	3.950\$00
Lourdes-Andorra-Barcelona-Valência-Madrid	12 dias	4.950\$00
Lourdes-Paris-Andorra-Madrid	15 dias	5.950\$00
Paris-Londres-Madrid	16 dias	8.500\$00
Bélgica-Holanda-Luxemburgo		
Vale do Reno-Suíça-Andorra	20 dias	9.950\$00
Suíça-Austria-Itália	24 dias	12.500\$00
Gauza e Costa Cantábrica	9 dias	3.850\$00

Peça-nos o programa detalhado e reserve desde já o seu lugar, pois a respectiva lotação é limitada

Informações e reservas em:

Belos Turismo

Setúbal-Av. 5 de Outubro-Tel. 23291
Évora-Rua da República-Tel. 24254
Lisboa-Rua do Ouro, 242-Tel. 324306



CONSULTE «HORUS» e ficará a conhecer

OS ANOS MAIS IMPORTANTES da sua vida, os momentos, mais felizes ou menos favoráveis que lhe estão reservados, EM TODOS OS CAPÍTULOS DA SUA EXISTÊNCIA!

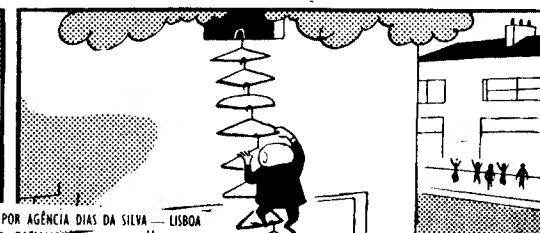
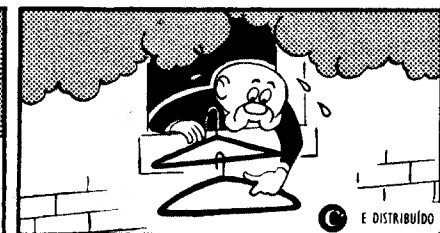
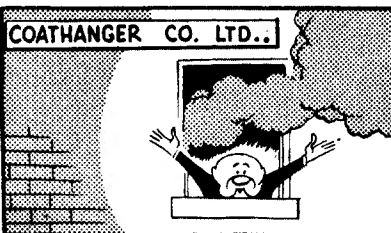
E AINDA muitas outras informações de grande interesse acerca de si próprio e do seu Destino...

Todos os dias úteis das 10 às 12 e das 14 às 19 horas. Av.ª João XXI, 3-2.º Frente (Junto à Praça do Areeiro) - Telef. 724162 - LISBOA

EMÍLIA BRAVO

A FALSIDADE

Em dias que ainda não percebi se são demasiado negros ou excessivamente transparentes, se dificultam a visão das coisas ou se lhe dão mais luz do que era aconselhável, em dias desses, parece-me viver num mundo lindamente camuflado com palavras-flores (de plástico, está bem de ver, mas tão bem imitadas, perfumadas, que não se dá pela substituição.) Se as criaturas respiram falsidade (onde estará o ar que aprendemos na escola e que já existe?), se se alimentam de falsidade (em forma de legumes, de frutos, de aves de aviário) como hão-de ser, o que ainda por cima nunca foram, isto é, leais? O adjectivo *falso* é dos mais usados e dos mais pensados. Por todo o lado para onde nos voltamos só deparamos com falsas fachadas, falsas atitudes, falsos elogios, falsos amigos, falsas promessas, falsos sorrisos, falsas palavras. Se um dia, por milagre, milagre ao contrário, pois claro, surgissemos todos como somos na verdade, todos sem excepção nem muito bons nem muito maus, mas na maioria das vezes mais isto do que aquilo, conhecer-nos-íamos? Mas Deus ou a Natureza protegeu-nos com esta farda de combate, da cor de trejeitos e de palavras, que acabamos por julgar que faz parte integrante de nós. Que até acaba por fazer parte integrante de nós. Só não é assim nos tais dias perigosos, em que nos encontramos sôzinhos numa ilha. Dias, esses que são raros e não acontecem a todos. Dias que não nos deixam contentes com os outros nem connosco próprios.

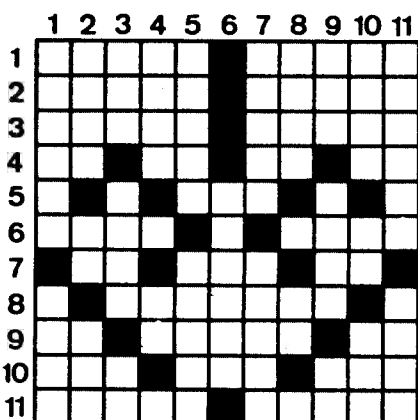


palavras cruzadas

COM PROVÉRBO
PROBLEMA N.º 10164

HORIZONTAIS

- 1 Permanecer. Implorar
- 2 Constar. Anfitrião
- 3 Zoológico alemão autor de notáveis trabalhos sobre os crustáceos. Cúrem.
- 4 O mesmo que uma (ant e pop). Actino (s.q.). Solitário.
- 5 Rio do estado de Mato Grosso. (Bras).
- 6 Antigo emirado da Arábia, ao sul do Hejaz. Genuína.
- 7 Erbio (s.q.). Hastes. Pronome pessoal.
- 8 Inundava.
- 9 Dois mil em romano. Logro (fig). Satélite de Júpiter.
- 10 Funde. Sirga. Bondoso.
- 11 Bebedeira (fig). Cavaleiro do exército alemão ou austríaco, armado de lança.



VERTICAIS

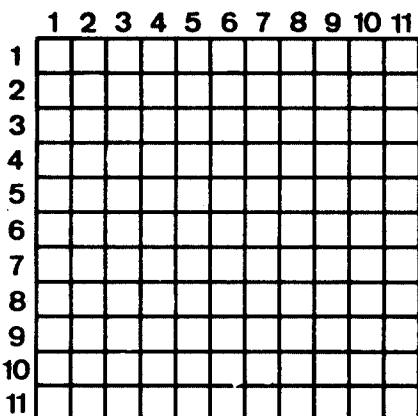
- 1 Desculpa. Dois mil cento e cinco em romano.
- 2 Planta do pé. Pronome reflexo. Tritura.
- 3 sede de conchelo ou de julgado (ant). Prova (fig). Prefácio de privação.
- 4 Desconfiado (Bras). Colão.
- 5 Quinhão (pop). Ideia (fig).
- 6 Proclamação.
- 7 Entrega. Concerto musical nocturno.
- 8 Pertenciam. Frivola.
- 9 Oferecer. Defuma. Bário (s.q.).
- 10 Aquela que depois de morta foi rainha. Nota musical. Cada uma das partes dissocidas pela corrente eléctrica.
- 11 Que tem ramos. Rebento.

Resolheu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBO nele inscrito.

HORIZONTAIS

- 1 Freguesia do conchelo de Almeirim. O mesmo que até (ant).
- 2 Nota musical. Tanque de jardim. Preposição.
- 3 Autoridade superior de aldeia, em certas regiões da Suíça. Sufixo que designa estado. Antiga ilha do Gato, em frente à baía do Rio de Janeiro.
- 4 O mesmo que bruxa (peixe). A parte podre da madeira (Prov). Prefixo que designa afastamento.
- 5 Serra do Brasil. Rei de Israel.
- 6 Antes de Cristo. Textualmente. Lutécio (s.q.). Composição poética. Aplaca (fig).
- 8 Preposição latina que designa movimento. Sufixo que designa abundância. Panelas.
- 9 Transpirar. Antiga unidade monetária da Alemanha. Voz usual entre índios e caboclos da Amazônia, que exprime espanto.
- 10 Nome de jogo. Falar. Nessa altura.
- 11 O sono das crianças. Bárbaros originários da região situada entre o mar de Azove e o Cáucaso.

NOVA MODALIDADE
PROBLEMA N.º 6320



VERTICAIS

- 1 Tecido de algodão comum na Turquia. Garfo de ferro, na extremidade de uma vara, para apanha do mexilhão.
- 2 Desejara. Rijo.
- 3 Carregio. Preposição e artigo definido.
- 4 O mais. Língua antigamente falada ao sul do rio Loire. Pesar.
- 5 Um dos estados da Federação da Malásia. Cartas de jogar. Plural.
- 6 Pessoa má e cruel (fig). Língua vernácula indiana.
- 7 Solitário. Calor do Sol (Prov). Ilha inglesa no mar da Irlanda.
- 8 Lista. Rio de Itália. Letra grega.
- 9 Utensílio doméstico. Grito de guerra entre os antigos gregos.
- 10 Esticada. Dera alarme (Gir).
- 11 A língua dos árabes. Antiga cidade da Arcádia.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10163

HORIZONTAIS

- 1 Trama. Apesar.
- 2 Ia. Ao. Do. Co.
- 3 QUEM. Rias
- 4 Uinal. ACABA.
- 5 Tia. Ror.
- 6 Fé. SUA. As.
- 7 Pé. Acama. Es.
- 8 Ama. Arc.
- 9 COVA. TAPA.
- 10 Amais. Pular.
- 11 Solar. Arara.

VERTICAIS

- 1 Tique. Peças
- 2 Raul. Fé. Omo.
- 3 Ente. Aval.
- 4 Mamai. Amaia.
- 5 Ao. Lasca. Sr.
- 6 Ua.
- 7 Ad. Arama. Pá.
- 8 Porco. Artur.
- 9 Lara. Cala.
- 10 Acab. Se. Par.
- 11 Rosar. Suara.

PROVÉRBO: Quem acaba, sua cova tapa.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6319

HORIZONTAIS

- 1 JAO. Ana.
- 2 Ia. Sargo. Ar.
- 3 Sol. Coa. Pio.
- 4 Ps. Passa. An.
- 5 Era. Tui.
- 6 Ralos. Armão
- 7 Cás. Api.
- 8 Mor. Ana. Ors.
- 9 Árias. Parou.
- 10 Irada. Acaso.
- 11 Samos. Rosar.

VERTICAIS

- 1 Dispor. Mais.
- 2 Aos. Acorra.
- 3 Elariam.
- 4 Ás. Prós. Ado.
- 5 Pacads. Asas.
- 6 Sôr. In.
- 7 Agasta. Apar.
- 8 No. Aura.
- 9 Importás.
- 10 Aia. Airosa.
- 11 Tronco. Suor.

AOS QUATRO VENTOS

OS INSECTOS

Os insectos têm na vida do homem uma importância muito maior do que se supõe. Com efeito, a sobrevivência da raça humana depende dos nossos vizinhos de seis patas.

Calcula-se que existem 900.000 espécies de insectos, agrupados em cerca de 700 famílias.

De todas essas espécies, apenas um milhar fazem concorrência ao homem em questão de alimentos.

Por vezes, o homem, precipitadamente, no seu afã de controlar os insectos prejudiciais, contradiz-se, destruindo insectos úteis. Dezenas de milhares de insectos destroem insectos prejudiciais ao homem.

Os insectos existem no planeta há milhões e milhões de anos. Se se tivessem proposto dominar a Terra, tê-lo-iam conseguido facilmente: são mais «responsáveis» que o homem, cuja ânsia de domínio é insaciável.

O ALIMENTO

Muitas espécies de pássaros, como por exemplo e andorinha, e certos mamíferos alimentam-se exclusivamente de insectos.

Os cientistas que estudam a vida das tribos primitivas sabem que a dieta dos seres humanos desses tempos remotos era geralmente deficiente em gorduras animais e proteínas e, no entanto, eles gozam de excelente saúde. Isto era devido a que se alimentavam de insectos.

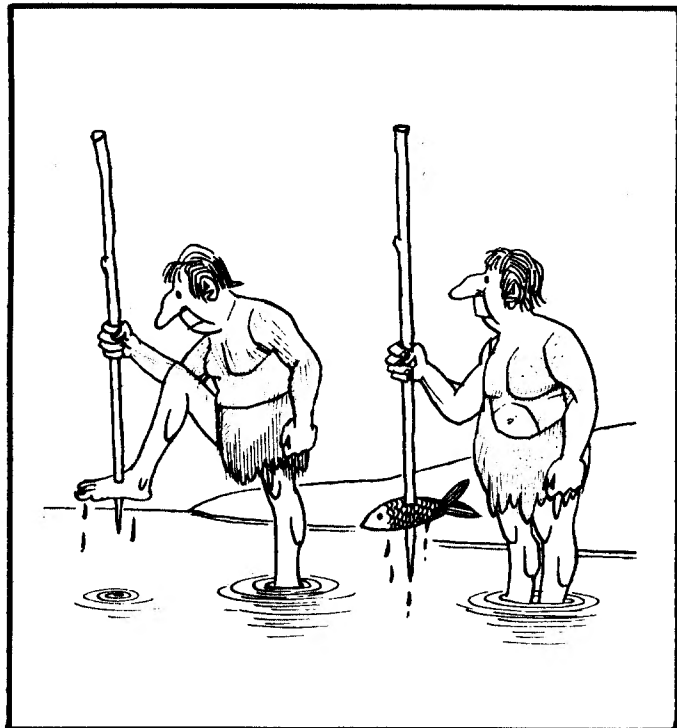
Uma análise de térmitas assadas, por exemplo, demonstra que contém 36,3 por cento de gorduras, 45,6 por cento de proteínas e 5 por cento de cinzas: um total de 508 calorias por cem gramas de peso.

O antropólogo Eugene Fischer estudou os pigmeus da África Central e verificou que os insectos faziam parte indispensável do seu regime alimentar.

É muito provável que o homem de amanhã, ante a escassez de alimentos, tenha que voltar a comer insectos, tal como fazia o homem primitivo.

O RABINO

Depois de ter vivido como



um justo, um rabino morre e vai para o céu. Chegado ali, Jehová convida-o a sentar-se a seu lado.

— Mas, Senhor — exclama o rabino — não sabes ainda como morri.

— Então como morreste?

— Ora, Senhor, devido a um infarto de miocárdio.

— Não vejo nisso nada de extraordinário. Tens sido sempre um homem bom e...

— Mas, Senhor, o infarto sobreviveu-me porque meu filho se converteu ao cristianismo!

— Compreendo, compreendo. A mim aconteceu-me exactamente o mesmo.

— Ah, sim! E que fizeste, Senhor?

— Simplesmente, um Novo Testamento (Cont. judeu)

SORTE

Alexis Piron, comediógrafo francês do século XVIII, andava sempre sem dinheiro. Um dia encontrou um amigo que acabava de se bater em duelo e contou-lhe:

— Ora vê tu a sorte que tive! A bala do meu adversário foi desviada por uma pequena moeda de prata que trazia no bolso!

— Foi muito feliz! Teve mul-

ta sorte! — exclamou Piron. — Eu no seu lugar tinha morrido imediatamente!

QUAL DELES?

Ernest Hemingway, então quase desconhecido ainda, encontrava-se em Paris, quando um jornalista escandinavo lhe perguntou pelo telefone se podia conceder-lhe uma entrevista. Hemingway deu-lhe algumas indicações e a hora a que o podia encontrar na recepção do hotel.

— Estava muito preocupado — explicou o jornalista a Hemingway — porque a não conhecia fisicamente, não! Depois, perguntei a um outro e disse-me: «Graças a Deus, não!». Evidentemente que um dos dois havia lido os seus livros...

— Com certeza — respondeu Hemingway com um sorriso. — Mas, qual deles?

REFLEXÃO

Quem encontra um amigo, encontra um tesouro. E quem encontra um tesouro, encontra muitos amigos.

(ALA)



M/6 anos

Caldas da Rainha

15 AGOSTO — AS 18 H.

FEIRA ANUAL

8 TOIROS
de DR. BRITO PAIS

CAVALEIROS

JOSÉ ATAYDE
LUÍS M. DA VEIGA

ESPADAS

MÁRIO COELHO
OSCAR ROMANO

FORCADOS AMADORES DE SANTARÉM

Capitaneados por JOSÉ MANUEL SOUTO BARREIROS

ASSEGURADO SHARVEN FRANCE BOM RENDIMENTO

ÓPTIMO RENDIMENTO PARA PEQUENO INVESTIMENTO NA



SHARVEN-FRANCE

Campo Grande, 1-D, 2.º Esq. — LISBOA-5

Participe nos benefícios dos melhores Hotéis, Restaurantes, Cinemas, Teatros, Gares, Aeroportos, Casinos, etc.

Se tem 20 000\$00 ou mais escreva-nos. Rendimento assegurado.

CUPÃO A ENVIAR COLADO NUM POSTAL

Queiram enviar-me informações detalhadas sem compromisso

Nome

Morada

Telefone

DL

As firmas abaixo indicadas comunicam que encerrarão todos os seus serviços no dia 11, pelas 19 horas, reabrindo no dia 16, às 9 horas.

- Estabelecimentos J. B. Fernandes, S. A. R. L.
- M. Nunes d'Almeida, Limitada
- Rocha, Amado & Latino, Limitada
- Sena, Botto & Leitão, Limitada
- Teixeira, Lopes & Neves, Limitada

SURDOS

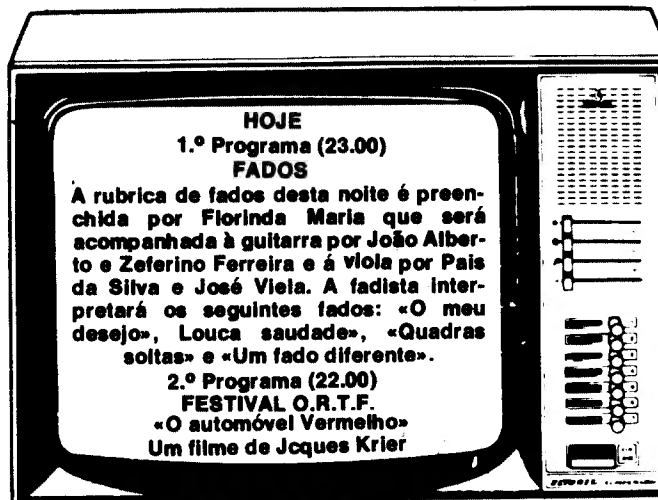
CASA SONOTONE



Vejam o que acontece àqueles que não ouvem bem. Felizes os que têm um Sonotone. Venham já fazer um exame que é gratuito para verem o que há de mais moderno para corrigir a surdez. Temos pilhas de todas as voltagens, de mercúrio e de carvão. Trocamos todos os aparelhos sejam ou não das nossas marcas e de qualquer casa. Prestamos assistência com consciência, tanto em Lisboa como na Província. Pedimos uma visita com um grande Obrigado.

Em LISBOA, Poço do Borratém, 33, s/1 — Tel. 868352
No PORTO, Praça da Batalha, 92-1.º — Tel. 02-35602
Em LUANDA, Rua Ant.º Enes, 42-2.º — Apart. 26

televisão



SIEMENS ESTORIL
O TELEVISOR DOS JOGOS OLÍMPICOS

HOJE

1.º Programa

1.º Período

12.30 Abertura e missa de Domingo
13.10 Dia do senhor
13.30 Vamos aprender Judo
13.45 Telejornal, 1.ª edição
14.00 Robin dos Bosques
14.25 Hoje pode ver
14.30 Expedição
14.55 Eurovisão. Transmissão directa do Grande Prémio Automóvel da Austrália
17.00 Desenhos animados
17.25 Tarde de cinema. Topkick, O Cavalo Branco
18.35 Domingo desportivo
19.00 TV Rural
19.30 Telejornal, 2.ª edição
19.45 Portugal além da Europa
20.10 Os companheiros
20.40 TV 7
21.30 Telejornal, 3.ª edição
22.00 Longstreet
23.00 Fados
23.20 Domingo desportivo. Resumo filmado da Volta a Portugal em Bicicleta
23.45 Telejornal, últimas notícias
23.50 Meditação e fecho

2.º Programa

20.30 Dó, Lá, Si
21.00 O regresso de Lucy
21.30 Telejornal, 3.ª edição
22.00 Festival O.R.T.F. O Automóvel vermelho.
23.05 Concerto. Sonata para violino solo de Bela Bartók, por Bruce Berg (violino) e fecho

AMANHÃ

1.º Programa

1.º Período

12.45 Abertura e desenhos animados
13.50 Feminino singular
13.15 Uma mãe para Eddie
13.45 Telejornal, 1.ª edição
14.00 Um dia com...
14.25 Logo à noite
19.30 Telejornal, 2.ª edição
19.45 Cartaz TV
20.00 Porta aberta
20.30 Ao serviço da Nação
21.00 Na terra do arco-íris
21.30 Telejornal, 3.ª edição
22.00 O jogo do galo
22.40 Telejornal
23.30 Actualidade desportiva. Resumo filmado da Volta a Portugal em Bicicleta
23.45 Telejornal, últimas notícias
23.50 Meditação e fecho

2.º Programa

20.30 Abertura e uma Mãe para Eddie
21.00 Um dia com...
21.30 Telejornal, 3.ª edição
22.00 TV Clube, com o organista Gerard Show
22.25 Noite de cinema. O gato Bravo do Arizona e fecho.

urgência

Emergência	115	Judiciária	53 5380
Bombeiros	32 2222	Intoxicações	76 1176
C.V.P.	66 5342	Aeroporto	71 1397
H. de S. José	86 0131	C.R.G.E.	53 7021
H. de S. Maria	73 0231	C. A.guas	36 1361
P.S.P.	36 6141	Comboios	32 622

tempo

HOJE

09.00 H

Em Portugal Continental o céu estava encoberto, o vento era fraco ou moderado predominando de Noroeste e havia neblina ou nevoeiro em alguns locais.

TEMPERATURAS DO AR

09 00 H

PORTO	17º
PENHAS DOUR.	13º
COIMBRA	16º
PORTALEGRE	15º
LISBOA	17º
FARO	23º

TEMPERATURAS EXTREMAS

Faro
Máxima 29º

Penhas da Saúde
Mínima 7º

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do mar 14,4º
Atmosfera 20º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
6.36	3,7 m
18.50	3,8 m 12.01 1,0 m
	Dia 14
7.11	3,6 m 0,27 1,1 m
19.26	3,6 m 12.38 1,2 m
	Dia 15
7.48	3,4 m 1,04 1,3 m
20.05	3,3 m 13.19 1,4 m

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Regiões de Norte e centro o céu estava geralmente muito nublado; vento moderado de Noroeste; períodos de chuva fraca a norte do Vale Mondego; no fim da tarde e noite do dia 12; nas regiões do Sul céu geralmente pouco nublado e o vento era fraco ou moderado de Noroeste.

AMANHÃ

Nascer às 6.49
Ocaso às 20.33

Dia 17 Dia 24 Dia 31 Dia 7



EMISSORA 1.º Programa

16.00 Sinal Horário — noticiário Jogos Olímpicos, por Fernando Garcia Onda Musical
18.05 Música e cadência
19.10 Música da Europa
20.00 Diário sonoro
20.20 Exatidão em parada
21.00 Rádio desportivo
21.30 Variedades (ERN)
22.00 Teatro das comédias: «O Peno do Hortelão», de Lope de Vega, numa adaptação de Leopoldo de Araújo
22.35 Música portuguesa
23.05 Sol e toiros
23.30 De um dia para o outro, por Fernando Garcia
00.00 De um dia para o outro (Cont.)
00.30 Diário sonoro
00.45 De um dia para o outro (cont.)
02.00 Programa em MF 1 de LX. Fecho

2.º Programa

16.30 Música de piano — OBRAS DE Mozart e Schumann
17.00 Sonata N.º 8, em EM do Maior, K 296 (Mozart)
17.20 Perspectivas da música para piano, de Scriabin
18.00 Intercâmbio musical — concerto de domingo (1.ª parte)
18.34 Intervalo: canções de Walter Courvoisier, pelo contralto Lucienne Devallier
18.45 Concerto de domingo — 2.ª Parte Intercâmbio musical (cont.)

19.15 Música de câmara

20.00 Diário sonoro
20.20 O conjunto de câmara «Bendito Marcello»
20.30 As grandes figuras do mundo português — pelo Dr. Almeida Pais
21.00 Recital de piano por Helena de Sá e Costa
21.30 Que quer ouvir? — Programa elaborado por Margarida Brandão
23.00 Emissão em línguas estrangeiras
01.15 Fecho

PROGRAMA ESTEREOFÓNICO

MF2
21.00 Música ligeira variada
22.00 Paixão segundo S. João (Oratória) (Bach)
00.35 Prelúdios, OP. 32 (Rachmanninoff)
))) Fecho
RÁDIO CLUBE
16.04 Tarde Desportiva.
18.02 Projectão
18.30 Meia hora depois
19.03 Formula 1
19.30 Vedetas e canções
20.00/21.00 «Rádio 72»
20.00 Nota de Abertura
20.15 Comentador Desportivo
20.30 De 7 em 7 dias
20.45 A estrela da Noite
21.00/24.00 «Quadrante 2-9-0»
21.32 Impacto
22.30 Quando o telefone toca
23.05 Mensagens Bíblicas
23.19 Canções ao acaso
23.30 PBX
2.00 A noite é nossa
6.00 Diário rural
7.00 Talismã
MODULAÇÃO de FREQUÊNCIA
16.04 Pêndulo

17.57 O Nosso Programa

19.04 Vértice
20.00 Nota de Abertura
21.02 Boa Noite em FM
22.02 Programa A GÔ-GÔ
A23.00 Noticiário; Programa A GÔ-GÔ (continuação)
0.02 Em órbita-dois
1.02 Banda sonora Sonipol
2.00 Perspectiva
3.00 Fecho

EMISSOR DE MIRAMAR

15.55 Tarde Desportiva
18.00/20.00 «Sintonia 18»
18.01 Música e Desporto
18.30 Presença Coimbra
19.03 Conjunto
319.15 Campeão Português
19.30 Boletim Desportivo
20.00 Nota de Abertura
20.07 Norte dia a dia
21.00/24.00 «Genérico»
21.04 Viagens Na Nossa Terra
21.30 A voz da esperança
22.03 Selecção de Ritmos
22.15 A Hora do Templo
22.30 Variedades
23.04 Clube da Juventude

RADIO RENASCENÇA

15.30 Onda desportiva
18.00 Automobilismo
18.30 Missa
20.00 Zona Verde espaço ocupado pela família
20.35 Variedades
21.00 Meditando
21.03 Suplemento especial
22.00 Quando o telefone toca
22.30 Na hora do regresso
23.00 A 23.ª Hora
24.00 Tempo Zip



Amplas de serviço

LISBOA

AJUDA
Teles, R. João de Barros, 2
(Tel. 638249).

ALCANTARA
Nogueira, R. da Creche, 2
(Tel. 631635).

ALFAMA
Nacional, R. S. João da
Praça, 26 (Tel. 863632).

ALTO DE S. JOÃO
Carrondo, Rua Padre Sena
de Freitas, 10-A (Tel.
842518); Oriente, R. Lopes,
120 (Tel. 843381).

ARCO CEGO
Palma, Av. Duque de Ávila,
25-31 (Tel. 47088).

ALVALADE
Cartaxo, Avenida da Igreja;
-50 (Tel. 776358); Brasília,
Avenida Rio de Janeiro, 66-
A (Tel. 722358); Nova Lis-
boa, R. Guilhermina Suggia,
12 (Tel. 727721); Ávia, Aven-
da de Roma, 56-B (Tel.
715370).

AREIRO
Galeno, Av. Óscar Monteiro
Torres, 38-A (Tel. 774920);
João XXI, Av. João XXI, 16-
A (Tel. 726462).

ARROIOS
Matos, Rua Álvaro Coutinho,
10 (Tel. 821671); Nunes, Rua
Ángela Pinto, 32 (Tel.
497556).

AVENIDA DA LIBERDADE
Nacional, Rua do Salitre, 7
(Tel. 46858).

AVENIDAS NOVAS
Fátima, Av. 5 de Outubro,
147-A (ao cruzamento da Av.
Barbosa do Bocage) (Tel.
763107); Avenidas, Av. da
República, 27-A (Tel.
533688).

BAIRRO ALTO
Veritas, R. da Misericórdia,
135 (Tel. 324554 - 327563 -
4).

BAIRRO DA ENCARNACÃO
Ascenso, Praça do Norte 11
(Tel. 311216).

BAIXA
Barral, Rua Augusta, 225
(Tel. 361534 - 5).

BELEM
Remisio, Rua dos Jeróni-
mos 14-C (Tel. 631699).

BENFICA
Lisboa, Rua Cláudio Nunes,
73-A (Tel. 703396); Sousa,
Estrada de Benfca, 429
(Tel. 780027).

CALÇADA DA BOA HORA
Sepol, Calçada da Boa Ho-
ra, 94-A (Tel. 631958).

CAMPOLIDE
Patria, Calçada dos Mes-
tres, 30-A (Tel. 680627); Go-
mes, Rua Rodrigo da Fonse-
ca, 101-A (Tel. 682333).

CAMPO DE OURIQUE
Ourique, Rua Freitas Gazu-
l, 32-B (Tel. 671667); Castro
Fonseca, Rua 4 de Infanta-
ria, 28-A (Tel. 688857).

CARNIDE
Leal de Matos, Rua Neves
Costa, 33 (Tel. 780181).

ESTEFÂNIA
Estefânia, R. Pascoal de Me-
lo, 90 (Tel. 44438).

GRAÇA
Santo António, R. Leite de
Vasconcelos, 72-C (Tel.
862333); Rosas Viegas, R.
de S. Vicente, 31 (Tel.
864351).

LAPA

Carrasco, Rua Presidente Ar-
riaga, 39 (Tel. 667460).

LUMIAR

S. Tomé, Estrada do Desvio,
Lote 12-C (Tel. 790704); Ala-
meda, Alameda das Linhas
de Torres 201-B (Tel.
790742).

MADRAGOA

Nunes Simões, Rua do Que-
lhas, 1 (Tel. 661275).

OLIVAIS

Nova dos Olivais, Rua E. 1
Lote 469 (Olivais Sul) (Tel.
316402).

PENHA DE FRANÇA

Carrondo, Rua Padre Sena
de Freitas 10-A (Tel.
842518).

PICHELEIRA

Luzmar, Rua João Nascimen-
to costa, 16-A (Tel. 72835 -
720703).

RATO

Janeiro, Avenida Pedro Álvaro
Cabral, 100 (Tel.
661453).

REGO

Universitária, Rua Alfredo
Roque Gameiro, 29-D (Tel.
778953).

SANTA CATARINA

Modelar, Largo Dr. António
de Sousa Macedo, 7-A (Tel.
678896).

S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA

Aguiar, Av. Columba Bordo-
lo Pinheiro, 98-A (Tel.
768343 - 764629).

XABREGAS

Salter, Rua de Xabregas, 63-
65 (Tel. 381185).

ALGÉS

Branco, Av. Com. G. Guerra,
29 (Tel. 212081).

CAXIAS

Nova Rua Bernardim Ribe-
ro, 15A (Tel. 242839).

ÇAPO DE ARCOS

Trindade Brás, R. Costa Pin-
to, 186 (Tel. 2432034).

OEIRAS

Alcântara Guerreiro, P. Resi-
dencial dr. Augusto de Cas-
tro-Lote 10 (Tel. 2430691).

PAREDE

Macau, R. José Elias Gar-
cia, 80-C (Tel. 241785).

S. JOÃO DO ESTORIL

S. João (Tel. 261186).

MONTE ESTORIL

Costa Av. Sabóia, 29-B (te-
lef. 260085).

CASCAIS

Misericórdia R. Regimento
19, 41 (Tel. 280141).

CASCAIS R. Conde Monte

Real-B.º Caixas (telef.
282407).

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Nunes, L. Coronel Ramos da
Costa, 10 (Tel. 234137).

ALHOS VEDROS

Portugal, Av. da Bela Rosa,
8 (Tel. 224250).

ALMADA

Cristo-Rei, Av. do Cristo-
Rei, 31-A (Tel. 273498).

BAIXA DA BANHEIRA

Aliança, Est. Nacional, 174
(Tel. 224302).

BARREIRO

Avenida, Av. Alfredo da Sil-
va, 88 (Tel. 2273212).

COVA DA PIEDADE

Cunqueira Afonso, P. 5 de
Outubro, 18 (Tel. 270254).

MOITA

União Moitense, Av. dr.
Teófilo Braga (Tel. 239025).

MONTIJO

Diogo, R. Almira Reis, 42
(Tel. 230032).

SESIMBRA

Lopes, R. Cândido dos Reis,
67 (Tel. 229028).

SETUBAL

Costa L. da Misericórdia
(Tel. 22760).

SEIXAL

Soromenho R. Paiva Coe-
lho, 38 (Tel. 2218580).

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Amadora P. 28 de Maio, 3-A
(Tel. 935518).

Carmelo R. Elias Garcia, lo-
te 28(933303).

Helénica R. Elias Garcia, 2
(Tel. 933613).

S. Jorge R. Pedro del Ne-
gro, 5-Reboleira (Tel.
938703).

DAMAIA

Lemos R. de Goa, 21-A (Te-
lef. 971121).

QUELUZ

André Av. Elias Garcia, 151
(Tel. 950043).

Que luz Av. Miguel Bombarda, 123-
A (Tel. 951841).

CACÉM

Central R. Elias Garcia, 55
(Tel. 2940034).

MEM MARTINS

Químia Est. de Mem Mar-
tins, 285 (Tel. 2910012).

S. PEDRO DE SINTRA

Valentim (Tel. 980456).

SINTRA

Marras L. Rainha D.
Amélia, 20 (Tel. 980155).

COLARES

Abreja (Tel. 299088).

PORTO

SUB-TURNO A
Correia de Araújo, Rua de Santa
Catarina, 259; Nova Aveni-
da, Av. F. de Magalhães,
692; Pinheiro Manso, R. S.
João de Brito, 25-29; Santa
Teresa, P. Guilb. G. Fernan-
des, 100; Silva Pereira, R.
Costa Cabral, 293.

SUB-TURNO B

Aves, P. Exército Libertador, 62;
Anacleto de Barros, R. do
Loureiro, 104; Boa Hora,
Rua da Boa Hora, 80; Came-
ira, Rua do Heroísmo, 90;
Confiança, Rua de Santa Ca-
tarina, 960.

COIMBRA

Neves Morgado, Rua da
Moeda, 106-108 (tel.
23038); Rodrigues da Sil-
va, R. Ferreira Borges, 32
(tel. 24348); S. José, Arcos
do Jardim, 41 (tel. 24697).

cinemas

cinemas

cinemas

MONUMENTAL (Tel. 555131)
15.15 - 18.15 e 21.30 Grupo B 10 anos
Pelo povo e contra o rei O
FACHO E A FLECHA.
Com Bert Lancaster e zvir-
ginia Mayo

SATÉLITE (Tel. 562632)
15.00 - 17.00 - 19.00 - 21.45
(Grupo D (18 anos) 4.ª Semana
AS MIL E UMA NOITES PA-
RA ADULTOS. Uma realiza-
ção de Elichi Yamamoto.

ROMA (Tel. 727778)
15.30 e 21.45
Grupo D (18 anos)
Um espectáculo notável «O
LAMPÍO» com Thomas Mi-
lian — Technicolor Cinemas-
cope

EDEN (Tel. 320788)
15.30, 18.30 e 21.45
(Grupo C 14 anos)
Color da superprodução ro-
mana «A ÚLTIMA CRUZADA»
Um filme de Sergio Nicolaescu

ODEON (Tel. 326283)
15.15, 18.15 e 21.30
Grupo C (14 anos)
26.ª semana de êxito
NÃO DESEJAS O DELICA-
DINHO DO 5.º, com Alfredo
Landa, Jean Sorel, Ira de
Fustemberg e Isabel Garcés.

MUNDIAL (Tel. 538743)
15.15 - 18.30 e 21.45
Grupo D 18 anos
Technicolor o terror espera
por si em «A CASA QUE
ESCORRIA SANGUE» com
Christopher Lee e Peter
Cushing.
(Ar condicionado)

CASINO ESTORIL
18.30 e 21.30
«OS PIRATAS DO ARQUI-
PÉLAGO»

TIVOLI (Tel. 717480)
14.30 - 18.00 e 21.30
Grupo A (6 anos) 73.ª Semana
O maior êxito de sempre «MU-
SICA NO CORAÇÃO» com Julie
Andrews e Christopher Plummer
70 m/m Technicolor (Ar con-
dicionado)

ESTÚDIO 444 (Tel. 779095)
15.30 - 18.30 e 21.45
Grupo A (6 anos)
uma aventura fantástica «O
FALCÃO» Com Ron Moody
e Jack Wilde-color

EUROPA (Tel. 661016)
15.15-21.30
Grupo C (14 anos)
Em continuação Frank Sinatra
em «OS SETE LADROES DA
CIDADE».

AVIZ (Tel. 47163)
15.30 e 21.45
Grupo B (10 anos)
Color-Scope
29.ª Semana. O filme do ano
TRINITÁ (COW-BOY INSOLE-
NTE, com Buel Spencer e Te-
rence Hill.

ALVALADE (Tel. 717480)
15.15 - 18.15 e 21.45
Grupo C (14 anos)
Anthony Quinn e Gina
Lollobrigida em «NOSSA SE-
NHORA DE PARIS»
(Metro - Alvalade)

IMPÉRIO (Tel. 555134/5)
15.15 - 18.30 e 21.30
Grupo C (14 anos)
«UM AMOR MAIOR QUE OS
FURELOS DA GUERRA»
Anthony Quinn e Verna Lisi em
A 25.ª HORA
«Metropolitano-Alameda»

ESTÚDIO (Tel. 555134/5)
15.30, 18.30 e 21.45
Grupo C (14 anos)
6.ª Semana
O MUNDO A SEUS PÉS.
O melhor filme de todos os
tempos de Orson Welles.
Metro Alameda

IMPERIAL (Tel. 821933)
15.00 e 21.00
Grupo D (18 anos)
«TEMPO DE VIVER» com
Faye Dussaway, viveca Lind-
fords e Barry Horse. Em
complemento «UM HOMEM
EM LEILÃO».

BERNA (Tel. 776098)
15.15 - 18.30 - 21.45
Grupo B (10 anos)
O rei do gang gos gaix
«DINHEIRO EM CAIXA» com
Jerry Lewis e Deam Martin
Colorido. (ar condicionado)

CONDES (Tel. 322523-326710)
15.15-21.15
4.ª Semana
Agora para maiores de 14
anos «E TUDO O VENTO
LEVOU» com Clark Gable
Vivien Leigh, Leslie Howard
e Olivia de Havilland
O filme começa a ser pro-
jectado 10 minutos depois
do início das sessões.

POLITEAMA
15.15 - 18.15 - 21.45
Grupo D (18 anos)
Um festival de terror para
nervos de aço «PESADELO
DE CERA»

ROYAL (Tel. 855037)
15.00 - 21.00
Grupo B (10 anos)
Um filme da maior força
espetacular «OS VETERA-
NOS DE TOBRUK» Scopeco
lor com Richard Burton
Conlon Greyn. Em comple-
mento «OS MILIONÁRIOS»

VOX (Tel. 720808)
15.15-18.30-21.45
Grupo D (18 anos)
Colorido Ele era casado
mas tinha um fraco... SC
PENSAVA NELAS com Ri-
chard Benjamin e Joanne
Shinkus.

LYS (Tel. 48560)
15.00 - 21.00
Grupo B (10 anos)
Um filme de Alexander Aio-
e Vladimir Naumov «A GRAN-
DE FUGA» com Luydnul-
Savelyeva e Mikhaie Batalov
Em complemento «A SOMBR/

LONDRES (Tel. 731313)
14.15-16.30-18.45 e 21.45
(Grupo C (14 anos)
8.ª semana
MELODY.
Venha ver como começamo
a amar com Mark Foster
Jack Wild e Tracy Hvd
Cinema
Snack Bar-Pub
The Flag-o melhor encont
gastronómico

APOLLO 70 (Tel. 763319)
15.00 - 18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos)
3.ª Semana
Eastmacolor
Um filme de Orson Well-
HISTÓRIA IMORTAL com O-
son Welles e Jeanne More-
(Ar condicionado)

S. JORGE (Tel. 54152/4)
15.15 - 18.15 e 21.30
(Grupo D 18 anos)
2.ª Semana
«SMIC SMAC SMOC»
O mais divertido filme de
Claude Zeluoch.

Outros espetáculos

LISBOA Teatros

MONUMENTAL
20.45 e 23.00 (18 anos)
«Pra Frente Lisboa»

LAURA ALVES
20.45 e 23.00 (18 anos)
«Uma cama para toda a gen-
te»

LISBOA Cinemas

CINEARTE
21.00 (18 anos)
«Caiu uma garota na minha
sopa»

PARIS
21.00 (14 anos)
«O BARÃO Vermelho»

RESTELO
21.00 (18 anos)
«O Quinto dedo»

JARDIM
21.00 (10 anos)
«Shane»

OLIMPIA
21.00 (10 anos)
«O Tesouro inacessível» e «Sub
marino X-1»

PROMOTORA
21.00 (18 anos)
«OS DIAMANTES SÃO ETER-
NOS»

ESPLANADA CASTANHEIRA
21.30 (10 anos)
«Zingara»

ARCO IRIS
21.00 (10 anos)
«Os condenados»

LINHA DE CASCAIS

CASCAIS
S. José
21.30 (18 anos)
«A solução final»

ALGÉS
Stadium
21.30 (14 anos)
«O Homem que não queria
matar»

PARADE
Royal-cine
21.15 (14 anos)
«O Senhor das ilhas»

ESTORIL
Casino
18.30-21.30 (10 anos)
«Os Piratas do Arquipélago»

ESTORIL
Palácio
21.30 (18 anos)
«Aconteceu no verão passado»

ESTORIL

Esplanada
21.30 (10 anos)
«O Parceiro do Diabo»

LINHA DE SINTRA

DAMAIA
D. João V
21.30 (18 anos)
«Casanova 70»

AMADORA
Recreios Desportivos
21.15 (10 anos)
«Nem sangue nem arena»

QUELUZ
Que luz Cinema
4 21.15 (10 anos)
«10000 dólares por um as-
sassino» e «Da Terra à Lua»

MEM MARTINS
Cine Chaby
21.30 (18 anos)
«As noites quentes de Lady
Hamilton»

SINTRA
Carlos Manuel
21.30 (6 anos)
«A Canção da Noruega»

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrível
21.15 (10 anos)
A Costureirinha da Sé»

LARANJEIRO
Instrução e Recreio
21.30 (18 anos)
«Um clube só para cava-
lheiros»

PORTO Cinemas

ÁGUIA DE OURO
21.30 (10 anos)
«Trinitá, cow-boy insolente»

DL

RENASÇENÇA GRÁFICA S. A. R. L.
PROPRIETARIA DO
DIÁRIO DE LISBOA
ADMINISTRAÇÃO GERAL
REDACÇÃO E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO, 185-1.º, 2.º, 4.º
TELEF. 654531/2-3-4
SERVIÇOS TÉCNICOS
RUA LUZ SORIANO, 44
RUA DA ROSA, 57
END. TEL. DBOA, TELEX 1363
LISBOA-PORTUGAL

A TRIBO DE JANE BIRKIN VAI À PRAIA

Exclusivo ADS/DL

Jane Birkin acaba de chegar a Nice em companhia de Serge Gainsbourg e das suas duas filhas Kathy de cinco anos e Charlotte de 10 meses a fim de ser uma das intérpretes do novo filme de Richard Balducci, «Demasiado bonitas para serem honestas».

Jane aproveita, no intervalo das filmagens, o tempo quase estável para se dirigir à praia onde se estende ao sol ou brinca com as filhas. Serge Gainsbourg, que também desempenha um pequeno papel no filme de Balducci, prefere não se expor aos raios solares e não abandona «Doggy», o cão que Jane lhe ofereceu no seu último aniversário.

Em «Demasiado bonitas para serem honestas», Jane Birkin desempenhará o papel de uma jovem e encantadora psiquiatra que, devido às circunstâncias, acabará por se tornar gangster de saias com mais três companheiras: Bernardette Lafont, Elisabeth



Brincar com os filhos



As crianças, o sol e a praia

Wiener e Emma Cohen.

Companheiros inseparáveis desde a rodagem de «Slogan» Jane Birkin e Serge Gainsbourg são actualmente a perfeita imagem de uma família muito tradicional... se bem que

várias vezes não tenham hesitado em fazer escândalo, quer cantando «Je t'aime moi non plus», ou retardando continuamente a data do casamento, apesar do nascimento da pequena Charlotte...

**1 SEMANA
em LONDRES**

POR APENAS 3 350\$

Partidas: 3, 7, 14, 21 e 28/8
(Alguns dias esgotados)

- VIAGEM EM AVIÃO A JACTO
- ESTADIA NO HOTEL
- TRANSPORTES EM TERRA
- VISITA DE LONDRES
- TODAS AS TAXAS
- ASSISTÊNCIA DE DELEGADO ABREU

NOVAS PARTIDAS: 11, 18 e 25/8

LONDRES — FIM DE SEMANA

DE 1 A 5/9 **POR APENAS 2 900\$**

Em qualquer das partidas DESCONTO DE 10% para grupos de 10 pessoas

ORGANIZAÇÃO

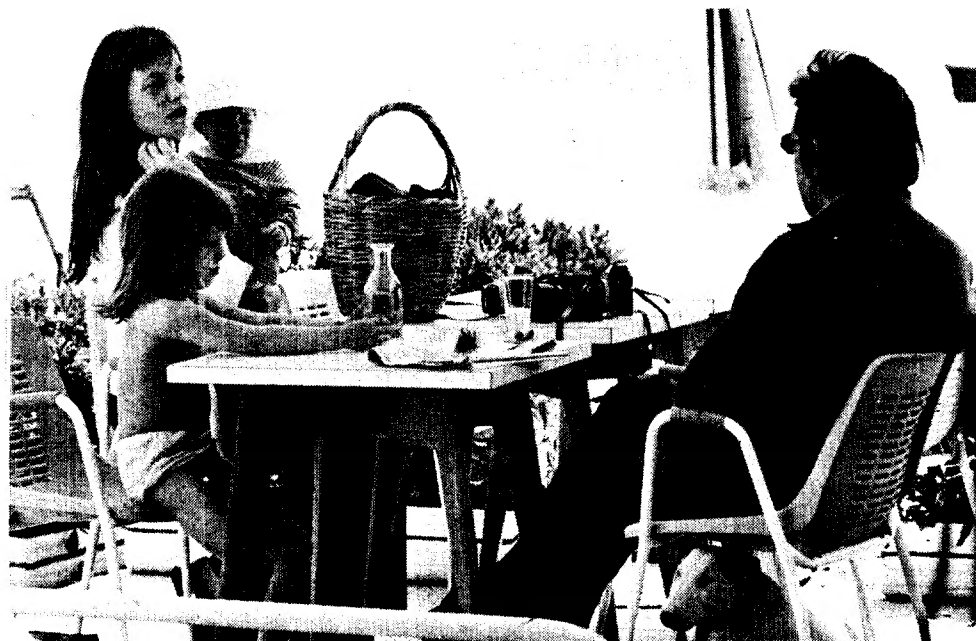
abreu

FUNDADA EM 1940

PORTO — Av. Aliados, 207 — Telefone: 37921
LISBOA — Av. Liberdade, 168 — Telefone: 320021
COIMBRA — Rua de São, 2 — Telefone: 27011



Os grandes companheiros de Birkin



Uma família tradicional